



Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

CRÔNICAS LITERÁRIAS  
*Crônicas Literárias*

Crônicas publicadas em revistas de 1933-1938.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do UnicenP - Curitiba

---

Franco Sobrinho, Manoel de Oliveira  
F825 Crônicas Literárias / Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.  
Curitiba : Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2005.  
224 p. : il.

1. Crônicas paranaenses. I. Título

CDU 869.0(816.2)-4  
CDD B869.4

---

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

# CRÔNICAS LITERÁRIAS

*Crônicas Literárias*

Crônicas publicadas em revistas de 1933-1938.

Copyright © 2005 Manoel de Oliveira Franco Sobrinho  
Todos os direitos desta edição reservados ao:

Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho  
Rua Visconde do Rio Branco, 237  
Curitiba – PR – CEP 80410-000  
Fone: (41) 3028-8311 – FAX (41) 3028-8300  
secretaria@institutooliveirafranco.org.br  
<http://www.institutooliveirafranco.org.br/>

Revisão:  
*Tomás Barreiros e Yvana de Andrade Barreiros*

Capa e Projeto Gráfico:  
*Nancy Marchioro*

Fotolitos e Impressão:  
*Oficina do Impresso*



---

INSTITUTO  
MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

❧ REALIZAÇÃO ❧

INSTITUTO  

---

MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

❧ COLABORAÇÃO ❧

Academia Paranaense de Letras  
Manoel Antonio de Oliveira Franco  
Maria Olimpia Oliveira Franco de Macedo  
João Manoel de Oliveira Franco  
Gabriel Placha  
Tânia Mara Melo Medeiros

## ❧ PREFÁCIO ❧

Alceu Amoroso Lima nos ensinou que *“o passado é o que de bom ficou do passado”*.

“A Ordem”, revista do Centro D. Vital, da Ação Católica do Rio de Janeiro, sob as bênçãos do zeloso Cardeal Leme, presidida pelo mesmo Alceu Amoroso Lima, no seu número de janeiro de 1937, traz o discurso revolucionário do orador da turma de Direito de 1936 da Universidade do Paraná:

“... Até ontem, eram os filhos da solidão. A crise no domínio do pensamento moral, a inquietação do futuro, a apreensão angustiante dos dias que correm, obrigaram-nos – permiti que o diga – a romper com todos os laços que nos ligavam ao passado político da humanidade e assim, na forma do nosso ideal de jovens, criar um mundo ao nosso modo, falho de experiência, mas um mundo totalmente nosso, cheio de fé, de confiança no espírito eterno da vida ...”

O texto terminava exortando:

“... Meus colegas! Abandonemos a ilusão da felicidade terrena. Quatro séculos de inversão de realidades já bastam. Chegou o momento de pacificamente ou com violência – porque a mocidade também precisa acreditar na técnica da violência ou nos resultados da força bruta – de dar formas ao nosso ideal de organicidade política. Deixemo-nos dominar pelo espírito de revolução,

deixemos penetrar a nossa alma das forças que movimentam as grandes rebeliões. E procuremos com ardor um motivo de vida, uma razão para a nossa vida, uma razão de viver.”

Quem pensava e falava assim era, com menos de 20 anos, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.

O intenso e extenso programa editorial do Instituto que leva seu nome – e preserva sua obra jurídica e intelectual – revela-nos agora seus pensamentos e crônicas de jovem, páginas escritas por volta de seus 17 a 18 anos, em expressivas revistas do Paraná e da capital da República.

Neste volume, aparece o espírito inquieto e apostólico do jurista, polemista, pensador e político, em crônicas e textos de opinião pinçados das páginas de revistas das décadas de 30 e 40 do século XX.

Revistas como “Fon-Fon”, “A Época”, “Jornal das Moças”, “Revista Nacional”, “A Ordem”, “Vamos Ler!” todas publicadas no Rio de Janeiro, e também a heróica “A Semana”, sua concorrente “Invicta” e o “Correio dos Ferroviários”, publicações de Ponta Grossa, no nosso Paraná.

Ocasão de penetrarmos num painel da realidade brasileira daquela época, quando se consolidava o poder do presidente Getúlio Vargas, o mundo marchava para a II Grande Guerra, o Brasil começava a industrializar-se. O Paraná vivia o coroamento de sua povoação, com a chegada dos pioneiros, da estrada de ferro, do desmatamento e das lavouras de café, às barrancas cálidas do grande rio que nos empresta seu nome.

Sintoma da mentalidade deste tempo é o texto “*Basta de negros, índios e bananas*”, no qual Oliveira Franco critica os regionalismos e advoga a grandeza do Brasil único, sua vocação além de “país exportador de sobremesas”, num repto a artigo da imprensa argentina.

Mas a plêiade de textos guarda também ensaios de história e sociologia, qual “*O fenômeno de Santa Catarina*”, publicado na “Vamos Ler!” de 15 de outubro de 1942, no Rio de Janeiro, então capital da República.

Ou ainda “*Introdução ao Estado Moderno*”, publicado na Revista Nacional, em março de 1934, quando o futuro professor já ensinava: “... o homem, nos ensina Bagehot, tornou-se aos olhos da ciência uma antiguidade, porque, como nos afirma Tiberghien, nasceu para a sociedade. É o organicismo social contra o individualismo dissolvente e aniquilador... Urge reformar. Transformar o mecanismo político-social... Urge a codificação de um novo direito, plasmador de novas formas, ratificadoras do equilíbrio dominador das forças: conservadoras, renovadoras e revolucionárias, para que as freqüentes crises a que está sujeita a humanidade não transforme em bacanal de sangue o conflito das ideologias partidárias na luta pelo poder e pela conquista da supremacia, na trajetória da evolução. Equilíbrio entre o passado e o presente, estabelecendo os elos com o futuro. Equilíbrio entre a elite e as massas, abrangendo a vida social em toda a sua extensão ...”

À riqueza de pensamentos aqui armazenada, filigranas da alma de um homem que foi grande e que foi nosso, somam-se a iconografia das capas das revistas, o sabor das publicidades e antigos anúncios, tornando ainda mais atrativa esta nova publicação do Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho.

A memória do Paraná e a estante paranista, assim enriquecidas, confirmam Alceu Amoroso Lima: “*o passado é o que de bom ficou do passado...*”

Rafael Greca de Macedo\*

\* Foi Prefeito de Curitiba, Deputado Federal, Ministro de Estado. É Deputado Estadual. Membro da Academia Paranaense de Letras.

❧ ÍNDICE ❧

Prefácio .....	11
Perfil Geral .....	19
A Universidade do Paraná .....	25
Aqui Estamos .....	29
Basta de Negros, Índios e Bananas .....	33
Depois do Almoço, a Janta... ..	36
Esses Defalques .....	40
Imortalidade .....	42
Ir para a Bolívia... ..	47
Pobre Paraná.....	51
Problema Social .....	54
Psicologia Brasileira .....	57
Raças .....	63
Da Capacidade Jurídica do Estado e do Fenômeno "Autarquia" .....	67
O sentido da Obra de Jacques Maritain .....	76
Tendências políticas do pensamento jurídico moderno.....	86
Amor e Morte .....	96
Brios de Homem .....	101

Casamento Moderno .....	108
Como é transitório o Amor!.....	115
Milagre de São João .....	119
Mulheres .....	126
Rosinha .....	134
Comemorando o Cinquentenário da Morte de Victor Hugo .....	138
Homo Sapiens!.....	142
Sobre Arte.....	146
Spengler e o Momento Universal .....	150
A Verdadeira Questão Social .....	156
Introdução ao Estado Moderno .....	162
Raul de Siqueira Xavier - Aspectos Sociais da Questão do Trabalho .....	173
A Nova Geração .....	177
O Caso Pontes Visgueiro .....	180
O Fenômeno "Santa Catarina" .....	193
O Amor de Carlos .....	199
O Destino do Nosso Mundo .....	204

## ❧ MANOEL DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO ❧

PERFIL GERAL

### O LITERATO E O JORNALISTA:

Ainda na juventude, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho dedicou-se à literatura, escrevendo crítica literária, ensaios, contos e poesias em jornais e revistas de âmbito local e nacional, como “Revista do Directorio”, “Fon-Fon”, “A Ordem”, “Jornal das Moças”, “A Semana”, “A Época”, “Revista Nacional”, “Invicta”, “Revista da Academia Paranaense de Letras”, sem contar sua participação em inúmeros periódicos técnicos. Dentre as centenas de artigos aos quais dedicou sua reflexão, inscrevem-se trabalhos sobre a obra de significativos intelectuais dos séculos XIX e XX. Nomes como Victor Hugo, Bergson, Marcel Proust, Jacques Maritain, entre outros, foram centrais para a consolidação do pensamento crítico de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. Ao lado do diálogo mantido com esses e outros pensadores, Franco Sobrinho também inclinou-se para uma experiência literária própria, e nessa dimensão encontram-se contos como “Imortalidade”, publicado na revista “A Semana”, em 1932; “Amor e morte”, inserido na edição de maio de 1934 da revista “Fon-Fon”, e, ainda no mesmo ano, “O amor de Carlos”, publicado no “Jornal das Moças”. Nos anos de 1934 e 1935, participou da criação da Academia de

Letras de Moços do Paraná e do Centro Ronald de Carvalho, dois pólos destinados a estimular a produção intelectual de jovens literatos do Paraná. Foi também membro de importantes centros da intelectualidade paranaense, dentre os quais se destacam o Círculo de Estudos Bandeirantes, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná e o Centro de Letras do Paraná. Como fundador ou membro dessas organizações, sempre procurou uma renovação no campo das letras e da crítica no Paraná, valorizando, no entanto, o legado cultural das gerações anteriores. Com o correr do tempo, ateve-se mais aos temas ligados às suas especialidades na área jurídica ou à sua carreira pública, sem nunca ter abandonado a paixão pela literatura, que, segundo ele próprio, foi a base fundamental de sua formação. Em novembro de 1966, a comunidade intelectual paranaense, reconhecendo sua importante e valiosa contribuição literária, elegeu-o para a cadeira nº 13 da Academia Paranaense de Letras.

Desde o início de sua atuação no mundo das letras, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho participou ativamente da produção jornalística de Curitiba e do Paraná, colaborando em diversos periódicos, como “O Dia”, “Gazeta do Povo”, “Diário do Paraná” e “O Estado do Paraná”, por meio de artigos, ensaios e críticas em várias áreas. Com o amadurecimento de sua vida pessoal e profissional, tornou-se mais ativo no setor da comunicação. Na década de 1940, exerceu a função de diretor da sucursal no Paraná da Empresa Editora “A Noite” e participou da direção de outros periódicos, como “Gazeta do Povo” e “O Dia”, de Curitiba. Atuou também marcadamente em diários de nível nacional, como “Jornal do Brasil”, com o qual contribuiu intensamente durante toda a década de 1980, “Correio da Manhã”, “Jornal do Commercio”, “A Noite”, todos do Rio de Janeiro; e, ao final da década de 1950, com “O Estado de S. Paulo” e “Folha da Manhã” (atual “Folha de S. Paulo”). Sua atividade na imprensa sempre foi pautada pela transparência, traduzindo para os leitores, de forma clara, as questões momentâneas e resgatando-as em sua historicidade. Foram enfocadas em seus artigos questões relativas à legalidade constitucional face às

contradições sociais, problemas como o custo de vida, a educação, o potencial energético, a moralidade no trato da coisa pública e outras referências do cotidiano. Preocupou-se também com o próprio “status” do jornalismo no Brasil, participando de debates sobre as responsabilidades e os limites legais das atividades da imprensa. Além dos periódicos de que participou com mais assiduidade, foi colaborador de outros jornais, tais como “A Nação” e “O Globo”, do Rio de Janeiro; “La Mañana”, de Montevidéu, e “A Tribuna”, de Santos. Em 1939, sob o certificado nº 74, foi um dos primeiros jornalistas registrados profissionalmente no Paraná. Diversificando continuamente sua produção em jornais, manteve-se ativo no setor da comunicação por mais de seis décadas. Na qualidade de cientista político e social, produziu colunas semanais no jornal “Gazeta do Povo” até seu falecimento em 2002.

Curitiba, junho de 2005.

# Deixana

Preço em todo o Estado

\$ 800,00



# A Universidade do Paraná

OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

A tendência brasileira de todas as épocas e de todos os tempos tem sido para o progresso, para o engrandecimento, para um futuro ideal, que nos proporcionasse um lugar de destaque no mundo dos grandes povos.

Trabalharam os filhos do Brasil, durante anos e mais anos, mostrando o seu incansável valor, lutando pela prosperidade, e desbravando o caráter selvagem dos filhos da terra de Santa Cruz.

Mas de tempos para cá, — assim quis Deus, — entrou o Brasil numa fase de completo retrocesso, e só agora nos é dado reparar as obras grandiosas do nosso passado.

É da nossa Universidade que desejo falar. Desse templo instrutivo, desse templo de sábios e de esforçados, é que falarei nestas minhas poucas linhas.

Ha vinte anos passados era o nosso Paraná, um Estado bem atrasado em coisas de instrução, marchava para o futuro apoiado nas pontas de saber dos outros Estados e os nossos dirigentes eram homens educados num outro ambiente que não o nosso e, daí a má compreensão dos nossos vitais problemas de trabalho administrativo. Enfim, não compreendiam as necessidades do paranaense, — só viam grandezas na terra alheia.

Mas, hoje, se lançamos a nossa vista ao redor, veremos a grandeza do nosso Estado, que, sem dúvida, será daqui ha anos, senão o primeiro, pelo menos um dos primeiros da nossa federação.

Obra de abnegados, de esforçados, de sábios é a Universidade do Paraná.

É a figura de um Nilo Cairo, que a vemos.

É essa figura de homem dinamo, de que tanto precisamos ainda na época atual, em que o nosso país está atolado pela crise financeira e política, — o criador desse grande título do saber —.

Chamaram-no de louco.  
Louco, porque queria fundar em um Estado de 500.000 habitantes e, numa cidade de 45.000 almas, uma universidade, como poucas existem no resto do Brasil.

Sim! Era louco, mas a sua loucura era santa, era patriota, era brasileira!

Queria Nilo Cairo preparar a nossa mocidade, para que mais tarde, pudesse trabalhar pelo Paraná, pelo Brasil.

Assim o fez.

Agora, o nosso futuro intelectual está preparado! precisamos estudar, trabalhar e produzir, porque na mocidade academica é que está o futuro da nossa terra.

Precisamos de mais loucos, precisamos que essa loucura se reproduza, porque o dia de amanhã é incerto para nós.

Peçamos a Deus, nos envie mais loucos, mais homens como Nilo Cairo, para que possam reviver as esperanças pelo Brasil de amanhã. Imploremos a Deus taes homens.

Curitiba, 26 de Novembro de 1932.

## «A SEMANA»

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

OFFICINAS PROPRIAS

### EXPEDIENTE

DIRECTORES:

Jorge Ribeiro — Newton de Barros Silva

GERENTE:

René Rizental Jor.

REDACÇÃO E OFFICINAS:

Rua 7 de Setembro, 32

CORRESPONDENCIA E COLLABORAÇÃO

Toda e qualquer correspondência enviada a este hebdomadario, deve ser dirigida aos directores de «A SEMANA», á rua 7 de Setembro, 32 — Ponta Grossa.

Possuindo já o seu corpo de colaboradores organizado, «A SEMANA» só publicará as collaborações extras que lhe forem enviadas, quando, pela sua natureza de assumpto e eslylo, façam jus á divulgação publica.

Embora não publicados, os originaes não serão devolvidos.

Correspondente em Curitiba:  
Lazaro Zacharias dos Santos

**OF. PONTAGROSSENSE DE ARTES GRAFICAS**  
TIPOGRAFIA - LIVRARIA - PAPOLEIRA - PINTURA - ENCADERNAÇÃO

**J. M. Guimarães & Cia.**

Cx. Postal, 20 - Telefone, 1-0-9

Ponta Grossa Rua 15 de Nov. 33 - E. do Paraná

Estabelecimento modelo que se recomenda pelo salubridade dos trabalhos gráficos.

## ❧ A UNIVERSIDADE DO PARANÁ ❧

A Semana - 28 de novembro de 1932.

A tendência brasileira de todas as épocas e de todos os tempos tem sido para o progresso, para o engrandecimento, para um futuro ideal que nos proporcionasse um lugar de destaque no mundo dos grandes povos.

Trabalharam os filhos do Brasil, durante anos e mais anos, mostrando o seu incansável valor, lutando pela prosperidade e desbravando o caráter selvagem dos filhos da terra de Santa Cruz.

Mas de tempos para cá — assim quis Deus — entrou o Brasil numa fase de completo retrocesso, e só agora nos é dado reparar as obras grandiosas do nosso passado.

É da nossa Universidade que desejo falar. Desse templo instrutivo, desse templo de sábios e de esforçados, é que falarei nestas minhas poucas linhas.

Há vinte anos passados, era o nosso Paraná um Estado bem atrasado em coisas de instrução, marchava para o futuro apoiado nas pontas de saber dos outros Estados, e os nossos dirigentes eram homens educados num outro ambiente que não o nosso, e daí a má compreensão dos nossos vitais problemas de trabalho administrativo. Enfim, não compreendiam as necessidades do paranaense, só viam grandezas na terra alheia.

Mas, hoje, se lançarmos a nossa vista ao redor, veremos a grandeza do nosso Estado, que, sem dúvida, será daqui a anos, senão o primeiro, pelo menos um dos primeiros da nossa federação.

Obra de abnegados, de esforçados, de sábios é a Universidade do Paraná.  
E é à figura de um Nilo Cairo que a devemos.

É dessa figura de homem dínamo que tanto precisamos ainda na época atual, em que o nosso país está atolado pela crise financeira e política – o criador desse grande título do saber.

Chamaram-no de louco.

Louco, porque queria fundar em um Estado de 500.000 habitantes, e numa cidade de 45.000 almas, uma universidade como poucas existem no resto do Brasil.

Sim! Era louco, mas a sua loucura era santa, era patriota, era brasileira!

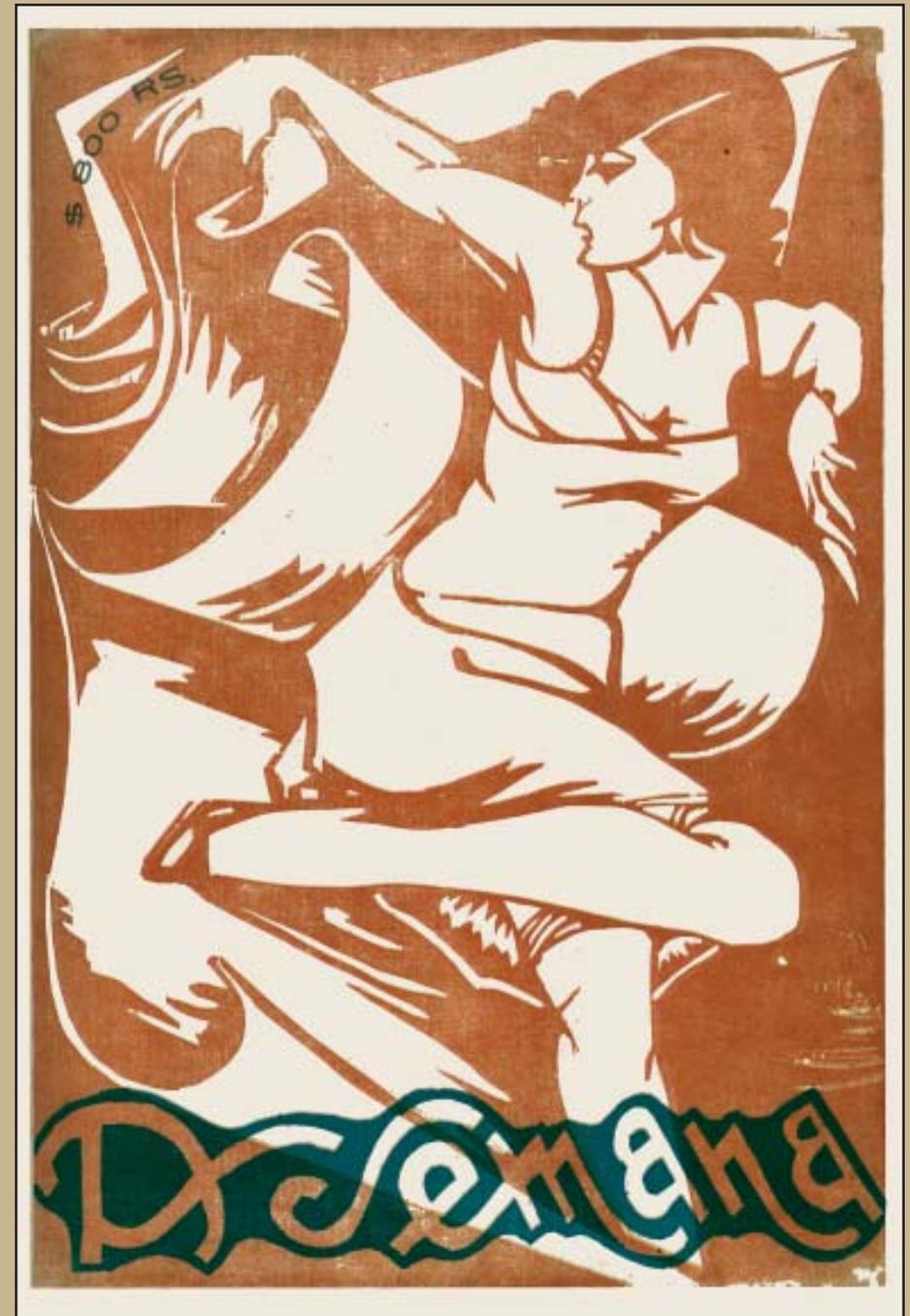
Queria Nilo Cairo preparar a nossa mocidade para que, mais tarde, pudesse trabalhar pelo Paraná, pelo Brasil.

Assim o fez.

Agora, o nosso futuro intelectual está preparado! Precisamos estudar, trabalhar e produzir, porque na mocidade acadêmica é que está o futuro da nossa terra.

Precisamos de mais loucos, precisamos que essa loucura se reproduza, porque o dia de amanhã é incerto para nós.

Peçamos a Deus, nos envie mais loucos, mais homens como Nilo Cairo, para que possam reviver as esperanças pelo Brasil de amanhã. Imploremos a Deus tais homens.



Manuel de Oliveira Francisco

# A SEMANA

REVISTA LÍTERO - SOCIAL - MUNDANA

Anno I - Ponta Grossa, 12 de Novembro de 1932 - Num. I

## Aqui estamos ...

Muito embora não constituísse segredo para nós o quão difícil seria a nossa caminhada; mesmo tendo uma nítida visão dos inumeráveis abrolhos que se nos deparariam, não pudemos nos furtar ao desejo de dotar Ponta Grossa de mais um veículo propulsor de seu innegável e apreciável adiantamento intelectual.

O nosso passo, bem o sabemos, é arrojado em extremo. Todavia, o entusiasmo moço, o idealismo sadio, o grande interesse que alimentamos por tudo que é nosso, da nossa gente, compelliram-nos a principiar essa ingente jornada, e hão de dar-nos forças bastantes para continuarmos nella, amparados sempre pela mesma firmeza, pelo mesmo ardor com que a encetamos.

Sai hoje o primeiro numero de «A SEMANA» revista que enfeixa em si a objectivação de alevantados desígnios e não pequenos esforços.

Arremessamo-lo á curiosidade publica certos de que, si não o fizemos com a perfeição que era de se desejar, pelo menos produzimo-lo em condições de bem corporizar, lá fóra, o estado evolutivo a que chegou o desenvolvimento cultural da população campeзина.

A pedra básica da nossa modesta obra está, pois, lançada; o primeiro precalço, que é o mais serio, já ficou para traz. Resta, d'ora avante, continua-la somente, relocando-a e aperfeçoando-a com o correr dos tempos.

Eis-nos, portanto, aqui ...

## ❧ AQUI ESTAMOS ... ❧

A Semana - 28 de novembro de 1932.

Muito embora não constituísse segredo para nós o quão difícil seria a nossa caminhada, mesmo tendo uma nítida visão dos inumeráveis abrolhos que se nos deparariam, não pudemos nos furtar ao desejo de dotar Ponta Grossa de mais um veículo propulsor de seu innegável e apreciável adiantamento intelectual.

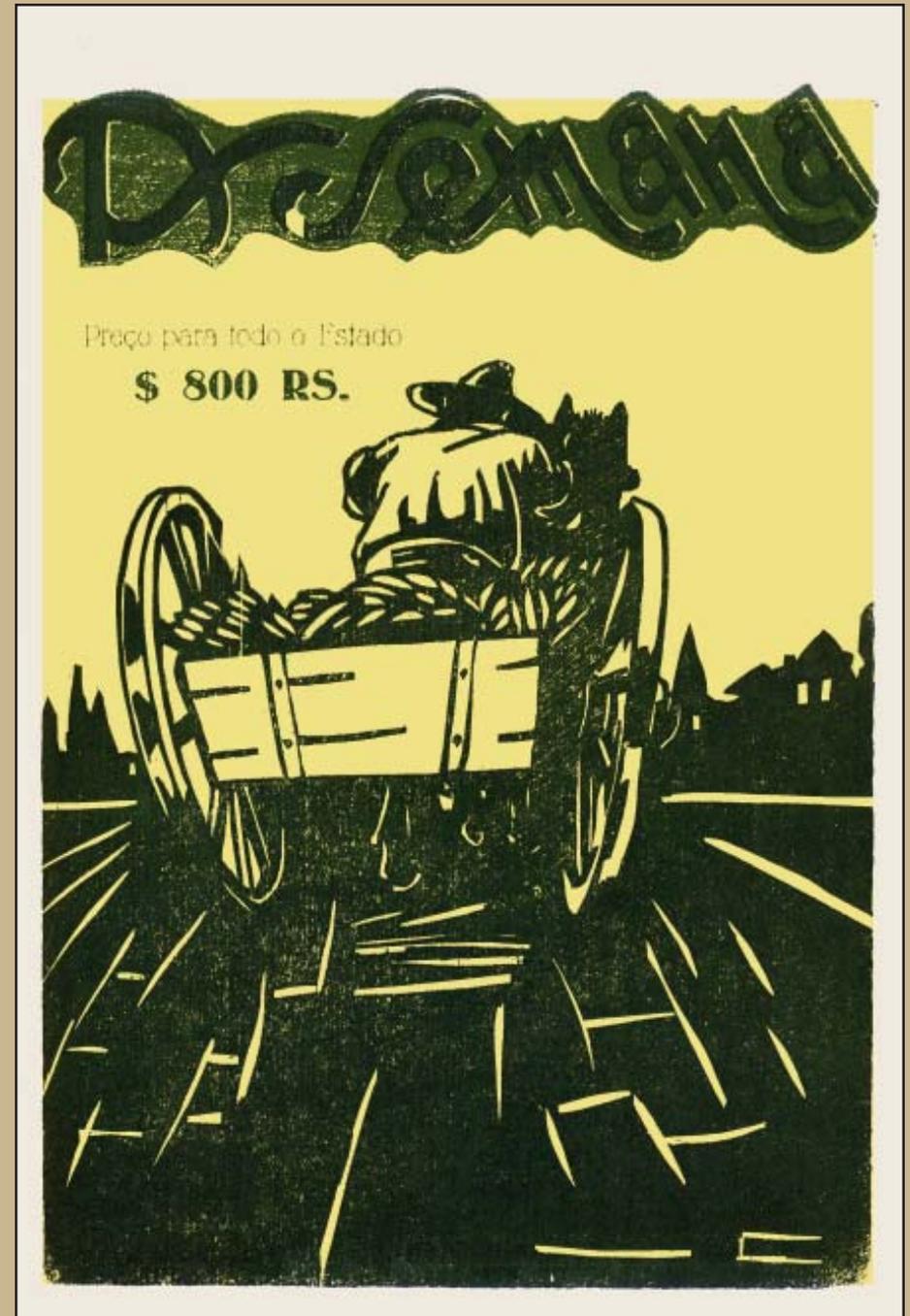
O nosso passo, bem o sabemos, é arrojado em extremo. Todavia, o entusiasmo moço, o idealismo sadio, o grande interesse que alimentamos por tudo que é nosso, da nossa gente, compelliram-nos a principiar essa ingente jornada, e hão de dar-nos forças bastantes para continuarmos nella, amparados sempre pela mesma firmeza, pelo mesmo ardor com que a encetamos.

Sai hoje o primeiro numero de «A SEMANA», revista que enfeixa em si a objectivação de alevantados desígnios e não pequenos esforços.

Arremessamo-lo à curiosidade pública certos de que, se não o fizemos com a perfeição que era de se desejar, pelo menos produzimo-lo em condições de bem corporizar, lá fora, o estado evolutivo a que chegou o desenvolvimento cultural da população campesina.

A pedra básica da nossa modesta obra está, pois, lançada; o primeiro percalço, que é o mais sério, já ficou para trás. Resta, doravante, continuá-la somente, retocando-a e aperfeiçoando-a com o correr dos tempos.

Eis-nos, portanto, aqui...



Manoel de Oliveira, Francisco Sobrinho

# Desemana

REVISTA LITERO - SOCIAL - MUNDANA

Anno I - Ponta Grossa, 26 de Novembro de 1932 - Num. 3

## «Basta de negros, índios e bananas»

A «paranização do Paraná» é o problema que mais tem preocupado ultimamente os nossos homens de imprensa. Esse mesmo problema é o que mais está principiando a preocupar também os nossos políticos de destaque. Ainda idêntico bairrismo é a válvula que está agitando a terra de Piratininga. Os pampas, por sua vez, fazem-n'o seu «cavallo de batalha». Outros Estados há, a maioria delles, que também estão a clamar pelo mesmo objectivo: serem governados por filhos seus, exclusivamente seus. Dir-se-ia até que o nosso paiz perdeu já a sua unidade federativa, que não é mais coberto pela mesma bandeira, pelo mesmo sagrado pavilhão.

E enquanto só cuidamos dessas questiúnculas internas, desses «casos» cá de casa, gazeteiros afoitos atiram, lá do estrangeiro, insultos aviltantes às faces deste grande e pobre Brasil.

«Basta de negros, índios e bananas», eis o título com que, ali na Argentina, um desses folicularios traçou algumas dezenas de linhas profundamente vexatórias a nossa gente: paranaenses ou paulistas, gaúchos ou mineiros.

E não é a primeira vez que insultos taes nos são cuspidos. Não é só da Argentina que elles nos tem sido expellidos.

Mas, será que não somos nós proprios os principaes culpados disso? Será que esse periodista argentino assim aqui somente por querer mal ao Brasil?

Não.

Antes, attribua-se essas expressões dissaborosas à obscuridade do sólo patrio, lá fóra. Sinão no todo, pelo menos em grande parte.

Que deixem os nossos politicos de se preocupar tão arduosamente com o regionalismo agora em voga e cuidem um pouco mais da nossa posição junto aos outros povos.

Façam-no, e evitarão que estejamos, volta e meia, a recolher offensas desse iacz.

## «BASTA DE NEGROS, ÍNDIOS E BANANAS»

A Semana - 26 de novembro de 1932.

A «paranização do Paraná» é o problema que mais tem preocupado ultimamente os nossos homens de imprensa.

Esse mesmo problema é o que mais está principiando a preocupar também os nossos políticos de destaque.

Ainda idêntico bairrismo é a válvula que está agitando a terra de Piratininga.

Os pampas, por sua vez, fazem-no seu «cavallo de batalha».

Outros Estados há, a maioria deles, que também estão a clamar pelo mesmo objectivo: serem governados por filhos seus, exclusivamente seus.

Dir-se-ia até que o nosso país perdeu já a sua unidade federativa, que não é mais coberto pela mesma bandeira, pelo mesmo sagrado pavilhão.

E enquanto só cuidamos dessas questiúnculas internas, desses «casos» cá de casa, gazeteiros afoitos atiram, lá do estrangeiro, insultos aviltantes às faces deste grande e pobre Brasil.

«Basta de negros, índios e bananas», eis o título com que, ali na Argentina, um desses foliculários traçou algumas dezenas de linhas profundamente vexatórias a nossa gente: paranaenses ou paulistas, gaúchos ou mineiros.

E não é a primeira vez que insultos tais nos são cuspidos. Não é só da Argentina que eles nos têm sido expellidos.

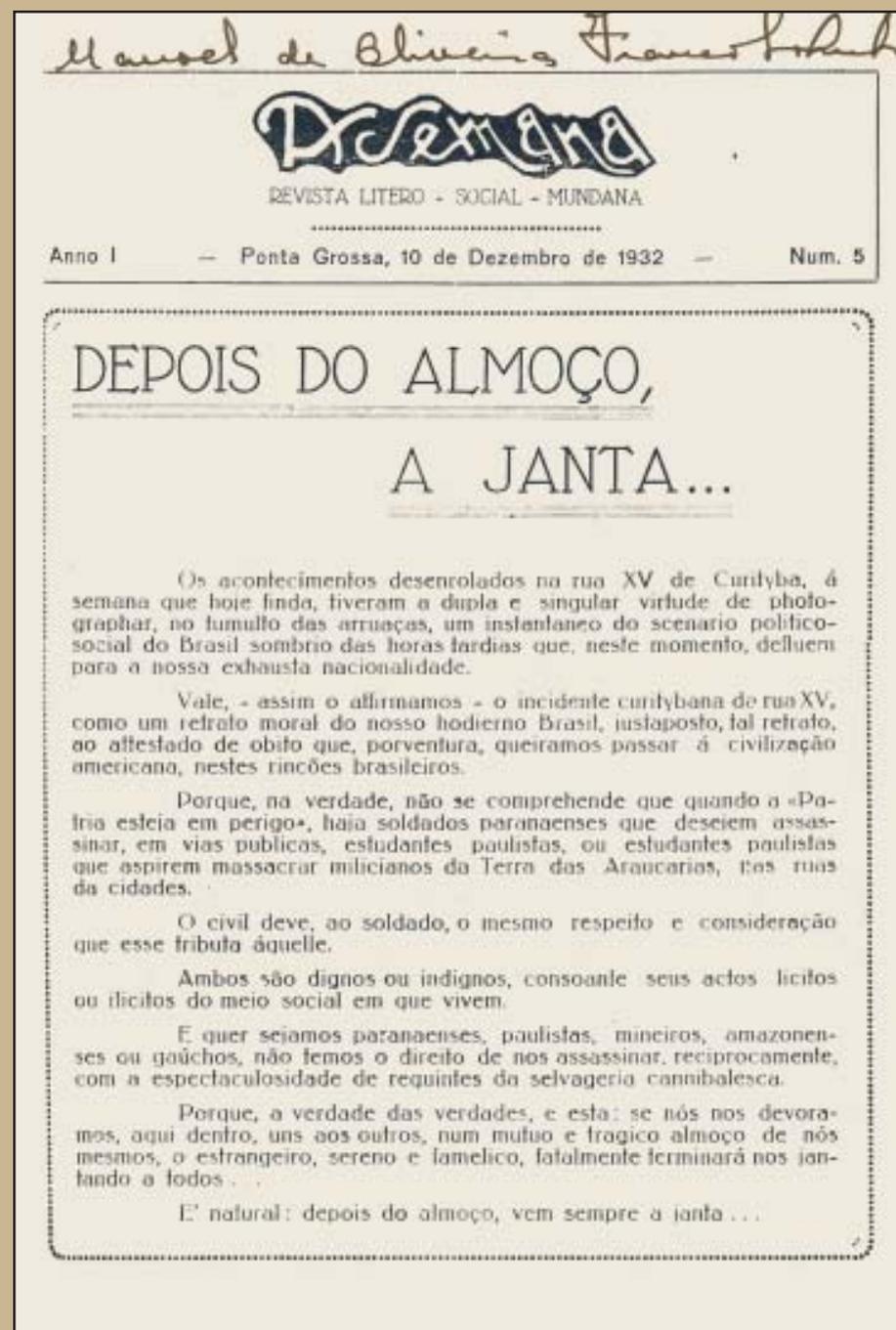
Mas será que não somos nós próprios os principais culpados disso? Será que esse periodista argentino assim agiu somente por querer mal ao Brasil?

Não.

Antes, atribuem-se essas expressões dissaborosas à obscuridade do solo pátrio lá fora. Senão no todo, pelo menos em grande parte.

Que deixem os nossos políticos de se preocupar tão ardorosamente com o regionalismo agora em voga e cuidem um pouco mais da nossa posição junto aos outros povos.

Façam-no e evitarão que estejamos, volta e meia, a recolher ofensas desse jaez.





## ☪ DEPOIS DO ALMOÇO, A JANTA ... ☪

*A Semana – 10 de dezembro de 1932.*

s acontecimentos desenrolados na rua XV de Curitiba, na semana que hoje finda, tiveram a dupla e singular virtude de fotografar, no tumulto das arruaças, um instantâneo do cenário político-social do Brasil sombrio das horas tardias que, neste momento, defluem para a nossa exausta nacionalidade.

Vale – assim o afirmamos – o incidente curitibano da rua XV como um retrato moral do nosso hodierno Brasil, justaposto, tal retrato, ao atestado de óbito que, porventura, queiramos passar à civilização americana, nestes rincões brasileiros.

Porque, na verdade, não se compreende que quando a “Pátria esteja em perigo” haja soldados paranaenses que desejem assassinar, em vias públicas, estudantes paulistas, ou estudantes paulistas que aspirem massacrar milicianos da Terra das Araucárias nas ruas da cidade.

O civil deve ao soldado o mesmo respeito e consideração que este tributa àquele.

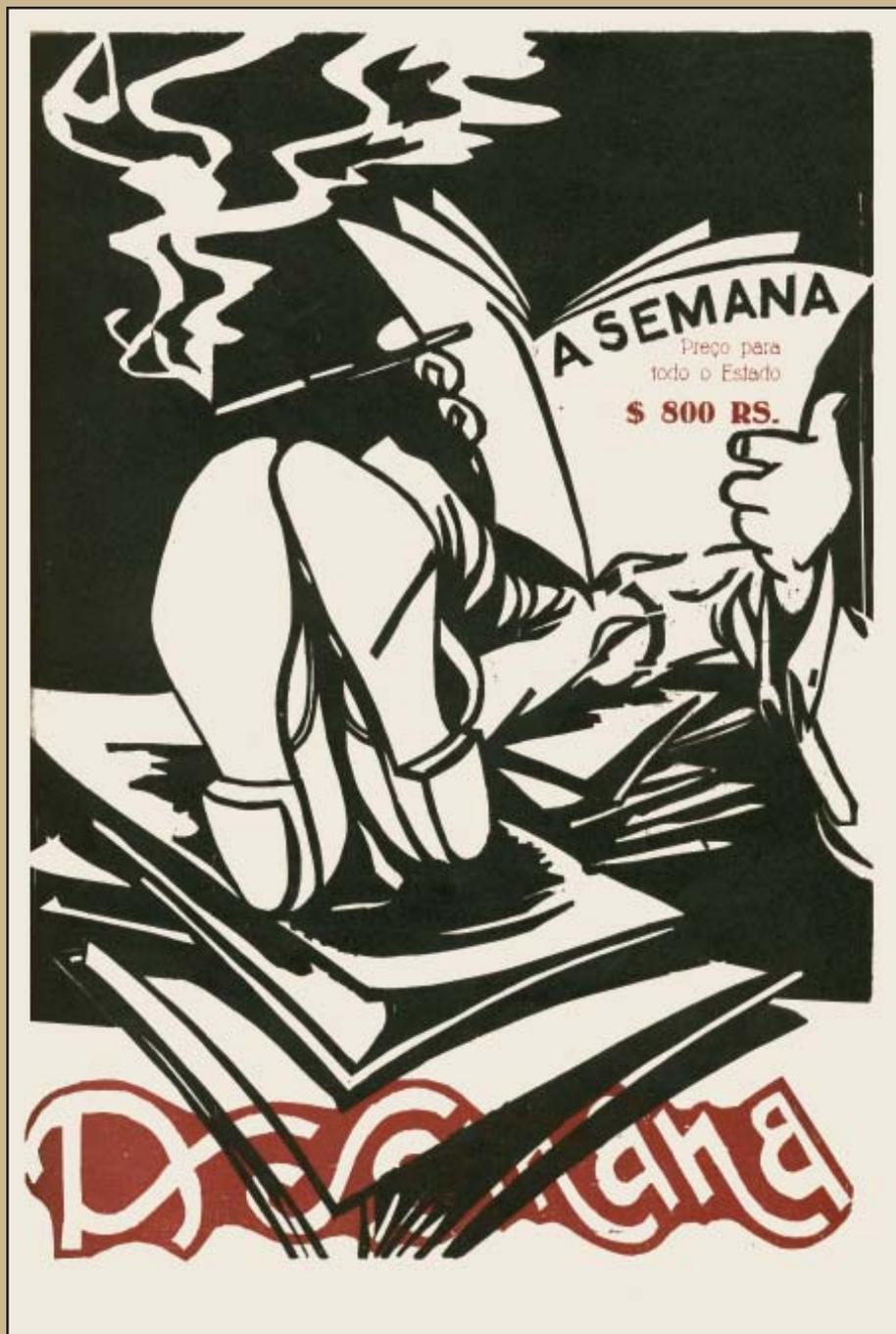
Ambos são dignos ou indignos, consoante seus atos lícitos ou ilícitos do meio social em que vivem.

E, quer sejamos paranaenses, paulistas, mineiros, amazonenses ou gaúchos, não temos o direito de nos assassinar, reciprocamente, com a espetaculosidade de requintes da selvageria canibalesca.

Porque a verdade das verdades é esta: se nós nos devoramos, aqui dentro, uns aos outros, num mútuo e trágico almoço de nós mesmos, o estrangeiro, sereno e famélico, fatalmente terminará nos jantando a todos...

É natural: depois do almoço, vem sempre a janta...





Mausel de Oliveira & Franco White

**A SEMANA**

REVISTA LITERO - SOCIAL - MUNDANA

Anno I

— Ponta Grossa, 3 de Dezembro de 1932 —

Num. 4

## ESSES DESFALQUES... ☺

*E' deveras apprehensiva a multiplicidade dos desfalques que ultimamente se têm verificado nas varias Recebedorias Publicas do Governo. Quasi diariamente os jornaes cariocas e paulistas estampam, nas suas primeiras paginas, um novo "caso" de desfalque. E cada desfalque!... O menor é, sempre, de dez ou doze centenas de contos... Ainda ha uma quinzena apurou-se, na Casa da Moeda, um "rombo" de nada menos de sete mil e quinhentos contos de reis... Dir-se-ia até que os nossos "fics de Thezouraria" estão, na sua generalidade, atacados de nefasta kleptomania... Não é isso, porém, que mais nos admira. O que não podemos comprehender é como taes "furos", podem se dilatar até a casa dos milhares, sem serem descobertos. Tanto mais que essas falcaturas não se processam da noite para o dia... Logo, conclue-se dahi que existe, nisso tudo, não só a des-honestidade dos funcionarios nellas envolvidos. Forçosamente tem que haver, tambem, falta de fiscalisação, e, portanto, falta do proprio Governo. E' pelo menos, a conclusão logica a que se chega...*

## ESSES DESFALQUES ...

A Semana - 03 de dezembro de 1932.

deveras apreensiva a multiplicidade dos desfalques que ultimamente se têm verificado nas várias Recebedorias Públicas do Governo. Quase diariamente, os jornais cariocas e paulistas estampam, nas suas primeiras páginas, um novo "caso" de desfalque. E cada desfalque!... O menor é, sempre, de dez ou doze centenas de contos... Ainda há uma quinzena apurou-se, na Casa da Moeda, um "rombo" de nada menos de sete mil e quinhentos contos de réis... Dir-se-ia até que os nossos "fiéis de Tesouraria" estão, na sua generalidade, atacados de nefasta cleptomania... Não é isso, porém, que mais nos admira. O que não podemos compreender é como tais "furos" podem se dilatar até a casa dos milhares sem serem descobertos. Tanto mais que essas falcaturas não se processam da noite para o dia... Logo, conclui-se daí que existe, nisso tudo, não só a desonestidade dos funcionários nelas envolvidos. Forçosamente tem que haver, também, falta de fiscalização e, portanto, falta do próprio Governo. É, pelo menos, a conclusão lógica a que se chega...

A SEMANA

# Imortalidade

(Canto)

(Para «A SEMANA»)

Oliveira Franco Sobrinho

Tinham terminado o jantar. O sol lentamente escondia-se à vista da cidade, depois de um alegre e luminoso dia, como que cansado de com a sua luz, alimentar as aspirações e cultivar idéas dos pensadores.

A família Miranda, dirigiu-se para o terraço em busca de fresca, desta bella e maravilhosa tarde de Novembro, em que o verão em Curitiba apresenta-se sorridente.

—Então, papae? disse Lolita a intelligente filha do clinico doutor Miranda. Que me diz desta bella tarde?

—Nada filha. Já passei da idade em que se aprecia a natureza. Necessito agora da noite, do repouso. Já recebi a luz para a minha existencia.

—Francamente. Não vós compreendo.

—E nem podes. Pojs si dentro de ti ainda ruga a mocidade.

—E' não boa a vida. Esta vida dominada pelo amor e pela Ciencia.

—Ciencia...

—Pae! A ciencia fez do homem, um ser verdadeiramente dono deste mundo. E no entanto, não consegui resolver um problema.

—Que problema, Lolita?

—O da morte.

—O da morte? Que queres dizer?

—Sim, meu pae. O problema da imortalidade. Não resolveu ainda o problema da vida eterna.

—As ciencias e as artes são eternas, mas a vida...

—Pois se a ciencia é eterna, porque ella como sábia não oferece ao homem um remedio que nos livre da morte, um remedio que nos deixe imortal?

—Aspiras demasiado, minha filha. Depois que ficares velha, a vida será pesada para ti e a morte, o descanso são esperados por todos.

—Mas haveriamos de arranjar um meio de descanso para a velhice e dominariamos o mundo com a imortalidade, empreenderiamos viagens interplanetarias, conquistaríamos os polos, as estrellas, até o céu.

—Para isto já existem homens imortaes.

—Imortaes?

—Sim, minha filha. Os escriptores. Pródigas que terás a imortalidade de tuas idéas, a imortalidade do teu saber, enfim serás imortal para os olhos do mundo. Viverás com e para os estudiosos e todo esse grande mundo de Deus, terá em ti, nas diversas gerações, um mestre, um sabio, um caminho a seguir. Serás então, o arauto do bello, do grande, do sobrenatural.

—Oh! Mas esta imortalidade é muito restrita. Não quero só a imortalidade da alma, mas tambem do a corpo.

—Existe tambem esta imortalidade. Casale. Terás filhos que serão corpo do teu corpo, carne de tua carne, como eu estou imortalizado em ti. Teus filhos serão reflexos da tua intelligencia, da tua alma. E agora dize-me, não é um meio de alcançares a imortalidade?

—Não, meu pae. O que eu não quero é morrer. Eu é que quero pertencer eternamente a este mundo.

—Pois ensina, que os teus conhecimentos ecoarão por este universo a fóra e quando não mais existir o teu corpo, ainda existirás. Passarás pelas diversas gerações, distribuindo o saber entre os ignorantes.

—Meu pae! estas a solismar as minhas palavras. A imortalidade de que eu vos falo é a do corpo e da alma. Não quero morrer deixando no mundo milhões de seres a gosar. Quero morrer com o mundo!

—Esta imortalidade não existe. Queres ser imortal porque tens medo da morte. As lendas infantis ainda te dominam. Tens medo de passar aos dominios de satanaz e pagar os pecados que na terra praticaste.

—Mas...

—Não peques. Leves uma vida honrada, espalhando e cumprindo os preceitos da Moral, longe de ti as superstições. Vivas para o bem e para o justo e a imortalidade obterás.

—Meu pae, vencesles-me. Quero a imortalidade pelo medo da morte que me domina.

—Lolita! Domina-te a ti mesma, se senhora de teus atos, que até a morte imortalisarás...

Curitiba, 13 - Novembro - 1932.

## ROYAL

é a marca do insuperavel café vendido nesta praça. — De agradável palladar é recommendado ás Exmas. familias de bom gosto. — Caprichosamente fabricado com artigo de 1.a qualidade.

**Albino Wiecheteck & Cia.**

Rua Theodoro Rosas, 67 .... Phone, 190

Os moços dizem o que fazem; os velhos o que fizeram; os tolos o que não de fazer.

## IMORTALIDADE

*A Semana – 13 de novembro de 1932.*

Terminam terminado o jantar. O sol lentamente escondia-se à vista da cidade, depois de um alegre e luminoso dia, como que cansado de, com a sua luz, alimentar as aspirações e cultivar as idéias dos pensadores.

A família Miranda dirigiu-se para o terraço em busca de fresca, desta bela e maravilhosa tarde de novembro, em que o verão em Curitiba apresenta-se sorridente.

– Então, papai? disse Lolita, a inteligente filha do clínico doutor Miranda. Que me diz desta bela tarde?

– Nada, filha. Já passei da idade em que se aprecia a natureza. Necessito agora da noite, do repouso. Já recebi a luz para a minha existência.

– Francamente. Não vos compreendo.

– E nem podes. Pois se dentro de ti ainda ruge a mocidade.

– É tão boa a vida. Esta vida dominada pelo amor e pela Ciência.

– Ciência...

– Pai! A ciência fez do homem um ser verdadeiramente dono deste mundo. E, no entanto, não conseguiu resolver um problema.

– Que problema, Lolita?

– O da morte.

– O da morte? Que queres dizer?

– Sim, meu pai. O problema da imortalidade. Não resolveu ainda o problema da vida eterna.

– As ciências e as artes são eternas, mas a vida...

– Pois se a ciência é eterna, porque ela como sábia não oferece ao homem um remédio que nos livre da morte, um remédio que nos deixe imortais?

Os moços dizem o que fazem; os velhos o que fizeram; os tolos o que hão de fazer.

– Aspiras demasiado, minha filha. Depois que ficares velha, a vida será pesada para ti, e a morte, o descanso, são esperados por todos.

– Mas haveríamos de arranjar um meio de descanso para a velhice e dominaríamos o mundo com a imortalidade, empreenderíamos viagens interplanetárias, conquistaríamos os pólos, as estrelas, até o céu.

– Para isso já existem homens imortais.

– Imortais?

– Sim, minha filha. Os escritores. Produzas que terás a imortalidade de tuas idéias, a imortalidade do teu saber, enfim, serás imortal para os olhos do mundo. Viverás com e para os estudiosos, e todo esse grande mundo de Deus terá em ti, nas diversas gerações, um mestre, um sábio, um caminho a seguir. Serás então o arauto do belo, do grande do sobrenatural.

– Oh! Mas essa imortalidade é muito restrita. Não quero só a imortalidade da alma, mas também a do corpo.

– Existe também essa imortalidade. Casa-te. Terás filhos que serão corpo do teu corpo, carne de tua carne, como eu estou imortalizado em ti. Teus filhos serão reflexos da tua inteligência, da tua alma. E agora dize-me: não é um meio de alcançares a imortalidade?

– Não, meu pai. O que eu não quero é morrer. Eu é que quero pertencer eternamente a este mundo.

– Pois ensina, que os teus conhecimentos ecoarão por este universo afora, e quando não mais existir o teu corpo, ainda existirás. Passarás pelas diversas gerações, distribuindo o saber entre os ignorantes.

– Meu pai! Estais a sofismar as minhas palavras. A imortalidade de que eu vos falo é a do corpo e da alma. Não quero morrer deixando no mundo milhões de seres a gozar. Quero morrer com o mundo!

– Essa imortalidade não existe. Queres ser imortal porque tens medo da morte. As lendas infantis ainda te dominam. Tens medo de passar aos domínios de satanás e pagar os pecados que na terra praticaste.

– Mas...

– Não peques. Leves uma vida honrada, espalhando e cumprindo os preceitos da Moral, longe de ti as superstições. Vivas para o bem e para o justo, e a imortalidade obterás.

– Meu pai, vencestes-me. Quero a imortalidade pelo medo da morte que me domina.

– Lolita! Domina-te a ti mesma, sê senhora de teus atos, que até a morte imortalizarás...



Manuel de Oliveira - Francisco Botelho

# De Semana

REVISTA LITERO - SOCIAL - MUNDANA

Ano I - Ponta Grossa, 19 de Novembro de 1932 - Num. 2

## Ir para a Bolívia...

*É a frase do momento, em Ponta Grossa: ir para a Bolívia...*

*Ir para a Bolívia, fazer o que? Naturalmente que para matar paraguayos.*

*Mas que temos nós, os brasileiros, com essa estúpida guerra paraguayo-boliviana?*

*Por que irmos oferecer, a outros povos vizinhos, o nosso depauperado sangue latino-brasilico, se o paiz onde nascemos e habitamos tanto reclama essa energia vital que, agora, se pretende desperdiçar, muitas vezes criminosamente, nos embates sangrentos de uma encarniçada luta entre os nossos infelizes irmãos do Continente - bolivianos e paraguayos?*

*Quando o mundo todo, compungido e amedrontado, envida esforços para que a paz se restabeleça entre os dois figadaes belligerantes da America Espanhola, a que vamos nós, ali, os representantes da America Portuguesa, deitar ainda mais lenha na sinistra fogueira que crepita entre esses dois países, devorando cadáveres da mocidade, - a eterna primavera sagrada da Pátria.*

*A imprensa citadina já annunciou também que alguns patricios nossos, ao invéz da Bolívia vão para o Paraguay, lutar contra a primeira dessas nações.*

*Ora, se há brasileiros que vão para o Paraguay, lutar contra a Bolívia, e brasileiros que vão para a Bolívia, lutar contra o Paraguay, a conclusão absurda e terrível desse mercenarismo clamante, é esta: esses nossos patricios, em terras bolivianas e paraguayas, vão se matar.*

*E o que é que se pôde attribuir como moel desse paradoxal offerecimento de alguns compatriotas nossos em quererem ir lutar pela Bolívia exhausta, ou pelo tardigrado Paraguay.*

*As molinas pezetas daquelles povos, serão, na verdade, a unica causa dessa attitude?*

*Mã, então, somos mais mercenarios que os mercenarios de todas as epochas da historia.*

*E tristes dos países mercenarios!*

## IR PARA A BOLÍVIA ...

A Semana - 19 de novembro de 1932.



A frase do momento, em Ponta Grossa: ir para a Bolívia...

Ir para a Bolívia fazer o quê? Naturalmente que para matar paraguayos.

Mas que temos nós, os brasileiros, com essa estúpida guerra paraguayo-boliviana?

Por que irmos oferecer, a outros povos vizinhos, o nosso depauperado sangue latino-brasilico, se o país onde nascemos e habitamos tanto reclama essa energia vital que, agora, se pretende desperdiçar, muitas vezes criminosamente, nos embates sangrentos de uma encarniçada luta entre os nossos infelizes irmãos do Continente - bolivianos e paraguayos?

Quando o mundo todo, compungido e amedrontado, envida esforços para que a paz se restabeleça entre os dois figadaes belligerantes da America Espanhola, a que vamos nós, ali, os representantes da America Portuguesa, deitar ainda mais lenha na sinistra fogueira que crepita entre esses dois países, devorando cadáveres da mocidade - a eterna primavera sagrada da Pátria?

A imprensa citadina já annunciou também que alguns patricios nossos, em vez da Bolívia, vão para o Paraguay, lutar contra a primeira dessas nações.

Ora, se há brasileiros que vão para o Paraguay, lutar contra a Bolívia, e brasileiros que vão para a Bolívia, lutar contra o Paraguay, a conclusão absurda

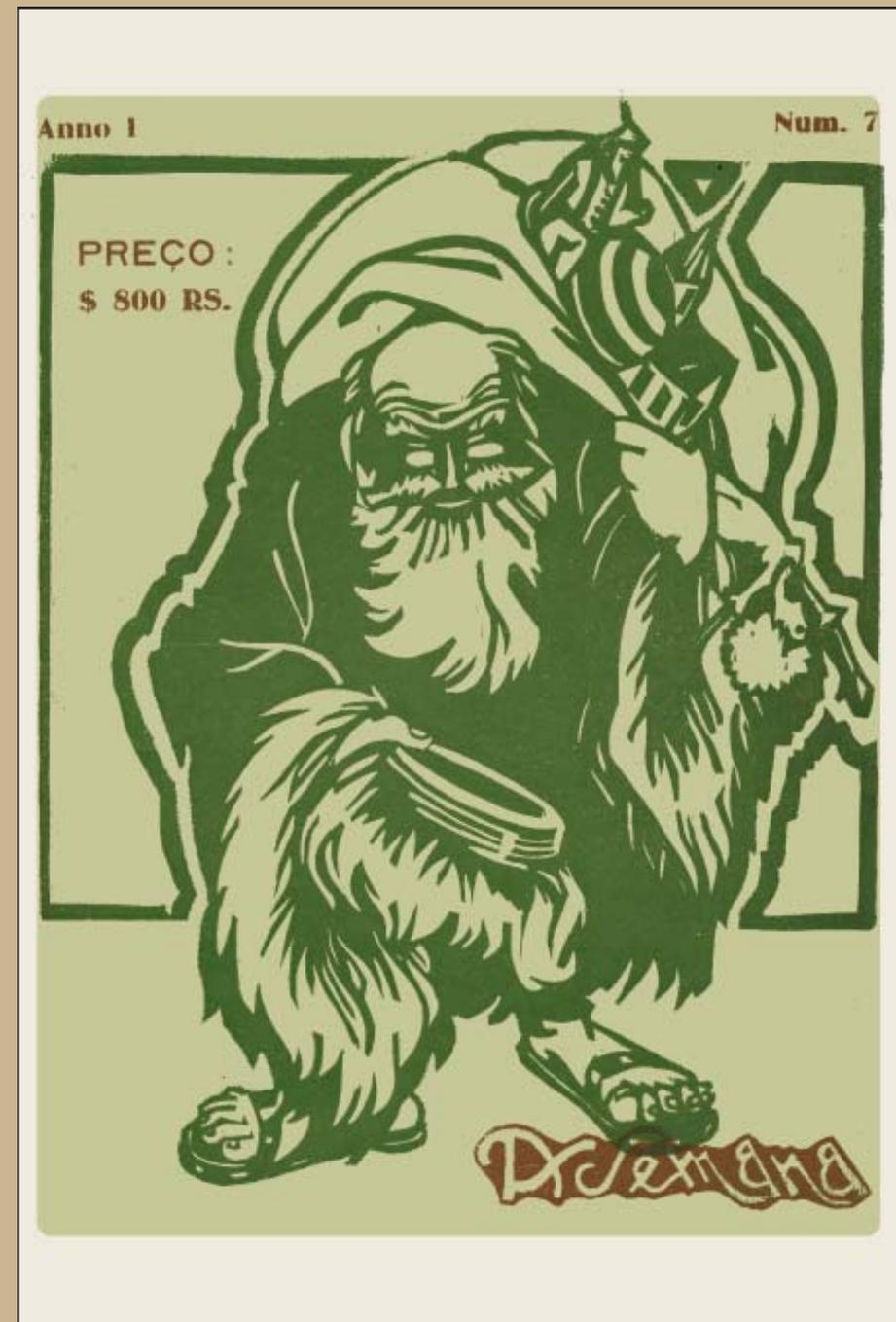
e terrível desse mercenarismo clamante é esta: esses nossos patrícios, em terras bolivianas e paraguaias, vão se matar.

E o que é que se pode atribuir como móvel desse paradoxal oferecimento de alguns compatriotas nossos em quererem ir lutar pela Bolívia exausta, ou pelo tardígrado Paraguai?

As mofinas pesetas daqueles povos serão, na verdade, a única causa dessa atitude?

Mas, então, somos mais mercenários que os mercenários de todas as épocas da história.

E tristes dos países mercenários!



Manuel de Oliveira Branco Sobrinho

# Dezena

REVISTA LITERO - SOCIAL - MUNDANA

Anno I

— Ponta Grossa, 24 de Dezembro de 1932 —

Num. 7

## Pobre Paraná!...

A 19 do mez em curso, a Terra dos Pinheiraes commemorou mais um anniversario de sua emancipação politica. Completou-se, então, o 79º anno de seu desmembramento do Estado de São Paulo, de sua «entrada triumphal nos páramos do progresso e da civilização»...

E, como sempre, planejaram-se imponentes festividades cívicas na «Cidade Sorriso».

Meticulosamente projectadas, essas festividades viriam reafirmar à alma da nacionalidade o jubilo dos paranaenses pela consagração de tão memoravel feito.

Isso posto, um dos primeiros passos dados - quiçá de grande relevancia e significação - foi o de obter-se das altas autoridades do País o compromisso formal de se fazerem presentes aos festejos, o que viria emprestar às comemorações, além de não pequena notoriedade, um cunho de elevada expressão official.

Mas, pobre Paraná! tamanha honraria para elle fóra demasinda, fóra excessiva...

Chegou o dia que mais de perto lhe toca, realizaram-se as festividades delineadas, e nenhum elemento governamental, ou sequer de alguma representação no scenario politico-social do resto da Nação, aportou à Terra das Araucarias!...

O chefe do Governo, os ministros d'Estado, as Academias e Associações convidadas, todos enfim, olvidaram o 19 de dezembro!...

Dir-se-ia até que este recanto do solo patrio não lhes merece laes attensões, laes cavalheirismos...

Pobre Paraná!

Onde, o reconhecimento pelos seus esforços inauditos na revolução de 30? pela sua bravura indomita nos dias escuros de 32?

Mais uma vez, repitamos: Pobre Paraná!...

## ☞ POBRE PARANÁ! ... ☞

*A Semana - 24 de dezembro de 1932.*

A 19 do mês em curso, a Terra dos Pinheirais comemorou mais um aniversário de sua emancipação política.

Completo-se, então, o 79.º ano de seu desmembramento do Estado de São Paulo, de sua “entrada triunfal nos páramos do progresso e da civilização”...

E, como sempre, planejaram-se imponentes festividades cívicas na “Cidade Sorriso”.

Meticulosamente projetadas, essas festividades viriam reafirmar à alma da nacionalidade o júbilo dos paranaenses pela consagração de tão memorável feito.

Isso posto, um dos primeiros passos dados – quiçá de grande relevância e significação – foi o de obter-se das altas autoridades do País o compromisso formal de se fazerem presentes aos festejos, o que viria emprestar às comemorações, além de não pequena notoriedade, um cunho de elevada expressão oficial.

Mas, pobre Paraná! Tamanha honraria para ele fora demasiada, fora excessiva...

Chegou o dia que mais de perto lhe toca, realizaram-se as festividades delineadas, e nenhum elemento governamental, ou sequer de alguma representação no cenário político-social do resto da Nação, aportou à Terra das Araucárias!...

O chefe do Governo, os ministros d'Estado, as Academias e Associações convidadas, todos, enfim, olvidaram o 19 de dezembro!...

Dir-se-ia até que este recanto do solo pátrio não lhes merece tais atenções, tais cavalheirismos...

Pobre Paraná!

Onde o reconhecimento pelos teus esforços inauditos na revolução de 30? Pela tua bravura indômita nos dias escuros de 32?

Mais uma vez, repitamos: pobre Paraná!...

A SEMANA

# PROBLEMA SOCIAL

OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

Se estudarmos o problema social, que hoje domina o mundo, vemos as classes médias, seguindo um caminho mais curto a um dado fim, que lhe promete maiores e mais simples meios de vida.

Os chefes, pregando novas doutrinas, investem contra os governos estabelecidos, levando a ignorante massa a morte, nos conflitos ruínas. Tivemos o exemplo da Rússia e agora estamos lendo, da Alemanha e do Chile, debalando-se na agonia democrática e esta forma dos tres governos: Legislativo, Executivo e Judiciário, está sendo dominada por um socialismo, que é o socialismo das multidões incompreensíveis.

Até antes da guerra, marchou o universo inteiro pelo caminho da evolução e do progresso. Hoje, a crise econômica nos aloga, levando-nos a um outro caminho, que será o da desilusão e do estermínio.

—Mas porque tudo isso? Simplesmente por nada. Aquela mocidade que a guerra amigou, aqui não mais está para defender os interesses da humanidade sofredora, e a educação infantil, com exceção, está ainda

nos seculos passados, as mentalidades dos mestres atrasadas e o culto pelas formas, penetrando no cerebro e dominando o homem.

E tudo isso, é porque não ouvimos a voz da razão que nos grita e não damos a instrução aos melhores filhos de nossa patria.

Está o problema educacional, desviado do seu destino e dos seus aspectos, porque ele é muito maior do que supomos e muito mais nobre do que pensamos.

A nossa situação é irremediavel, estamos num periodo de transição e o passo para a mudança de regime já foi dado.

Precisamos educar, remediar o irremediavel, porque uma verdadeira falange de jovens, precisa ter conhecimento da nossa questão.

A instração primaria e intermediaria deve ser obrigatoria, porque precisamos salvar para o Brasil de amanhã, para o nosso futuro.

Preparemos os meninos para que eles possam adaptar-se a uma nova vida e amparar a infancia desamparada, dando-lhes o necessario grau de instrução para a luta pela vida.

É tempo portanto, de renovarmos o nosso país, renovando os nossos espiritos em formação para a nossa garantia e para o engrandecimento de nossa patria.

Curitiba, 13—Novembro—1932

## Colegio Sant'Ana

PONTA GROSSA

Dirigido pelas Irmãs Servas do Espirito Santo

### Internato

### SEMI-INTERNATO-ESTERNATO

**CURSOS**

primario e preparatorio para Escola Normal e Ginásio.

Cursos especiais de Musica, Desenhos, Pintura e todas as especies de trabalhos manuaes.

**Preços modicos**

Inicio do ano letivo em 1º de fevereiro.

\* \* \*

*Além à embôfia que predomina nas moças de unhas lustrosas e cílios diligentemente tratados, uma meia ciência e terão o constante agastamento nos trejeitos e bisbilhotices. Elevada aos pinaros pelas lisonjas do meio que a cerca, o agração juvenil abandona as comedidas maneiras e se estende em altaneira prolixidade.*

*A senhorita X..., que não compreendera ou não conhecera em seus estudos no Instituto D..., donde acabava de chegar, a beleza da litotes, dirigiu-se á sua mamã:—«Por deferência quer passar ás minhas mãos o meu pequeno tronco de côncave prateado, convexo no cume e semi-perfurado, com engranzados simetricos?» Pedia o seu dedal.*

*Á sua mamã estacou palerma...*

Z. Z.

## ❁ PROBLEMA SOCIAL ❁

*A Semana – 13 de novembro de 1932.*

 e estudarmos o problema social, que hoje domina o mundo, vemos as classes médias seguindo um caminho mais curto a um dado fim, que lhe promete maiores e mais simples meios de vida.

Os chefes, pregando novas doutrinas, investem contra os governos estabelecidos, levando a ignorante massa à morte nos conflitos rurais. Tivemos o exemplo da Rússia e agora estamos tendo os da Alemanha e do Chile, debatendo-se na agonia democrática, e esta forma dos três governos, Legislativo, Executivo e Judiciário, está sendo dominada por um socialismo que é o socialismo das multidões incompreensíveis.

Até antes da guerra, marchou o universo inteiro pelo caminho da evolução e do progresso. Hoje, a crise econômica nos afoga, levando-nos a um outro caminho, que será o da desilusão e do extermínio.

Mas por que tudo isso? Simplesmente por nada. Aquela mocidade que a guerra aniquilou aqui não mais está para defender os interesses da humanidade sofredora, e a educação infantil, com exceção, está ainda nos séculos passados, as mentalidades dos mestres, atrasadas, e o culto pelas formas, penetrando no cérebro e dominando o homem.

E tudo isso é porque não ouvimos a voz da razão que nos grita e não damos a instrução aos menores filhos de nossa pátria.

Está o problema educacional desviado do seu destino e dos seus aspectos, porque ele é muito maior do que supomos e muito mais nobre do que pensamos.

A nossa situação é irremediável, estamos num período de transição, e o passo para a mudança de regime já foi dado.

Precisamos educar, remediar o irremediável, porque uma verdadeira falange de jovens precisa ter conhecimento da nossa questão.

A instrução primária e intermediária deve ser obrigatória, porque precisamos olhar para o Brasil de amanhã, para o nosso futuro.

Preparemos os meninos para que eles possam adaptar-se a uma nova vida e amparar a infância desamparada, dando-lhes o necessário grau de instrução para a luta pela vida.

É tempo, portanto, de renovarmos o nosso país, renovando os nossos espíritos em formação para a nossa garantia e para o engrandecimento de nossa pátria.

# PSICOLOGIA BRASILEIRA

A psicologia sendo a ciência da alma e estudando as faculdades intelectuais e moraes, influe grandemente na vida dos povos, sendo fator principal do seu progresso e evolução.

Antigamente era a psicologia tida como uma simples arte e os sábios que a estudavam seguiam um metodo intuitivo e estas intuições é que concediam aos mesmos os resultados das buscas.

Os soberanos, os reis, os senhores, enfim, os chefes d'Estado, possuíam uma psicologia como diz Gustavo Le Bon, pouco sumária, reduzindo-a a uma simples noção, para que pudessem conduzir os povos.

A sã psicologia infiltrada nas massas, possui um grande poder capaz de derrubar todos os obstáculos, sendo que, a qualidade dos chefes, dominadores de um povo, revelam esse povo e o povo será mediocre ou grande conforme seu chefe, porque cada grupo possui o dirigente que merece.

As reformas Universitarias apresentadas, na Espanha, na França, na Inglaterra, possuem em seu programa, o estudo da psicologia, para que os universitarios, os futuros governadores do país, conheçam o espirito dos habitantes do país, que irão reger.

Pela descrição abaixo, veremos o aparecimento, ou melhor, a positividade da psicologia brasileira, revelada no caso de S. Paulo.

Não farei esta descrição, com amor á causa, mas simplesmente, estudando o espirito psicologico do nosso povo.

O ano de 1932, marca uma epoca laureta para a historia e para a ciencia de nossa patria.

Depois de uma serie de fatos que vimos desenrolar, rebenta a revolução constitucionalista de S. Paulo, que veio imprimir em letras de ouro, uma das mais rutilantes paginas da sciencia brasileira.

Em tempo algum pudemos ver mais patente, a alma do povo do Brasil, nunca a psicologia mais influencia leve em nossa terra, do que neste movimento para a volta do país ao regimen da lei e do direito.

Foi um verdadeiro milagre as forças com que se apresentou S. Paulo para enfrentar a ditadura, e desse milagre, gloria do Brasil atual, é que pretendo falar nestas minhas poucas linhas.

Sabemos o valor, a influencia de uma alma patriótica no resultado de uma luta, porque sempre, em todos os seculos, as forças psicologicas conseguiram dominar as forças materiais, qualquer que fosse o poder destas

M. de Oliveira Franco Sobrinho

ultimas. Daí foi que S. Paulo, este Estado lider da Federação, buscou forças para resistir á ditadura, enquanto esperava adesões e estas forças foram unicamente psicologicas.

Em todos os periodos desta formidavel luta, apesar da superioridade de material belico que possuia o governo, da situação monetaria, as forças moraes dos soldados brasileiros de S. Paulo, manifestaram se de uma forma evidente e grande, podendo o seu pouco numero de combatentes, fazer frente a uma verdadeira avalanche que era o exercito da ditadura.

Sitiado por todos os pontos estava S. Paulo condenado a uma vergonhosa queda, se não fóra o aparecimento de uma nova alma, a alma guerrilha dos seus filhos e o trabalho dos seus homens, fomentando as industrias para a guerra.

Mas estas forças psicologicas, como sabemos, não decidem somente a sorte das ba-

(Continúa adiante)

**Collegio São Luiz**

Dirigido pelos DADRES da Congregação do Verbo Divino.

**EXTERNATO PARA MENINOS**

**Curso Primario**  
1º, 2º, e 3º annos

**Curso Complementar**  
1º. e 2º annos

--- EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO SOLIDAS ---

Prepara para EXAME DE ADMISSÃO ao 1.º anno dos Cursos gymnasial e Commercial. —

Aulas de Francez, Allemão,  
— Gymnastica e Canto. —

☪ Rua Senador Pinheiro Machado ☪

## ❧ PSICOLOGIA BRASILEIRA ❧

A Semana - 04 de novembro de 1932.

A psicologia, sendo a ciência da alma e estudando as faculdades intellectuais e morais, influi grandemente na vida dos povos, sendo fator principal do seu progresso e evolução.

Antigamente, era a psicologia tida como uma simples arte, e os sábios que a estudavam seguiam um método intuitivo, e essas intuições é que concediam aos mesmos os resultados das buscas.

Os soberanos, os reis, os senhores, enfim, os chefes d'Estado, possuíam uma psicologia, como diz Gustavo Le Bon, pouco sumária, reduzindo-a a uma simples noção, para que pudessem conduzir os povos.

A sã psicologia infiltrada nas massas possui um grande poder capaz de derrubar todos os obstáculos, sendo que a qualidade dos chefes, dominadores de um povo, revelam esse povo, e o povo será mediocre ou grande conforme seu chefe, porque cada grupo possui o dirigente que merece.

As reformas Universitarias apresentadas, na Espanha, na França, na Inglaterra, possuem em seu programa o estudo da psicologia, para que os universitarios, os futuros governadores do país, conheçam o espirito dos habitantes do país que irão reger.

Pela descrição abaixo, veremos o aparecimento, ou melhor, a positividade da psicologia brasileira, revelada no caso de S. Paulo.

Não farei esta descrição com amor à causa, mas, simplesmente, estudando o espírito psicológico do nosso povo.

\* \* \*

O ano de 1932 marca uma época faustosa para a história e para a ciência de nossa pátria.

Depois de uma série de fatos que vimos desenrolar, rebenta a revolução constitucionalista de S. Paulo, que veio imprimir, em letras de ouro, uma das mais rutilantes páginas da ciência brasileira.

Em tempo algum pudemos ver mais patente a alma do povo do Brasil, nunca a psicologia mais influência teve em nossa terra do que neste movimento para a volta do país ao regime da lei e do direito.

Foram um verdadeiro milagre as forças com que se apresentou S. Paulo para enfrentar a ditadura, e desse milagre, glória do Brasil atual, é que pretendo falar nestas minhas poucas linhas.

Sabemos o valor, a influência de uma alma patriótica no resultado de uma luta, porque sempre, em todos os séculos, as forças psicológicas conseguiram dominar as forças materiais, qualquer que fosse o poder destas últimas. Daí foi que S. Paulo, esse Estado líder da Federação, buscou forças para resistir à ditadura, enquanto esperava adesões, e essas forças foram unicamente psicológicas.

Em todos os períodos dessa formidável luta, apesar da superioridade de material bélico que possuía o governo, da situação monetária, as forças morais dos soldados brasileiros de S. Paulo manifestaram-se de uma forma evidente e grande, podendo o seu pouco número de combatentes fazer frente a uma verdadeira avalanche que era o exército da ditadura.

Sitiado por todos os pontos, estava S. Paulo condenado a uma vergonhosa queda, se não fora o aparecimento de uma nova alma, a alma guerrilheira dos seus filhos, e o trabalho dos seus homens, fomentando as indústrias para a guerra.

Mas essas forças psicológicas, como sabemos, não decidem somente a sorte das batalhas, regem também todos os domínios da vida dos povos e fixam o seu destino. O que quer dizer que, depois da luta, S. Paulo buscará novamente essas forças, para trabalhar para a grandeza do Brasil.

Como Pelópidas e Epaminondas ao defenderem a sua terra natal, vemos os bravos paulistas, possuídos de uma força invisível, resistindo, retendo um fantástico exército que poderia invadir, levando de vencida, várias nações do mundo.

Vemos nesse movimento todas as questões, quer políticas, militares, industriais, dominadas por uma psicologia sã e pura que é a psicologia brasileira.

Essa alma, ou melhor, essa psicologia, outrora tão incerta e desconhecida, é hoje, depois dessa transformação, capaz de esclarecer os mais difíceis casos que aparecerem.

Se a ditadura conseguisse levantar uma força psicológica como levantou S. Paulo, ela teria vencido nos primeiros dias, porque as forças psicológicas só se combatem com forças psicológicas.

Precisamos porém notar que os sentimentos não mudaram, sendo, no todo, sentimentos brasileiros, e essa psicologia que dominou o brasileiro de S. Paulo era produto de uma acumulação hereditária, que mais cedo ou mais tarde havia de revelar-se.

A causa da rebelião não foi, como dizem, a favor do restabelecimento da lei, isto é, da constituição, mas sim concentração de sentimentos de propriedade violados pela revolução de 1930, o esbulho dos seus bens, o desprezo do governo pelos filhos da terra bandeirante.

Então, a alma desse povo revolta-se, pondo à prova uma nova psicologia, e não trepida, quanto antes, lançar mão de meios violentos para expulsar os aventureiros do poder, e, como vemos, as causas que procederam a esse levante eram puramente psicológicas, o espírito do novo brasileiro.

Cientes que estavam da sua grandeza, utilizaram-se de uma força até então desconhecida, fabricando, colocando aos olhos do mundo: fuzis, aeroplanos,

metralhadoras, bombardas de sua própria produção. E esse espírito superior, dominado atualmente pela ciência, mostra o valor da alma brasileira, mostra uma psicologia que poderá pelos nossos maiores homens ser estudada detidamente, como foi a francesa pós-guerra.

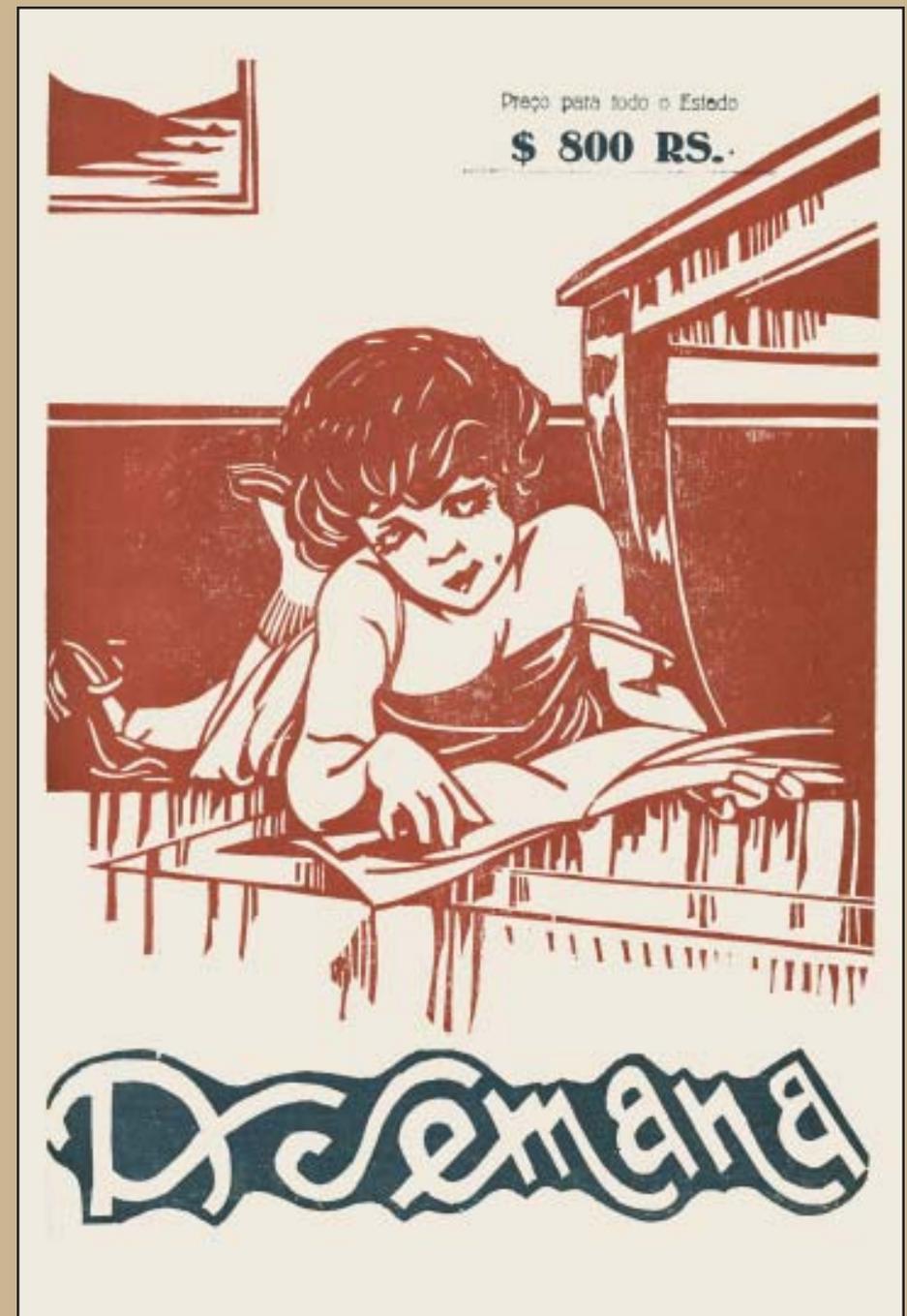
Ainda mais mostraram os paulistas o seu valor de brasileiros na facilidade com que, de estado produtor eminentemente agrícola, passou a estado guerreiro.

Bela adaptação. O problema da adaptação é, como sabemos, um dos mais difíceis até hoje conhecidos, pois requer do indivíduo uma resistência quase que sobrenatural, e os paulistas, compreendendo esta necessidade de adaptar-se ao ambiente, lutam e vencem. Eis uma completa alma de brasileiro, sempre lutando e pondo à mostra o seu heróico espírito. Agora, sofrendo os reveses de uma derrota, lutam para adaptar-se ao novo meio e novamente pelejar.

Pensemos, portanto, porque o pensamento representa, para nós, o que há de maior para o nosso futuro e aos poucos irá transformando a nossa alma, para que mais tarde possa triunfar perante o mundo.

Terminando aqui esta pequena exposição sobre a psicologia brasileira, apesar de não completa, espero que os brasileiros, principalmente os paranaenses, me compreendam, seguindo o exemplo de S. Paulo, pondo em prova o seu espírito, para o orgulho do Brasil.

Já nos revelamos. Esperemos. Mais fenômenos psicológicos virão enriquecer o poder da nossa pátria. Esperemos.



Mausel de Chiveria Franco *Whit*

# A SEMANA

REVISTA LITERO - SOCIAL - MUNDANA

Anno I — Ponta Grossa, 17 de Dezembro de 1932 — Num. 6

## Raças ...

Artigos publicados no «Diário dos Campos», e assignados pelo sr. Guilherme Stegmayer, provocaram um verdadeiro colapso de amor proprio offendido entre elementos da colonia syria local.

Nesses artigos ferinos e melindrosos, o autor alludia aos syrios domiciliados no Brasil, como verdadeiros sangue-sugas da economia brasileira.

Nestas nossas linhas, parcas e sinthelicas, nós não queremos discutir a sinceridade ou não do ponto de vista sustentado pelo sr. Stegmayer.

Pontos de vista, quando apaixonadamente sustentados, nunca são disculiveis com sobrançeria e largueza de opiniões.

Limitar nos-emos, por isso, a extranhar, nesta portada de «A SEMANA», certo entusiasmo alviçareiro que alguns brasileiros revelaram pelos escriptos do sr. Guilherme.

Dizemos «extranhar certo entusiasmo alviçareiro de alguns brasileiros», porque não conhecemos, entre outros povos, um typo tão representativo das falhas, recûos e psychoses de uma nacionalidade, como o nosso grotesco Jêca-Tatu...

Para podermos rir às gargalhadas do syrio mascate, temos, antes, de chorar... de ironia do Jêca-Tatu...

Accresce ainda se notar, neste particular de açulos ao nacionalismo lupiniquim, que já nos bastam os odios e fratricidios, não devendo portanto, nós outros, trazeremos em excitações de amor proprio offendido os estrangeiros que, aqui, vieram collaborar connosco na construcção de uma patria.

Si existir porventura entre esses estrangeiros homens moralmente incapacitados, que esses homens sejam punidos pelas leis do nosso paiz. E liquemos por aqui.

Mas não levemos a nossa incutia ao ponto de insultar, graciosamente, homens de outra raça, sobre o pretexto de inferioridades ethnographicas...

E, depois, diga-se por amor ao Amor da Verdade, esta phrase symbolica de uma realidade: Nós, os brasileiros, não descendemos de uma fonte racial tão pura e immaculada de nodos ethnicas que possamos achar assim, com tamanha facilidade, indignos do nosso ambiente estrangeiros menos favorecidos pela sorte que os generosos inglezes, americanos, allemães ou francezes.

## ❁ RAÇAS ... ❁

A Semana - 17 de dezembro de 1932.

Artigos publicados no “Diário dos Campos”, e assinados pelo sr. Guilherme Stegmayer, provocaram um verdadeiro colapso de amor próprio offendido entre elementos da colônia síria local.

Nesses artigos ferinos e melindrosos, o autor aludia aos sírios domiciliados no Brasil como verdadeiros sanguessugas da economia brasileira.

Nestas nossas linhas, parcas e sintéticas, nós não queremos discutir a sinceridade ou não do ponto de vista sustentado pelo sr. Stegmayer.

Pontos de vista, quando apaixonadamente sustentados, nunca são discutíveis com sobrançeria e largueza de opiniões.

Limitar-nos-emos, por isso, a estranhar, nesta portada de “A SEMANA”, certo entusiasmo alvissareiro que alguns brasileiros revelaram pelos escritos do sr. Guilherme.

Dizemos “extranhar certo entusiasmo alvissareiro de alguns brasileiros” porque não conhecemos, entre outros povos, um tipo tão representativo das falhas, recuos e psicoses de uma nacionalidade como o nosso grotesco Jeca Tatu...

Para podermos rir às gargalhadas do sírio mascate, temos, antes, de chorar... de ironia do Jeca Tatu...

Acresce ainda se notar, neste particular de açulos ao nacionalismo tupiniquim, que já nos bastam os ódios e fraticídios, não devendo portanto, nós outros, trazermos em excitações de amor próprio ofendido os estrangeiros que aqui vieram colaborar conosco na construção de uma pátria.

Se existir porventura entre esses estrangeiros homens moralmente incapacitados, que esses homens sejam punidos pelas leis do nosso país. E fiquemos por aqui.

Mas não levemos a nossa incúria ao ponto de insultar, graciosamente, homens de outra raça, sob o pretexto de inferioridades etnográficas...

E, depois, diga-se por amor ao Amor da Verdade esta frase simbólica de uma realidade: nós, os brasileiros, não descendemos de uma fonte racial tão pura e imaculada de nódoas étnicas que possamos achar assim, com tamanha facilidade, indignos do nosso ambiente estrangeiros menos favorecidos pela sorte que os generosos ingleses, americanos, alemães ou franceses.

**A**

# ORDEM

ORGÃO DO "CENTRO D. VITAL"

SUMARIO

CONGREGAÇÃO DO SANTO OFICIO — Sobre certas formas novas de devoção.....	197
FR. DAMIAO BERGE, O. F. M. — A filosofia existencial de Martin Heidegger.....	201
GUERINO CASASANTA, — A mãe de D. Silverio.....	220
DURVAL DE MORAIS, — Oferenda.....	225
ROBERTO DE ALMEIDA CUNHA — Pio XI.....	253
OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO — Da capacidade jurídica do Estado e do fenomeno "Autarquia".....	255
CECILIA GOMES DOS SANTOS — A missa, centro de ação Católica.....	261
JONATAS SERRANO — Letras contemporaneas.....	265
Registro.....	272
Bibliografia.....	277

**SETEMBRO - 1937**

**2\$500**

## *Da Capacidade Juridica do Estado e do Fenomeno "Autarquia"*

Oliveira Franco Sobrinho

### I

A historia dos nossos dias, exprime em traços rapidos e incisivos, uma especie caracteristica de desindividualização.

Caminha o homem moderno, no sentido de uma crescente integração, nos circulos da atividade humana.

O Estado, alargando sensivelmente, a ação dos seus proprios elementos intrinsecos de vitalidade, cria para si, em meio ao conflito do seculo, afastando as ideias julgadas incompativeis com a realidade incontrastavel do momento, uma situação diretora privilegiada, abolindo a formalistica intransigente, e suprimindo as velhas formas de encarar os grandes problemas da existencia do homem.

A necessidade forçou novas atitudes relacionais, ordenando sistematicamente, mutações continuas do espirito politico.

As organizações coletivas, em virtude de uma cada vez maior descentralização politica e territorial, uma autentica descentralização institucional, se vêm obrigadas a recorrer a outros processos de direito, isto para que se permita ao Estado, realizar os seus fins, por formulas juridicas definidas e impessoais.

As teorias juridicas, sofrendo a influencia de certas regras sociologicas, hoje já tomadas como verdades essenciais, abandonam a antiga base de justiça social, procurando outros fundamentos para uma ideia mais objetiva do direito, como vontade de fixamento do espirito capaz de uma democracia atuante e organica.

## ⌘ DA CAPACIDADE JURÍDICA DO ESTADO ⌘ E DO FENÔMENO "AUTARQUIA"

*A Ordem - setembro de 1937.*

I – A história dos nossos dias exprime, em traços rápidos e incisivos, uma espécie característica de desindividualização.

Caminha o homem moderno no sentido de uma crescente integração nos círculos da atividade humana.

O Estado, alargando sensivelmente a ação dos seus próprios elementos intrínsecos de vitalidade, cria para si, em meio ao conflito do século, afastando as idéias julgadas incompatíveis com a realidade incontrastável do momento, uma situação diretora privilegiada, abolindo a formalística intransigente e suprimindo as velhas formas de encarar os grandes problemas da existência do homem.

A necessidade forçou novas atitudes relacionais, ordenando, sistematicamente, mutações contínuas do espírito político.

As organizações coletivas, em virtude de uma cada vez maior descentralização política e territorial, uma autêntica descentralização institucional, se vêm obrigadas a recorrer a outros processos de direito, isto para que se permita ao Estado realizar os seus fins por fórmulas jurídicas definidas e impessoais.

As teorias jurídicas, sofrendo a influência de certas regras sociológicas, hoje já tomadas como verdades essenciais, abandonam a antiga base de justiça social,

procurando outros fundamentos para uma idéia mais objetiva do direito, como vontade de fixamento do espírito capaz de uma democracia atuante e orgânica.

O Estado, em vista desse movimento do individual para o social, tocando de perto as raízes da civilização, que se estruturou à luz da cultura do século passado, estende as suas funções, tentando com maior atividade chamar a si a responsabilidade do controle social, mesmo de serviços públicos especializados. Aumenta o possível de capacidade jurídica. A sua ingerência na vida privada, procurando orientar o indivíduo, traçar linhas decisivas de conduta, com o aparecimento de pessoas jurídicas autônomas, revela, em começo, a tendência política da época, que é ver a ascendência de um puro direito público, dominado pela necessidade que tem o Estado de afirmar fins que lhe são indispensáveis, ou, então, cumprir os seus objetivos elementares de coordenação e orientação. O que quer dizer que os dois elementos estáveis do direito, o público e o privado, se interpenetram, com uma pequena predominância do elemento público sobre o privado, com uma predominância exclusiva de fim, em relação ao interesse geral, ao bem comum individual.

O direito, como fenômeno social, não prescinde da atividade isolada do homem. O erro do Estado individualista liberal da revolução francesa foi acreditar no indivíduo como objeto e sujeito de direitos ao mesmo tempo.

A preocupação racionalista de um máximo de expansão e aproveitamento individual, o que fez foi afastar o Estado de sua órbita existencial, descuidando daquela pluralidade de vontades que se harmonizam entre si, com prejuízo de um completo ordenamento jurídico, capaz de manter esse mesmo Estado e focalizar mesmo a sua fisionomia política.

**II** – Há, como que, nesse aspecto do Estado, em ampliar o seu campo normal de ação, valorização intensiva da vida, limitando as aspirações e os anseios do homem moderno, limite esse de conveniência social, está claro.

O indivíduo reage violentamente contra o meio e, numa constante revolta de idéias contra fatos, busca, na proletarização política das massas, a força de permanência vital que lhe escasseia na vida privada.

Qualquer gênero de coletivismo, mesmo o mais feroz, violento ou bárbaro, satisfaz ao homem nesses momentos supremos de fadiga. Necessita de apoio, de escora para as suas ambições, de uma ajuda que o eleve às complexidades de uma civilização surgida do choque com as passadas concepções filosóficas, contra os princípios tradicionais de uma economia liberalista.

O homem do nosso tempo não está à altura das riquezas materiais que ele próprio inventou, num esforço considerável de superação humana.

O advento das massas à supremacia do mundo, ao pleno poderio consciente das atividades universais, iniciando assim a sublevação contra um destino marcado em letras de fogo, traça a colossal fisionomia do homem inquieto ante a angústia dos seus semelhantes, em posição máxima de rígida rebeldia. E o mais significativo é a formação crescente de agrupamentos coletivos, o desenvolvimento das associações profissionais, com estrutura jurídica definida e natureza jurídica própria à defesa dos seus interesses.

Está em jogo o problema da soberania das nacionalidades, dentro da autoridade do Estado.

Paul Scholten, em trabalho erudito sobre L'AUTORITÉ DE L'ÉTAT, salienta que, antes da Grande Guerra, os juristas e publicistas acreditavam mais em LE DROIT, LA VOLONTÉ DU LEGISLATEUR que em L'ÉTAT SOUVERAIN, matéria exclusiva da teoria do direito, das concepções jurídicas de todas as idades.<sup>1</sup>

Não podemos nos deter, o que é verdade, nas fórmulas até ontem consideradas definitivas que a ciência antiga nos oferece. A inteligência política desperta sob a ação dos impulsos audaciosos. Na evolução gradativa do pensamento humano, os fenômenos se sucedem numa constância positiva, ameaçando, em vezes, a sorte da cultura.

É a necessidade elevando sistematicamente, como já vimos, sucessivas formas de fixação dos problemas que afetam a vida de uma civilização. A evolução da idéia de Estado vem acompanhando *pari passu* as transformações do espírito jurídico, em cada fase autônoma da história da humanidade.

Harold J. Laski, em trabalho intitulado *LE TOURNANT DE LA DEMOCRATIE*,<sup>2</sup> bem como em seu notável ensaio *THE STATE IN THEORY AND PRACTICE*,<sup>3</sup> faz notar, tal como Scholten, que o problema da democracia representativa, no tocante à autoridade do Estado, modificou-se totalmente após o advento da Guerra Européia.

A humanidade saiu de um impasse verdadeiramente catastrófico para encontrar diante de si outra humanidade, insuficiente de energias despertadas para carregar com os compromissos assumidos no término da hecatombe memorável.

O prestígio da democracia no século dezenove e, logicamente, o prestígio do Estado, foi resultante da abolição dos privilégios da nobreza dominante. No presente, a autoridade do Estado, bem como o prestígio da democracia, depende da abolição dos mesmos privilégios ontem pertencentes à aristocracia e hoje à burguesia, classe esta que sucedeu a primeira nas vantagens de dispor, ao seu prazer, da coisa pública.

No *LES PROBLEMES DE LA DÉMOCRATIE*, Masarik<sup>4</sup> aponta os diferentes tons de uma democracia afeita às tendências do tempo e conclui que o problema político atual está, sem dúvida, na luta pela imposição de uma nova autoridade.

O mesmo escreve Louis Le Fur em *LA DÉMOCRATIE ET LA CRISE DE L'ÉTAT*, mostrando que, em sua estruturação atual, o fenômeno democracia aparece como uma noção moderna, de afirmação autoritária.<sup>5</sup>

É falso, portanto, hoje em dia, o conceito de Nitti, Laun ou Kelsen,<sup>6</sup> fazendo repousar a persistência do fenômeno democrático sobre a liberdade. É um erro do individualismo liberal, como ensina Le Fur, no qual o indivíduo vive para si só, tendo a liberdade como bem supremo. A liberdade não é fim, é meio de atingir um ideal universal de grandeza e perfeição.

O Estado, em última análise, se vê obrigado a intervir, direta ou indiretamente, nas questões sociais suscitadas. E essa intervenção é feita por meio do direito, pelos meios jurídicos convenientes, favorecidos pelo espírito democrático, através das entidades particulares autônomas de caráter privado especial e determinado pela própria auto-organização já realizada anteriormente.

Essas organizações são o que chamamos em linguagem técnica de autarquias. Por intermédio delas, o Estado efetiva de maneira satisfatória a sua soberania como figura autárquica suprema. Por meio delas, chegamos necessariamente ao Estado jurídico.

**III** – O Estado, ainda como realizador da ordem jurídica, não se detém, absolutamente, na tutela do direito. Ao lado de uma ação jurídica, cabe certamente uma ação social. Explica-se pelo desenvolvimento do direito, mas a esfera de sua atividade determina-se pelo ângulo das necessidades humanas.

Daqui parte a idéia do Estado político-social-jurídico, ao mesmo tempo. Se tem por objeto de lei conservar os direitos naturais do homem, como a liberdade e a propriedade, possui como fim, para assumir sumariamente o objetivo em vista, o seu núcleo ativo de autoridade eficiente, parte móvel em todas as concepções de Estado e que facilita a sua intromissão real no domínio dos negócios públicos ou privados.

O princípio da soberania das nações depende naturalmente da autoridade intransferível do Estado na tutela do bem e do interesse coletivo. Ao mesmo tempo em que aparece o Estado como força imanente do direito, sofre, no desenrolar de sua vida, a influência muitas vezes decidida de uma pluralidade constante de vontades enérgicas que o tornam uma palpitante realidade positiva, mesmo nas suas origens.

Georg Fischbach corrobora a nossa opinião:<sup>7</sup> “O cidadão dentro do Estado tem duas personalidades: como parte da sociedade, é elemento integrante do povo, e também objeto do poder público”. Donde se conclui que, considerado o povo como medida finalista do poder público, os indivíduos só possuem obrigação dentro do Estado. Daqui parte a noção de direitos subjetivos, no entender de Otto Mayer,<sup>8</sup> daqueles direitos que o indivíduo conquista do Estado, que limitam em certo sentido o poder público e compõem, por assim dizer, fragmentos políticos de gestão independente, a favor dos cidadãos. É o Estado conferindo ao indivíduo a capacidade de reter consigo pedaços de soberania coletiva e dando origem ao que mais adiante definimos por autarquia.

Existem direitos determinados que mais interessam a particulares em espécie que ao Estado que os exercita e os faculta. Daí a vantagem no aparelho administrativo de cada nação, orientada logicamente no espírito de uma boa divisão do trabalho, facilitar às entidades particulares a competência de gerirem os próprios negócios.

O trabalho da administração está no ceder aos indivíduos privilégios de exercerem, no que tocar de perto, o interesse que lhes é próprio. Visa a preencher o exercício de um serviço público, caracterizando o fenômeno já conhecido da descentralização, por serviço.

Essas entidades particulares nascem da concessão da personalidade jurídica por parte do poder público, consubstanciando como que uma delegação do poder público, isto é, do Estado, expressão vital da sociedade que as afirma.

A autonomia está nos princípios da concessão e no reconhecimento por parte das autoridades competentes. Evidencia, por meio da delegação existente, a vontade do Estado em executar os serviços em questão. Não livra, porém, a necessidade em tempos da intervenção do mesmo Estado, que pode, na forma dos interesses totais, modificar até a organização intrínseca dessas pessoas jurídicas, dando-lhes um novo feito que mais convenha à vontade da administração pública geral.

É de grande precisão, para o caso em apreço, a definição de Santi-Romano,<sup>9</sup> traduzindo o espírito dessas entidades e a posição real do Estado que as dirige: “uma forma específica da capacidade de direito público, capacidade de dirigir os seus próprios interesses, não obstante a intervenção do Estado”.

**IV** – Pelo exposto, o que se deduz é que a capacidade do Estado aumenta na razão direta das suas relações de ordem jurídica. “Na maioria das vezes, a relação jurídica se apresenta complicada de tal maneira que de ambas as partes se encontram obrigações e direitos correlativos”, é o que escreve Theodor Sternberg.<sup>10</sup>

A fixação exata de todo direito subjetivo, ensina Sternberg, exige imperiosamente que se perceba claramente a obrigação correlativa. Toda obrigação impõe conforme sua finalidade. Fora de um sentido finalista que se

explica como norma jurídica obrigatória e coativante, não encontra um motivo sério sequer de permanência social.

No entender de Savigny, nada mais orgânico que a relação jurídica entre partes. A sociologia atual, experimentando a consciência de uma situação, tende a estudar e a prestar conta dos movimentos exteriores espontaneamente surgidos, forçando em reconhecer os germens da transformação da estrutura social imperante.<sup>11</sup> Isto, estabelecendo uma relativa possibilidade de o Estado afirmar a absorção e a dominação das forças em pugna, dentro do seu âmbito nacional.<sup>12</sup>

A possibilidade, como escreve Echavarría, de eliminar lentamente a luta violenta de classes opostas, mediante a cooperação de todos os elementos intermediários realmente existentes, de modo que se constitua a sociedade como elemento ponderador dos mais distintos grupos sociais, é o que pleiteamos. “O problema está, pois, na articulação social dos grupos autônomos e na manutenção da autoridade do Estado, com reação a uma estrutura social pluralista”.<sup>13</sup>

O Estado alarga a sua tendência expansionista natural, desvendando perspectivas novas dentro da órbita do direito, o direito em si, como um sistema orgânico de ordenações categóricas positivas.

**NOTAS:**

- 1) Paul Scholten - ARCHIVES DE PHILOSOPHIE DU DROIT ET DE SOCIOLOGIE JURIDIQUE - III-IV - p. 141.
- 2) Publicado nos ARCHIVES DE PHILOSOPHIE DU DROIT - III-IV - p. 156.
- 3) Edição espanhola de 1936 da EDITORIAL REVISTA DE DERECHO PRIVADO.
- 4) Edição de 1924 - p. 58.
- 5) Nos ARCHIVES - III-IV - p. 7.
- 6) Ver Francesco Nitti (DEMOCRACIA); Laun (DEMOCRACIA); e Hans Kelsen (TEORIA GENERAL DEL ESTADO).
- 7) Georg Fischbach - DERECHO POLITICO GENERAL Y CONSTITUCIONAL COMPARADO - p. 309.
- 8) Ver Otto Mayer - DROIT ADMINISTRATIF.
- 9) Santi-Romano - CORSO DI DIRITTO AMMINISTRATIVO - p. 86.
- 10) Theodor Sternberg - INTRODUCCION A LA CIENCIA DEL DERECHO - p. 261.
- 11) J. Medina Echavarría - LA SITUACION PRESENTE DE LA FILOSOFIA JURIDICA - p. 166.
- 12) J. Medina Echavarría - op. cit. - p. 168.
- 13) J. Medina Echavarría - ob. cit. - p. 169.

# A ORDEN

ORGÃO DO "CENTRO D. VITAL"

## SUMMARIO

SERAFIM LEITE, S. J. — Os primeiros professores do Brasil.....	383
PEIXOTO COSME — S. Malachias, o Monge de Padua.....	386
D. XAVIER DE MATTOS, OSB. — Allocução Inaugural.....	389
BELIZARIO DE L. A. NETTO — Preconceitos..	398
MESQUITA PIMENTEL — S. Boaventura.....	402
M. G. REIS — Acção Catholica.....	428
TIERS MARTINS MOREIRA — Novo Sentido dos programmas de Ensino.....	435
OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO — O Sentido da Obra de Jacques Maritain.....	444
JONATHAS SERRANO — Letras Contemporaneas.....	451
REGISTRO.....	456
BIBLIOGRAPHIA.....	467

JUNHO - 1936

2\$500

## O sentido da obra de Jacques Maritain

(Conferencia pronunciada no "Circulo de Estudos Bandeirantes" de Curityba, em 4 de Junho de 1936)

OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

Nascido, de notas a margem de livros, que aos poucos, iam devorando desordenadamente, o nosso trabalho, não apresenta nada de original. Não é, porem, um assumpto batido novamente a tona. Entre nós, aqui no Brasil, — fóta o grupo de intellectuaes catholicos que vem dando tão grande incremento a verdadeira cultura humanista — Maritain é quasi totalmente desconhecido. Falar sobre elle, é viver o momento universal, é chegar-se da philosophia catholica e dos problemas vitales do christianismo, em nosso tempo.

Como figura de nosso seculo, conseguiu Maritain, com surpresa de muitos, posição de relevo, afastando-se da formula politico-catholica de Charles Maurras, num tempo em que todas as energias novas do mundo estavam voltadas para o movimento, aliás extraordinario, de "L'Action Française". Daudet e Jacques Bainville foram então afastados da ordem do dia. Permaneceu Maritain com a sua orientação toda nôva de sentir os problemas do presente, principalmente, os que de perto, falavam do mundo christão.

Em começo ficou isolado para logo depois ser compreendido e sua obra interpretada com fidelidade ao pé da letra. Hoje, Maritain, já está sendo, como é necessario, bastante divulgado. E a nossa palestra, não tem outra finalidade do que trazer o pouco de nosso auxilio para a vulgarização do pensamento do maior doutrinador catholico do seculo vinte.

REVISTA  
ORDEN  
1936/137  
M.F.N.12

## ❀ O SENTIDO DA OBRA ❀ DE JACQUES MARITAIN

*A Ordem – junho de 1936.*

*R*ascido de notas à margem de livros que aos poucos íamos devorando desordenadamente, o nosso trabalho não apresenta nada de original. Não é, porém, um assunto batido novamente à tona. Entre nós, aqui no Brasil – fora o grupo de intelectuais católicos que vem dando tão grande incremento à verdadeira cultura humanista – Maritain é quase totalmente desconhecido. Falar sobre ele é viver o momento universal, é chegar-se da filosofia católica e dos problemas vitais do cristianismo em nosso tempo.

Como figura de nosso século, conseguiu Maritain, com surpresa de muitos, posição de relevo, afastando-se da fórmula político-católica de Charles Maurras, num tempo em que todas as energias novas do mundo estavam voltadas para o movimento, aliás extraordinário, de “L’Action Française”. Daudet e Jacques Bainville foram então afastados da ordem do dia. Permaneceu Maritain com a sua orientação toda nova de sentir os problemas do presente, principalmente os que de perto falavam do mundo cristão.

Em começo, ficou isolado, para logo depois ser compreendido e sua obra interpretada com fidelidade ao pé da letra. Hoje, Maritain já está sendo, como é necessário, bastante divulgado. E a nossa palestra não tem outra finalidade

do que trazer o pouco de nosso auxílio para a vulgarização do pensamento do maior doutrinador católico do século vinte.

A obra de Jacques Maritain não é comum. Ela penetra todos os domínios da inteligência e projeta-se na esfera do mundo com a força formidável do realismo filosófico do autor. O sentido integral que possui – estudando as varias atividades do indivíduo e da pessoa – fala-nos de perto da vantagem de uma apreciação mais panorâmica e mais metodizada dos problemas espirituais e temporais da nova cristandade.

Não possui Maritain, como parece à primeira vista, um simples senso de vida, tal como Marx ou tal mesmo como Comte, e sim uma visão única que se biparte, abrangendo, com rara objetividade, a realidade cósmica do todo universal.

Fez, o pensador católico, obra de amplitude máxima. Não se deixou ficar na sociologia ou na política, no direito ou na moral. Foi bem mais longe. Alargou consideravelmente os limites da simples inteligência, aproximando-a, aos poucos, da vida que vivemos e da vida a que aspiramos viver.

Essa foi a maior conquista da filosofia nos dias que passam. Foi realizar – não só realizar, mas fazer sentir às massas –, num tempo em que tudo concorre para a dissociação das forças que garantem a velha civilização, a união lógica entre a idéia de Deus e a idéia do homem.

Maritain foi até as raízes espirituais da vida humana para explicar a transcendência do cristianismo. Profetiza o futuro com uma visão ampla do que será a nova idade. A sua intuição aguda de filósofo educado na escola bergsoniana dá-lhe a necessária autoridade para firmar as diretrizes do pensamento no mundo contemporâneo.

“Apoiando-se no conceito tomista da ambivalência da história humana, volta Maritain à filosofia escolástica, para descobrir nela, por meio de uma simples analogia, a verdadeira essência dos problemas que regem a vida moderna. Os movimentos da história, desde o Renascimento até os nossos dias, são analisados e compreendidos por esse grande pensador, não debaixo de um

critério cerrado de “clerical”, mas, com inteligência e visão católica do momento, o que equívale dizer, integrando e ordenando tudo o que há de bom em cada ciclo histórico, conforme os princípios católicos da filosofia perenne”.<sup>1</sup>

Em cada etapa ou período da vida da humanidade, onde valores novos surgiram, Maritain se ocupa deles, situando-os e imprimindo o característico próprio a cada uma dessas etapas ou períodos. Nesse trabalho de seleção, ele viajou do Renascimento até a atualidade para traduzir as tendências da humanidade de hoje. E, depois, foi ao passado e buscou com S. Tomás a explicação da ruptura, no domínio do pensamento puro, entre a idéia de Deus e a idéia do homem, entre a vida moral e a vida espiritual, que, para escritores como Émile Boutroux e Bertrand Russel, revela o asfixiamento, ou quiçá o desaparecimento do cristianismo.

Falta ao homem moderno um ponto de apoio, um centro irradiador de vida. E isto concretiza o caráter diferencial entre o velho e o novo humanismo: o humanismo renascentista e o humanismo de nossos dias.

“Em nosso século, atingido o pináculo da era humanista – é Nicolas Berdiaeff quem escreve –, o homem se ergue num estado de vacuidade terrível. Não sabe mais onde é o centro de sua vida. Sob seus pés não sente profundidade. Vota-se a uma existência mais que vulgar, vive sobre duas dimensões como se habitasse exatamente a superfície da terra – ignorando o que está acima dele e o que está abaixo. Há, pois, formidável distância e formidável contradição entre o começo da era humanista e o seu fim”.<sup>2</sup>

O novo humanismo cristão mostra, a todo aquele que pensa, qual seja o caminho e a direção do homem contemporâneo. Coloca a serviço de Deus os valores materiais, resistindo a todos os choques do racionalismo agonizante e resistindo às investidas furibundas das massas revolucionárias cuja única preocupação está em subverter a ordem social. “O homem é só uma metade de si mesmo. A outra metade é sua expressão”.<sup>3</sup> Onde quer que exista manifestação divina, outra já se torna a atitude assumida em face da vida.

Esse novo humanismo, em conflito com a anarquia política, o mecanicismo e o tecnicismo, faz Maritain antever, no abandono do racionalismo cartesiano com a ascensão de princípios metafísicos de ordem, o que ele chama com freqüência de Idade Nova. “E só o verdadeiro humanismo, que é por natureza limitado pelas regiões superiores do heroísmo e da santidade, aquele que Maritain costuma chamar de humanismo integral, pois inclui todos os graus do conhecimento humano e comunica o amor da perfeição, só ele poderá salvar a Idade Nova de um envelhecimento prematuro, provocado por toda a falsa filosofia, social ou individual, da vida”.<sup>4</sup>

Em cada ciclo em que se agita a humanidade, em cada círculo onde o homem luta pela própria conservação, o novo humanismo cavou profundas raízes. Em suas variadas manifestações, ele se afirma como força de caráter renovador em oposição chocante ao naturalismo do século que passou. Vem reagir contra essa tendência fatalística para a morte que consome visivelmente as energias atuantes da sociedade de todos os tempos. A vida parece querer cessar por sobre a terra. “É admirável que a concepção do domínio do homem sobre a natureza se desfaça numa tendência uniforme para a morte total”.<sup>5</sup> E Deus é o nosso único ponto de apoio, o único escoro que possui o homem neste momento contra a morte e contra as forças desagregadoras do cientificismo avassalador.

O novo humanismo cristão que preconiza Maritain consiste não em voltar à velha ordem teocrática medieval da “força a serviço de Deus”, renegando as terríveis experiências que os últimos quatro séculos de história antropocêntrica trouxeram para a consciência da humanidade. A solução está em compreender “analogicamente” as idéias filosóficas que hoje predominam e que modificaram a estrutura psíquica do homem antigo, explicando essas mesmas idéias conforme a ordem cósmica-cristã”.<sup>6</sup>

A posição cristã do novo humanismo satisfaz as necessidades fundamentais da Nova Idade que surge. “A civilização medievalista, por maior e mais sublime que tenha sido, não conseguiu realizar plenamente a noção puramente cristã de civilização”.<sup>7</sup>

A luta política ao lado do ódio de classes, o conflito subterrâneo, se assim podemos chamar, de interesses vitais contrários, fazem transbordar o fel do ódio nos corações humanos. O anti-Cristo procura destruir por todos os meios as raízes da verdadeira fé. O homem forte, afastado da mística criadora que a religião inocula em todos nós, destrói, aos poucos, o homem santo, que não pode permanecer, em um mundo que se desfaz a olhos vistos, materializando-se no contato contínuo com as coisas transitórias. O antropocentrismo do século passado, voltando a atuar, como ponto de partida para um estado natural de cultura, afasta o homem de seus problemas máximos, provocando a tirania baixa e a ditadura funesta, de proporções tremendas, do anti-Cristo rebelde e cego pela vontade de destruição.

Espreitamos o desconhecido. Olhamos os dias tristes de amanhã com um ar de indiferentismo pagão. Exploramos a nossa consciência e quase nada mais resta da antiga mística cristã. Pobre do homem quando se deixa prender pelo indiferentismo! Pobre do homem cuja consciência não mais repele ao domínio dos instintos! Essa é a nossa situação. E por isso confiamos na reação que se avoluma no subconsciente rústico das massas oprimidas.

“A posição cristã pura, que transcende a matéria, no dizer de Maritain, encontra-se em todos os princípios analógicos e integralistas da filosofia católica: se é verdade que o querer voltar a um estado passado constitui uma espécie de blasfêmia contra o governo de Deus na história, se é verdade que existe um desenvolvimento orgânico da Igreja e do mundo, a tarefa do cristão é a de salvar as verdades humanistas, desfiguradas por quatro séculos de humanismo antropocêntrico, no momento em que a cultura humanista se desfaz e as suas verdades estão a ponto de perecer juntamente com os erros que as viciavam e as oprimiam. Trata-se – acrescenta Maritain – da refundição total de nossas estruturas culturais e temporais, erigidas debaixo do signo do dualismo e do racionalismo antropocêntricos. O que buscamos é o ritmo de uma nova idade da civilização”.<sup>8</sup> O que buscamos é a estabilidade de uma nova consciência em

Cristo. O homem forte de Nietzsche não pode opor-se ao homem eterno. A força se anula no espaço e no tempo.

Aqui está toda a tragédia do momento presente. O homem, julgando-se insuperável, atira-se contra Deus e contra as forças eternas da vida. Ou, como diz Nicolas Berdiaeff: “A tragédia reside no fato da criatura se revoltar contra o seu criador e de recusar-lhe obediência”.<sup>9</sup>

Nessa atitude extrema de rebelião, o homem cria uma nova realidade, mais triste e mais rigorosa, mas sempre uma nova realidade, uma realidade nova e alucinante. Com essa nova realidade, surge uma nova forma de vida, uma nova técnica: a técnica filha da máquina. E a máquina vai assim resolvendo o destino do homem dentro da sociedade. Para o pensador russo, “c’est le problème des relations de l’homme et de la nature, de l’individu et de la société, de l’esprit et de la matière, de l’irrationnel et du rationnel”.<sup>10</sup>

A máquina está decidindo a nossa vida, dando orientação a nossa consciência, escravizando a coletividade e a sujeitando a uma filosofia de utilidade, a uma filosofia puramente existencial, a uma filosofia da técnica e da própria máquina. E isso tudo sem um sentido superior de finalidade: “La technique donne a l’homme d’aujourd’hui le sentiment d’une immense puissance”.<sup>11</sup> E esse poder se alarga ameaçando o futuro da humanidade cristã.

Georges Renard, já citado por Maritain, em um estudo moderníssimo, que por acaso, me veio ter às mãos, “Thomisme et Droit Social”, comentando “L’Idée du Droit Social” de Gurvitch, mostra, em síntese, a inclinação para maior amplitude e para maior solidariedade que vêm tendo as normas jurídicas em nossa época. E essa tendência vem da infiltração do tomismo nas várias esferas da atividade jurídica. É como que o domínio da lei eterna por sobre as coisas da terra. É a realização total da democracia cristã, preconizada pelo Cardeal Mercier, falando aos operários de Malines.

O direito social, porém, não deteve Maritain em suas sutis malhas. Um pequeno estudo, publicado há mais ou menos um ano, sobre “Saint Thomas et

le Droit”,<sup>12</sup> mostra que o filósofo em tudo tomava parte e colocava o princípio “vida” acima de fenômenos relacionais. Como filósofo mesmo, ele soube fugir à filosofia. “Do contato com Leon Bloy e com Humberto Clerissac, teve a revelação de que a inteligência abstrata não esgota o ser. E que há qualquer coisa de mais alto que o próprio pensamento humano”.<sup>13</sup> Depois de revelar o novo direito por intermédio de S. Tomás, Maritain apegava-se à mística para revelar as realidades atuais do problema social, que ele estuda e contempla à luz do catolicismo.

“Confrontando – escreve Tristão de Athayde – a nova cristandade do século Vinte com a civilização católica medieval, procura Maritain estabelecer os característicos de ambas, divergentes em muitos pontos. A medieval, baseada no mito do Santo Império, na unidade orgânica, na civilização como **fonction du sacré**, no emprego dos meios temporais e políticos para o bem espiritual dos homens, na dissociação das classes pelos privilégios. E, sucedendo ao desmoronamento dessa ordem católica medieval, as possibilidades de uma ordem católica moderna, que Maritain vê baseada na estrutura pluralística da sociedade, na autonomia do temporal, como fim intermediário, no personalismo, na nova aristocracia do trabalho, na organização corporativa, na economia industrial concentrada, rural, dividida e finalmente na instauração de uma sociedade fraterna, em que a caridade venha completar a ordem e a justiça”.<sup>14</sup>

Essa é mais ou menos a posição de Jacques Maritain. A sua filosofia política cristã “faz da justiça e da amizade os fundamentos próprios da vida da sociedade e é simultaneamente comunitária e personalista, isto é, coloca o bem comum superior aos bens particulares e, ao mesmo tempo, vê na sociedade um meio para a formação mais ampla e perfeita da personalidade de cada membro do corpo social”.<sup>15</sup>

Tem razão Tristão de Athayde. “Uma figura como essa enche toda uma época. E nós, aqui de longe, em nosso esforço modesto de colaborar na obra eminente da inserção do espiritual no temporal, devemos não apenas seguir as lições desse luminoso espírito, como mestre que é nos vários aspectos de sua vida, mas ainda amá-lo fraternalmente pelo bem imenso que a todos nos tem feito”.<sup>16</sup>

O assunto permite, sem dúvida, maior amplitude que o de uma simples palestra. Maritain é dessas figuras que não se definem em livros ou nos limites de um artigo de jornal. Nós ficamos no artigo de jornal, uma vez que não podemos fazer mais. Como filósofo, como místico ou como sociólogo, dá margem a comentários mais longos. A nossa intenção foi situar Maritain dentro do movimento social do século XX e definir o seu pensamento. E foi o que fizemos.

**NOTAS:**

- 1) FEDERICO IBARGUREN - UNA VISION CATOLICA DEL MOMENTO ACTUAL - LA NACION de 15.3.36.
- 2) NICOLAS BERDIAEFF - UN NOUVEAU MOYEN AGE p.14.
- 3) Emerson - EL HOMBRE Y EL MUNDO - pag. 163.
- 4) TRISTÃO DE ATHAYDE - NO LIMAR DA IDADE NOVA - pag. 29.
- 5) JACQUES MARITAIN - RELIGION ET CULTURE - pag. 27.
- 6) Federico Ibarguren - UNA VISION CATOLICA DEL MOMENTO ACTUAL - LA NACION DE 15.3.36.
- 7) Jacques Maritain - RELIGION ET CULTURE - pag. 40.
- 8) Federico Ibarguren - LOC. CIT.
- 9) Nicolas Bardiaeff - L'HOMME ET LA MACHINE - pag.19.
- 10) IDEM pag. 25.
- 11) IDEM pag. 31.
- 12) Publicado na revista "VIDA" de Maio de 1935.
- 13) Tristão de Athayde - MARITAIN - "VIDA" - Maio de 35.
- 14) Tristão de Athayde - MARITAIN - "VIDA".
- 15) Tristão de Athayde - NO LIMAR DA IDADE NOVA - pag. 49.
- 16) Tristão de Athayde - MARITAIN - "VIDA".

# A ORDEM

ORGÃO DO "CENTRO D. VITAL"

## SUMARIO

D. TOMAZ KELLER, O. S. B. — Natal e Sacerdocio.....	5
H. J. HARGREAVES — O sentido social da festa de Cristo Rei.....	11
OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO — Tendencias politicas do pensamento juridico moderno.....	21
LAURO DE ARAUJO BARBOSA — Poemas..	28
PAULO DE DAMASCO — A Igreja e o socialismo violento ou moderado.....	31
ALCEU AMOROSO LIMA — Ação social catolica.....	35
MURILO MENDES — Poemas.....	48
TASSO DA SILVEIRA — Parnasianismo e simbolismo.....	49
CRONICA DE TRANSCRIÇÕES — A Igreja e as perseguições modernas.....	63
Cronica de Portugal.....	68
Registro.....	70
Bibliografia.....	73

JANEIRO - 1937

2\$500

## *Tendencias politicas do pensamento juridico moderno*

DISCURSO PRONUNCIADO NA COLAÇÃO DE GRAU DOS BACHAREIS DE 1936 DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ —

OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

A complexidade da hora atual determinou nova atitude do espirito moço, frente aos fatos da vida quotidiana.

Uma grande reação de carater revolucionario se processa lentamente, no sub-consciente das massas oprimidas, ameaçando mais uma vez, subverter a ordem social burguesa.

Vamos encontrar a origem desse movimento de violencia contra a ordem, na premencia de atenuar as asperezas da vida social, e na necessidade, de reivindicar para o homem, o retorno de uma metafisica, subordinada aos principios eternos da moral cristã.

Até hontem, eramos filhos da solidão. A crise no dominio do pensamento moral, a inquietação do futuro, a apreensão angustiante dos dias que correm, obrigou-nos — permiti que o diga — a romper com todos os laços que nos ligavam ao passado politico da humanidade e assim, na forma do nosso ideal de jovens, criar um mundo ao nosso modo, falho de experiencia, mas um mundo totalmente nosso, cheio de fé, de confiança no espirito eterno da vida, um mundo que as outras gerações que passaram seriam incapazes de idear e compreender.

O nosso trabalho é de reconstrução. Tudo o que nos legou o passado ai está desaparecido na voragem dos instintos desenfreados. Nada mais nos sobra da herança ancestral. As conquistas scientificas anularam-se umas de encontro ás outras. Continuar uma obra que não mais existe, é impossivel para nós que temos consciencia clara de nossa situação na terra.

## ❁ TENDÊNCIAS POLÍTICAS ❁ DO PENSAMENTO JURÍDICO MODERNO

*A Ordem – janeiro de 1937.*

A complexidade da hora atual determinou nova atitude do espírito moço frente aos fatos da vida cotidiana.

Uma grande reação de caráter revolucionário se processa lentamente, no subconsciente das massas oprimidas, ameaçando mais uma vez subverter a ordem social burguesa.

Vamos encontrar a origem desse movimento de violência contra a ordem na premência de atenuar as asperezas da vida social e na necessidade de reivindicar para o homem o retorno de uma metafísica subordinada aos princípios eternos da moral cristã.

Até ontem, eram os filhos da solidão. A crise no domínio do pensamento moral, a inquietação do futuro, a apreensão angustiante dos dias que correm, obrigaram-nos – permiti que o diga – a romper com todos os laços que nos ligavam ao passado político da humanidade e assim, na forma do nosso ideal de jovens, criar um mundo ao nosso modo, falho de experiência, mas um mundo totalmente nosso, cheio de fé, de confiança no espírito eterno da vida, um mundo que as outras gerações que passaram seriam incapazes de idear e compreender.

O nosso trabalho é de reconstrução. Tudo o que nos legou o passado aí está desaparecido na voragem dos instintos desenfreados. Nada mais nos sobra da

herança ancestral. As conquistas científicas anularam-se umas de encontro às outras. Continuar uma obra que não mais existe é impossível para nós que temos consciência clara de nossa situação na terra.

Nunca a vida foi tão cheia de imprevistos. As vitórias do direito sofrem a mais incrível crítica da realidade. Não mais existe hoje em dia uma única norma jurídica à qual nos possamos confiantes apegar. Concepções mais arrojadas, elaboradas por cérebros afeitos aos descontroles do momento presente, dizem-nos que é nosso dever indeclinável de moços aproveitar o melhor possível dos materiais em condições do passado para erguer o nosso mundo por sobre os escombros da última civilização fracassada.

### CONFLITO ENTRE A REALIDADE E A TEORIA

Inicia-se hoje a nossa obra de homens de pensamento. Obra de uma geração criada envolta em tristeza e medo, chorando os tempos silenciosos em que o homem pouco fazia para existir.

A nossa vida é uma atmosfera densa representando milênios. Enche-a uma vontade de recriação. Todos nós somos um único esforço. E nenhum de nós pode crer na simples força individual isolada. O rumor dos séculos perturba a nossa visão, entorpecendo o nosso espírito com ideais patéticos.

Aqui ou ali, o que vemos são conflitos entre a realidade e a teoria. Dentro da velha ordem jurídica, nada mais se pode resolver de essencial. Os primeiros teorizadores do progresso acreditavam piamente na fatalidade de um futuro melhor. Quando o presente se nos oferece tão terrível, nem no futuro podemos confiar. No entanto, é preciso crer com energia no destino da humanidade e acreditar com energia no destino da cultura. Não podemos abandonar covardemente o campo onde se trava a batalha decisiva. O problema da nossa existência não pode encontrar solução na fuga ou no abandono.

Ampliando a sua esfera de ação, tentou o Estado resolver por si mesmo toda ânsia revolucionária do homem. Falhou, porém, indo de encontro ao fato

econômico, o mais cruel, por tocar as raízes dessa grande rebelião que presenciamos contra a civilização burguesa.

A orientação deveria ser outra. É muito pouco a permanência somente de uma consciência jurídica. Uma atitude como essa do Estado moderno pode sem dúvida minorar o mal, nunca, porém, afastá-lo. O problema nunca esteve nem estará no simples intervencionismo estatal, na garantia da moeda ou na fixidez e conquista de mercados internacionais. O mecanismo monetário é superficial como todo intervencionismo financeiro. O problema, vamos dizer, é bem mais íntimo, de nada valendo o infracionismo governativo de várias nações, tentando à força remediar um mal que está no cerne de nossa vida, um mal quase de incapacidade vital.

#### A CRISE É DE UM TIPO DE HOMEM

A realidade do momento é bem mais profunda. A crise econômica não é senão uma das facetas dessa realidade. A expansão do regime absorvente de massas é o fenômeno mais típico da época, daí essa atitude de reservada defesa do Estado. E tudo isso força-nos dizer que a crise não é de uma civilização, mas sim de uma forma de vida, de um tipo de homem, pois que a civilização nascida do século XVIII nada mais encontra de característico entre nós, nem princípios, nem dogmas, nem idéias.

Há, como vemos, em ebulição por toda parte, forças outras superadoras do idealismo universal. E em meio uma quebra violenta na linha histórica do direito. Construções jurídicas – as mais lógicas e racionais – em atrito com o espírito dessa revolução desmoronam-se rapidamente. É voz comum entre os maiores estudiosos do direito, desde Radbruch até Stammler e Croce, passando pelo filosofismo de Burkhardt, Echavarria, Heinemann e Julius Binder, que a vida perdeu o essencial de sua forma jurídica. Seria mesmo de admirar que, em trânsito um tipo de homem, uma forma estrutural de vida, permanecesse ainda o direito naqueles antigos e rígidos princípios que foram o baluarte das velhas

culturas ocidentais. Está em crise de transição o direito em sua fisionomia histórica.

#### DO CONCEITO MODERNO DE DIREITO

Examinemos o fenômeno. O direito parte da necessidade empírica de ordenamento social. Assim foi no passado, é no presente e será no futuro. A ordem divina atuando no mundo jurídico concepcionou o direito natural. Acima de normas já aceitas, de normas sujeitas às constantes transformações do mundo físico, moral ou espiritual, estão os problemas jurídicos de ordenação. O que quer dizer que o direito visa sempre ao levantamento de uma ordem social-atual, sem fugir das influências que o homem sofre continuamente, em sua peregrinação pela terra.

Tomando essa verdade como base em toda sistematização dos problemas jurídicos, os teorizadores procuram fazer do direito uma excrescência da realidade cósmica, seja essa realidade econômica, como quer Stammler, ou não econômica, como quer Kaufmann, em vista de os fenômenos econômicos – no modo de observar de Echavarria – aparecerem como puras manifestações caóticas, fenômenos de massa que uma sociologia autêntica não pode aceitar como existentes. “A realidade social, com efeito, como demonstra a moderna sociologia, possui estrutura própria em cada um dos seus fenômenos, coincida ou não com sua conformação ou formulação jurídica”.

#### LEI E NORMA JURÍDICA

Apesar disso, a época que vivemos ainda sofre do mal visível de confundir lei com norma jurídica. De tempos para cá, outra coisa não se tem feito. O marxismo – produto de um instante econômico do mundo –, em sua inversão da realidade, nos pontos em que se avizinhou de uma filosofia do direito e no que teve como herança de Hegel, acreditou mais na verdade das leis que na verdade dos fatos. A lei na maioria das vezes nasce de um interesse político.

Nunca espontaneamente, a não ser por imperativo histórico, de um estado jurídico de fato.

Esse falso modo de apreciação deu no fenômeno que não nos enganamos se chamarmos de materialismo jurídico. O desaparecimento de uma idéia pura do direito e a subordinação ao interesse político imediato criaram o embaraço de confundir lei com norma jurídica, como acabamos de mostrar.

O presente é filho desse materialismo jurídico. E o aspecto do ambiente jurídico atual vem do deslocamento do sujeito de direitos, do indivíduo para o Estado com Hegel, da desindividualização do direito com Marx, da relação jurídica como ponto de partida para toda e qualquer concepção do direito com Paschucanis, até o sociologismo organicista de Gumplowicz e as concepções solidaristas de Leon Duguit.

De qualquer modo que o encaremos, em vista dessa confusão entre lei e norma jurídica, nunca o direito representa um único pensamento. De um lado, é Duguit combatendo tenazmente toda idéia de soberania absoluta e a formalística teórica do direito individual. Para Duguit, será falsa toda orientação jurídica se do direito público não afastarmos o conceito de soberania, e do direito privado o conceito do direito individual. Renard e Georges Gurvitch, elaborando uma idéia de direito menos apegada ao sociologismo histórico, uma interpretação mais cristã dos fenômenos jurídicos. Outros como Ross aceitando o direito como força de controle social unicamente. François Geny querendo em parte afastar da lei o direito positivo. Maxime Leroy apontando o aparecimento espontâneo de um novo direito nascido da agitação do movimento sindicalista universal. Gaston Morin, em palavras eivadas de assombro, traduzindo a revolta dos fatos contra os códigos. Spiegel, voltando ao grupo social para enxergar no direito uma simples força ordenadora. Eherlich, conservando a mesma orientação de Spiegel e avançando quanto à idéia de que todo direito supõe tão somente associação grupal. E ainda, permanecendo no espírito dos práticos e nas atitudes vitais das populações, a jurisprudência,

procurando manter os arroubos político-revolucionários que, em todos os tempos, aos poucos se vão refletindo estrondosamente dentro do direito. A jurisprudência, que para Ehrlich é “a visão mais viva das relações humanas de caráter jurídico”.

#### E O PROFISSIONAL ADVOGADO

E em face de tantos contrastes, nós que vamos viver da prática do direito, da aplicação de princípios de ordem, que faremos? Cada um de nós será portador de uma forma isolada de pensamento? Não o creio seja possível.

A função do advogado, totalmente desvirtuada, não tem mais que uma base pouco sólida na chamada defesa dos interesses privados. No entanto, como todos nós sabemos, encontra-se em perigo a interpretação e a aplicação da lei.

A processualística – como aconteceu nos tempos antigos e em parte na Idade Média –, nos países onde o Estado constitucional ou mesmo jurisdicional ainda era um mito, não está afastada dos interesses de ordem pública. Tanto o processo penal como o processo civil se fundem de tal forma que não é possível afastar da objetivação de qualquer norma jurídica o caráter público do caráter privado. O direito civil publicizado, tão em voga ultimamente, é comprovante dessa verdade substancial. Daí a necessidade que sempre existiu da regulamentação da profissão de advogado, tendo em vista o interesse público, que é sempre de maior monta que o interesse privado...

O mecanismo judiciário para a aplicação da justiça tende também a complicar-se com o avanço das diversas correntes do pensamento jurídico moderno. E neste ponto é que o profissional advogado surge, definindo fatos e concorrendo para esclarecer o juiz contra a má fé e a falha compreensão de interesses essenciais em jogo. Ao juiz cabe uma ação equilibradora desse choque de interesses privados opostos. O profissional advogado é a ordem particular, enquanto o juiz que decide é o tradutor da justiça social, um intérprete da vontade coletiva.

#### A MOCIDADE É SEMPRE AGRADECIDA

Senhores professores! Não desconhecemos a grandeza da nossa profissão nem da missão que cabe a nós dentro da sociedade hodierna. Antes de sermos homens da lei, seremos homens do direito, procurando nas fontes a explicação da própria vida social, para a qual são as leis elaboradas. Cremos na permanência de uma justiça social pura, como cremos também na permanência de uma justiça divina eterna.

Senhores professores! A mocidade é sempre agradecida. Ela não esquece nunca os ensinamentos recebidos. E dentro de nossa Universidade nós aprendemos, com os nossos mestres, a sinceridade no amor ao direito e a honradez na defesa da justiça. Havemo-nos sempre de lembrar, com o coração oprimido e a alma delirante, essas grandes campanhas universitárias em que forjamos o nosso espírito e o nosso caráter para as grandes pugnas jurídicas que iremos futuramente empreender.

#### DIREITO E DETERMINISMO ECONÔMICO

Meus colegas! Não fica aí, porém, a nossa preocupação. Entre nós, não podemos nunca ocultar a inquietação do nosso espírito diante das transformações que se operam, desde o começo de nosso século, na vida e na mentalidade dos povos, parecendo procurar os fundamentos de uma nova cultura e se projetando na esfera do direito, onde se revelam novos problemas, exigindo por sua vez a revelação de outras normas mais condizentes com as formidáveis realidades criadas pelo determinismo econômico.

Meus colegas! Sentimos de perto que essas realidades nos obrigam às mais sérias reflexões e que nós, os da última geração principalmente, teremos necessariamente de encarar e resolver estes trágicos problemas, problemas referentes à concepção e à estrutura do Estado e do direito normativo das relações privadas, pois não é mais possível tomar por base da organização estatal o indivíduo apenas na sua expressão analítica, mas sim na sua total expressão, analítica e sintética.

#### PELA FÉ, MESMO CONTRA A RAZÃO

Meus senhores! Dispostos a salvar o homem traduzindo os sinais característicos do renascimento vital pela fé, mesmo contra a razão; insurgindo-nos contra os erros do passado, contra os erros dos nossos pais e dos nossos avós; organizando a reação contra um mundo preparado para a derrota do espírito; de alma aberta para a vida, dominados da mais profunda tragédia cerebral, iremos aos poucos, com a construção do novo direito, levantando dos escombros os verdadeiros princípios da moral eterna. Fugindo da solidão e do isolamento; afirmando destemerosamente as forças puras do espírito e a grandeza sublime da moral cristã e ao mesmo tempo trabalhando por reconstituir as bases morais e espirituais da sociedade humana; nós os moços fazemos a nossa profissão de fé política.

Senhores professores! A mocidade procura com a revolução empreender o caminho da volta à verdade. Nesta jornada, não esqueceremos o quanto contribuiu a nossa Escola para o esclarecimento de nossas inteligências, para o equilíbrio de nosso espírito contra a anarquia do pensamento contemporâneo.

Meus colegas! Abandonemos a ilusão da felicidade terrena. Quatro séculos de inversão de realidades já bastam. Chegou o momento de pacificamente ou com violência – porque a mocidade também precisa acreditar na técnica da violência ou nos resultados da força bruta – de dar formas ao nosso ideal de organicidade política. Deixemo-nos dominar pelo espírito de revolução, deixemos penetrar a nossa alma das forças que movimentam as grandes rebeliões. E procuremos com ardor um motivo de vida, uma razão para a nossa vida, uma razão de viver.



Oliveira Franco *Adito*

— 64 —

FON . FON

5 - 5 - 504

## AMOR E MORTE *De Oliveira Franco Sobrinho*

**S**ERIAM mais ou menos nove horas da noite...  
Dois estampidos ecoaram sonoramente. Silêncio. Suspiros. Baque de um corpo.

— Não, não... Julio! Matas-me! Adeus!

Ruído e correrias na casa de apartamentos. Tumulto. Batem violentamente á porta. Outro estampido.

Um fio de sangue começa a rolar morosamente pelo tapete mészela da arabia...

\*\*\*

Julio Passos entrou colérico no apartamento da amante. Não era possível. Estava sendo vítima de algum miserável intrigante. Ha dois annos que vivia com Zilda sem notar a menor indifferença da parte della. Sempre a mesma mulher, boa, amorosa. Parou um instante junto ao aquecedor.

— Não, não pôde ser verdade. Zilda é incapaz de trahir-me. Serviria de arrimo á sua dor quando, após mezes de osado, conhecêra a desventurada amarga de perder a esposa amada. Tudo silencio. Possivelmente, Zilda sahira. Esperaria. Não podia continuar naquella incerteza asphyxiante.

— Que? Oito horas. Anoitece rapidamente. Teceu o botão da luz. Uma grande claridade invade alegremente o aposento, artisticamente adornado e ricamente mobiliado. Distrahadamente, toma um cigarro, quando batem á porta. Zilda entra esbafurada.

— Oh! Você já por aqui!

— Admirada? Mas, espéra: que te aconteceu!

— A mim! Nada. Estou atrazada. Tomo o nocturno das dez para o Rio.

— Vaes ao Rio?

Um clarão repentino, mixto de colera e ciúmes, illuminou os olhos de Julio.

— Então sempre é verdade!

Um primeiro espanto vegelou o seu coração apprehensivo, titubeante. Via Zilda andar de lá para cá, de cá para lá, sem forças para obedecer aos imperativos do seu cérebro. Aquella mulher o trahira. Vendêra as ultimas illusões de sua vida. Com os braços distendidos, eréctos, labios balbuciantes, cabellos eriçados. Julio conservava-se immovel ante a terrível realidade.

— E's linda... meu amor!

E, segurando Zilda no momento em que por elle passava:

— Não podes partir! Vaes abandonar-me!

— Estas louco, Julio?

— Louco, sim. Louco de amor.

Seu olhar estava vitreo. Bagas de suor corriam-lhe pelo rosto. Suas pernas bamboleavam.

— Sim louco de amor, para deixar impunemente que me traisas.

— Deixe de ciúmas. Irei ao Rio e dentro em breve estarei de volta. Vou a...

— Cala-te, trahidora!

Zilda, perplexa ante a aterradora attitude do amante, foge para um canto da sala. As feições de Julio estavam convulsionadas pelo ciúme, dentes cerrados, olhos saltando fóra das órbitas.

— Eu...

— Trahidora miserável!

Desde o dia em que te conheci nasecu a minha infelicidade. E's a desgraça!

Saca do mauser que sempre trazias consigo. Estava fóra de si. Tinha chagado ao auge da ruiva. Aponta para Zilda, que tremula não articulava palavra.

— Morre, desgraça! Morre, amor!

Dois estampidos ecoaram sonoramente.

— Não, não... Julio, Matas-me! Adeus!

— Morre, amor! gritava elle.

Tumulto. Balburdia. Correrias. Outro estampido.

Um fio de sangue começa a rolar morosamente pelo tapete mészela da arabia...

\*\*\*

Arrumbam a porta. Já grande numero de curiosos agrupados á distancia commentavam o caso. Os passantes paravam á entrada principal, onde a policia já se encontrav. Tiram Zilda ensanguentada. Uma bala cravára-se na região frontal.

— Pobre, pobre moça! Mas tambem tão namorada... Tinha que acabar assim.

— Logo agora, que a pobrezinha ia ao Rio visitar a mãe doente...

### LITERATURA FRANCEZA

Curso completo de Literatura Franceza

pelo Dr. Edgard Lizer-Belair, — professor auxiliar de francez do collegio Pedro II, — titular da cathedra de Literatura Franceza do Colégio Jaculinas.

Aulas ás terças e sábados, das 4h.15 de 4h.15, no salão de conferencias da Associação Brasileira de Educação (A. B. E.) — Edificio São Francisco, — Et. Avenida Rio Branco — 18.º andar.

As aulas, que serão dadas exclusivamente em francez, terão inicio nos primeiros dias do Maio.

Inscrições abertas na A. B. E.

Informações na A. B. E. e pelo telephone: 6-2063

## AMOR E MORTE

*Fon Fon – 5 de maio de 1934.*

 Criam mais ou menos nove horas da noite... Dois estampidos ecoaram sonoramente. Silêncio. Suspiros. Baque de um corpo.

– Não, não... Júlio! Matas-me! Adeus! Ruído e correrias na casa de apartamentos. Tumulto. Batem violentamente à porta. Outro estampido.

Um fio de sangue começa a rolar morosamente pelo tapete mescla da Arábia...

\*\*\*

Júlio Passos entrou colérico no apartamento da amante. Não era possível. Estava sendo vítima de algum miserável intrigante. Há dois anos que vivia com Zilda sem notar a menor indiferença da parte dela. Sempre a mesma mulher, boa, amorosa. Parou um instante junto ao aquecedor.

– Não, não pode ser verdade. Zilda é incapaz de trair-me. Servira de arrimo à sua dor quando, após meses de casado, conhecera a desventura amarga de perder a esposa amada. Tudo silêncio. Possivelmente, Zilda saíra. Esperaria. Não podia continuar naquela incerteza asfixiante.

– Quê? Oito horas. Anoitece rapidamente.

Tocou o botão da luz. Uma grande claridade invade alegremente o aposento, artisticamente adornado e ricamente mobiliado. Distraidamente, toma um cigarro, quando batem à porta. Zilda entra esbaforida.

– Oh! Você já por aqui!

– Admirada? Mas, espera: que te aconteceu?

– A mim? Nada. Estou atrasada. Tomo o noturno das dez para o Rio.

– Vais ao Rio?

Um clarão repentino, misto de cólera e ciúmes, iluminou os olhos de Júlio.

– Então sempre é verdade?

Um primeiro espanto regelou o seu coração apreensivo, titubeante. Via Zilda andar de lá para cá, de cá para lá, sem forças para obedecer aos imperativos do seu cérebro. Aquela mulher o traíra. Vendera as últimas ilusões de sua vida. Com os braços distendidos, eretos, lábios balbuciantes, cabelos eriçados, Júlio conservava-se imóvel ante a terrível realidade.

– És linda... meu amor!

E segurando Zilda no momento em que por ele passava:

– Não podes partir! Vais abandonar-me?

– Estás louco, Júlio?

– Louco, sim. Louco de amor.

Seu olhar estava vítreo. Bagas de suor corriam-lhe pelo rosto. Suas pernas bamboleavam.

– Sim, louco de amor para deixar impunemente que me traias.

– Deixe de ciúmes. Irei ao Rio e dentro em breve estarei de volta. Vou a...

– Cala-te, traidora!

Zilda, perplexa ante a aterradora atitude do amante, foge para um canto da sala. As feições de Júlio estavam convulsionadas pelo ciúme, dentes cerrados, olhos saltando fora das órbitas.

– Eu...

– Traidora miserável! Desde o dia em que te conheci nasceu a minha infelicidade. És a desgraça!

Saca do Mauser que sempre trazia consigo. Estava fora de si. Tinha chegado ao auge da raiva. Aponta para Zilda, que trêmula não articulava palavra.

– Morre, desgraça! Morre, amor!

Dois estampidos ecoaram sonoramente.

– Não, não... Júlio. Matas-me? Adeus!

– Morre, amor! gritava ele.

Tumulto. Balbúrdia. Correrias. Outro estampido.

Um fio de sangue começa a rolar morosamente pelo tapete mescla da Arábia...

\*\*\*

Arrombam a porta. Já grande número de curiosos agrupados à distância comentavam o caso. Os passantes paravam na entrada principal, onde a polícia já se encontrava. Tiram Zilda ensangüentada. Uma bala cravara-se na região frontal.

– Pobre, pobre moça! Mas também tão namoradeira... Tinha que acabar assim.

– Logo agora, que a pobrezinha ia ao Rio visitar a mãe doente...



# BRIOS DE HOMEM

DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

QUEM viaja pelas bandas de São Jerônimo, no interior paranaense, sente a sua curiosidade atraída para uma majestosa casa de campo, meio arruinada pelos anos, construída às margens do Tibagi. Ao lado, um grande pavilhão dá ao viajante a impressão dum feudo inglês transportado para o sertão brasileiro. Essa mansão principesca em terras selvagens é o orgulho da gente daquelas paragens inhospitas. E ao visitante curioso contam o passado daquela palácio de civilização.

\*\*\*

Érã a moradia de Carlos Augusto Gonzaga, jovem médico, pertencente a uma das mais ricas famílias curitibanas, dedicada ao estudo e à ciência. Dizem que para ali foi por um desengano amoroso. A história fatal de um amor não correspondido. Mas a verdade é que Carlos era um estudioso e sempre falava nas possibilidades de revolucionar o mundo medico com uma descoberta que o levaria à glória. Além disso, não era indiferente às belezas caboclas do lugar. A Ritinha, a Maria, a Luiza, principalmente a Luiza, o enfeitavam. O moço na verdade estava embebiado pela Luiza. Se não fora as caçadas quasi diárias das serpentes selvagens, que guardava em fortes gaiolas de ferro e a idéa fixa que o apanstava por semanas e semanas, já se teria declarado à caçada de olhos verdes, tentação dos olhos verdes. Também se não fosse aquelle restiço de anjo peccador, aquellas labias carnudas e sensuaes, aquellas formas divinas exaltadoras da perfeição, Luiza seria uma mulher como as demais. Assim tão perfeita era um porco, um mendicinho parido, com aquella sua cabocinha belana, bastante volúvel. Uma tarde, ao crepuscular, voltava Carlos de uma de suas pesquisas, quando deu com Luiza em uma das alamedas retiradas do seu parente. Pô de olho. Vestido

justo e decotado. Dotevosa. Olhou sorridente, descautindo, deixou escapar um longo suspiro. — Ben Carlos — disse Luiza — um tanto ruborizada — queria falar-lhe. Ha um tempo que te dou a sua espera. E, sem aguardar resposta: — Andam falando mal da gente por ahí. Queza que o senhor não acredita...

— Oh não, Luizinha! São as misérias do mundo. A inveja. E' possível que falem de você. Deixou-o falar. — O senhor não acredita nessa história com o Terencio, não? — De forma alguma. São linguas infames Luizinha. Não merecem atenção. Um vento quieto mexia os arbustos. O sol

desapparecia lentamente. As primeiras estrelas começaram a aparecer na immenessão de infinito. Luiza acochevou-se no rapaz. Um bafo quente, asphyxiante, apoderou-se de Carlos. Anoticia. Inconsciente tomou Luiza nos braços. Abruptamente, largou-a na relva húmida. Um beijo longo selou aquelle pacto de amor...

A noite já ia alta quando Carlos entrou no seu pavilhão da estada.

\*\*\*

— Oh Luiza! Estão vendo essa serpente? E mostrava uma corral em posição de ataque batendo a lingua boar e fura. — Introduza-se-o! a esse monstro quando sentir que me trahiô...

\*\*\*

Não havia duvida. Pôra examinado por aquella mulher a quem óera o seu amor. E o seu nome. E a sua vida. Possuía um temperamento bondoso, buscando sempre o lado melhor das coisas. Agora, era impossível. Aquella filha de daltado à porta da cozinha, que encontrára na mão da criada, era a prova provada da trahição de sua Luiza com Terencio. Com esse Terencio miseravel, a quem dára emprego em sua propria casa. A quem se afficçôra como se fora um irmão, por amor de Luiza. Também fôra imprudente. Deixara-se pegar como uma criança innocente. Bem que o diltado o velho Bastião:

— Essa mulher é peccadora...

Oh! por que não ouviu o velho Bastião? Agora era tarde, bem tarde...

\*\*\*

Trançou sem barulho o aposento. No parapetto da janella olhou em silencio a horizontie, lá longe. E nessa munda contemplanção, escutou a fremeo muerulo retomada, apressensiva, sentia-se sem coragem para dar cabo da vingança que architectára. O mundo não era tão mau assim. E aquella natureza linda? E aquella céu, azul? E os fructos? E as arvores? E os passaros. O pastar dos gados. Os campos immensos. O proprio vento, as cezas innocentes, tambia harmoniosamente, suavemente deliziando os sentidos. Não tinha duvida, havia de se vingar. E a vingança seria terrivel. E violenta. E barbara. Como fôra terrivel, violenta e barbara a trahição. Luiza?... Terencio?... Havia de ser terrivel a vingança!... Mandára chamar Luiza. Viria. Não tivera ainda conhecimento de bilhete de Terencio em seu poder. Seria implacavel. Perdôar? Nunca! Era preferivel a morte. Gonzaga só em pensar de ver Luiza amordaçada

(Cont. ao pag. seguinte)

## ☞ BRIOS DE HOMEM ☞

Fon Fon - 26 de maio de 1934.

Quem viaja pelas bandas de São Jerônimo, no interior paranaense, sente a sua curiosidade atraída para uma majestosa casa de campo, meio arruinada pelos anos, construída às margens do Tibagi. Ao lado, um grande pavilhão dá ao viajante a impressão dum feudo inglês transportado para o sertão brasileiro. Essa mansão principesca em terras selvagens é o orgulho da gente daquelas paragens inhospitas. E ao visitante curioso contam o passado daquele pedaço de civilização.

\*\*\*

Era a moradia de Carlos Augusto Gonzaga, jovem médico pertencente a uma das mais ricas famílias curitibanas, dedicado ao estudo e à ciência. Dizem que para ali foi por um desengano amoroso. A história fatal de um amor não correspondido. Mas a verdade é que Carlos era um estudioso e sempre falava nas possibilidades de revolucionar o mundo médico com uma descoberta que o levaria à glória. Além disso, não era indiferente às belezas caboclas do lugar. A Ritinha, a Maria, a Luiza, principalmente a Luiza, o enfeitavam. O moço na verdade estava embebiado pela Luiza. Se não foram as caçadas quase diárias das serpentes selvagens, que guardava em fortes gaiolas de ferro, e a idéa fixa que o

**A CUTIS**  
LIMPA, ALVA,  
MACIA

**FAZ A MULHER  
ENCANTADORA  
E GRACIOSA**



**Seite da Colonia**

INDISPENSÁVEL AO  
TOUGADOR FEMININO  
COMO REJUVENESCEDOR DA PELLE

NUNCA CONSIDERE  
TEMPO PERDIDO  
CUIDAR COM CUIDADO  
DA VOSSA CUTIS  
(Linha Verde)

afastava, por semanas e semanas, já se teria declarado à cabocla de olhos verdes, tentação dos moços do lugarejo. Também se não fosse aquele rostinho de anjo pecador, aqueles lábios carnudos e sensuais, aquelas formas divinas exaltadoras da perfeição, Luiza seria uma mulher como as demais. Assim tão perfeita era um perigo, um verdadeiro perigo, com aquela sua cabecinha leviana, bastante volúvel.

Uma tarde, ao crepuscular, voltava Carlos de uma de suas pesquisas quando deu com Luiza em uma das alamedas retiradas do seu parque. Pés no chão. Vestido justo e decotado. Deteve-se. Olhou sorridente. Descuidado, deixou escapar um longo suspiro.

– Seu Carlos – disse Luiza, um tanto ruborizada – queria falar-lhe. Há um tempão que estou à sua espera.

E, sem aguardar resposta:

– Andam falando mal da gente por aí. Quero que o Senhor não acredite...

– Oh não, Luizinha! São as misérias do mundo. A inveja. É possível que falem de você. Deixe-os falar.

– O senhor não acredita nessa história com o Terêncio, não?

– De forma alguma. São línguas infames, Luizinha. Não merecem atenção.

Um vento quieto mexia os arbustos. O sol desaparecia lentamente. As primeiras estrelas começavam a apontar na imensidão do infinito. Luiza aconchegou-se no rapaz. Um bafo quente, asfixiante, apoderou-se de Carlos. Anoitecia. Inconsciente, tomou Luiza nos braços. Abruptamente, largou-a na relva úmida. Um beijo longo selou aquele pacto de amor...

A noite já ia alta quando Carlos entrou no seu pavilhão de estudos.

\*\*\*

– Oh, Luiza! Estás vendo essa serpente?

E mostrava uma coral em posição de ataque batendo a língua longa e fina.

– Entregar-te-ei a esse monstro quando souber que me traíste...

\*\*\*

Não havia dúvida. Fora enganado por aquela mulher a quem dera o seu amor. E o seu nome. E a sua vida. Possuía um temperamento bondoso, buscando sempre o lado melhor das coisas. Agora, era impossível. Aquele bilhete deitado à porta da cozinha, que encontrara na mão da criada, era a prova provada da traição de sua Luiza com Terêncio. Com esse Terêncio miserável, a quem dera emprego em sua própria casa. A quem se afeiçoara como se fora um irmão, por amor de Luiza. Também fora imprudente. Deixara-se pegar como uma criança inocente. Bem que o dissera o velho Bastião:

– Essa mulher é perigosa...

Oh! Por que não ouvira o velho Bastião? Agora era tarde, bem tarde...

\*\*\*

Transpôs sem barulho o aposento. No parapeito da janela, olhou em silêncio o horizonte, lá longe. E, nessa muda contemplação, coração a fremir, músculos retesados, apreensivo, sentia-se sem coragem para dar cabo da vingança que arquitetara. O mundo não era tão mau assim. E aquela natureza linda? E aquele céu, azul!? E os frutos? E as árvores? E os pássaros. O pastar dos gados. Os cafezais imensos. O próprio vento, às vezes incômodo, zumbia harmoniosamente, suavemente, deliciando os sentidos. Não tinha dúvida, havia de se vingar. E a vingança seria terrível. E violenta. E bárbara. Como fora terrível, violenta e bárbara a traição. Luiza?... Terêncio?... Havia de ser terrível a vingança!...

Mandara chamar Luiza. Viria. Não tivera ainda conhecimento do bilhete de Terêncio em seu poder. Seria implacável. Perdoar? Nunca! Era preferível a morte. Gozava só em pensar de ver Luiza amordaçada pela serpente. Balbuciante. Implorando. Oh! Vingança! Não fracassaria.

Batem levemente à porta. Assusta-se. Batem novamente mais forte. Fazendo força para aparentar calma.

– Quem é?

– Eu... Luiza, meu amor.

O coração de Carlos lateja, medroso. Será que iria fracassar diante da ternura da esposa? Não era possível!

– Entre.

Luiza aparece no limiar da porta. Sorriso nos lábios. Aquele sorriso lhe deu raiva. Raiva daquela mulher adúltera, mas calma, mas provocante. Explodiu sua ira.

– Aproxime-se, miserável!

Amedrontada pelo aspecto de Carlos Augusto, sentiu confranger o coração. Um arrepio de medo passou-lhe pela espinha. Ainda com aquelas lábias de mulher esperta, aventurou suplicando, arquejante, com voz frouxa:

– Oh, Carlos, acalme-se! Não há razão para tanto.

– Não há... não há...

Sem nenhuma vacilação, avançou decidido para a esposa. Rasgou-lhe violentamente as vestes, segurando-a brutalmente pela vasta cabeleira de azeviche.

– Oh, Carlos, por favor!

Mas nada o detinha. Estava deveras decidido. Olhos esbugalhados. Pálido como mármore.

– Você e o Terêncio me pagarão...

Luiza compreendeu tudo. Viu que estava perdida. Adoçou a voz, submissa numa súplica angustiante.

– Perdoa, perdoa, Carlos!...

Era a confissão.

– Nunca! Acima do amor, os meus brios de homem!... Morrerás...

Era a sentença. Toma de uma corda de bolso, fina, machucante. Amarra afobado as mãos de Luiza contra o tronco e prende-a a uma das colunas do pavilhão. Ri sardônica, histericamente. Dirige-se à gaiola da coral. Em um gesto, abre-a e pula fora para não ser apanhado pelo monstro. Começa a tortura

do medo. A coral sedenta aproxima-se lentamente... lentamente... Luiza tremia de pavor: olhares penetrantes fixados em Carlos Augusto, ricto contraído pela amargura do sofrer. Carlos, sereno, aparentando calma, assistia ao desenrolar de sua vingança. A serpente, contorcendo-se pelo tapete rústico do pavilhão, avançava... avançava... Aproxima-se o momento final. Luiza, caída em prostração absoluta, ainda balbuciava um perdão imperceptível. A coral avançava... Os olhos faiscantes da serpente já tinham divisado a presa inanimada. O amor, a perda daquele corpo que tanto prazer lhe dera, acovarda Carlos. Aquela mulher maculada pelo adultério era indigna de sua vingança! De um salto, desata Luiza, que corre impulsionada pelo medo. Carlos Augusto deixa-se ficar. A coral avançava... avançava... contorcendo-se pelo tapete rústico do pavilhão...



Glueira Franco *philly*

— 28 —

FON - FON

2 - 8 - 324

## CASAMENTO MODERNO

**C**HOVIA sem parar. Recetado despidamente no divan verde-claro — ornamento rústico dum quarto de solteiro, — lia desprocuradamente as últimas notícias trazidas pelos jornais da tarde.

— Um assassinato horrificante em Botafogo. O marido esclamado desdicha vinte e sete golpes de navalha na esposa, prostrando-a morta. "Descarrilhamento do noturno paulista. Vítimas innumeras." "Uma moça de dezito annos, depois de lagorir creollina, projecta-se de um quarto andar ao solo".

Aquello estragalhamento de vidas delixou-me enervado, indispuesto para tudo. Produziu, escrever? Aquellas tristes novidades embruteceram-me o cerebro. Sahir? Impossível com o tempo que fazia. Não me dispunha a abandonar a quietude do quarto. Talvez Rça de Queiroz me livrasse da triste monotonia do dia chuveiro. Olho, ao acaso, a minha modesta estante, ao lado da janella, illuminada opacamente com resalbos de luz fraca. Tlilinta o telephone. Oh, vida incommoda! Não se pôde ao menos aproveitar um dia do-testavel? Level enraivecido o phono ao ouvido.

— Allô! Prompto!  
Voz masculina:  
— E' o Octavio Oliveira?  
— Elle mesmo, sim.  
— Paiz o João Silva.  
— Como? Já tão cedo? Quando chegaste da Europa?  
— Sim, meu amigo. E cheio de novidades. Estou aqui em baixo

na portaria á espera que me recheias.

— Vamos, sêbe...

\*\*\*

— Estão é sempre verdade?

João Silva coçou prognosticamente o bigode loiro.

— Em Paris o amor apparece facilmente. As mulheres perseguem-me...

— Quem não deseja agarrar um milionario?

— A vida de solteiro aborrece-me. Uma moçuca cor do jumbo, uma brasileira nata, torradora pelo sol dos tropicos em terras francezas, foi a minha perdição. Ainda mais uma creaturinha ideal, sincera, além de tudo cordata. Apalxoné-me á primeira vista. Hoje, o amor domina impiedosamente a minha alma.

— Quem acreditaria — aventurei — que casasse, com todas aquellas theorias absurdas...

— Absurdas?... Foi o nosso pacto de noivado. Quero casar-me a meu modo... Meu, não; á moderna. Usufruir dos bens e socorro que o casamento nos traz, sem me deixar agrilhoar por essas plegnices matrimoniaes, que redundam em tragediaa incrívela. Exijo de minha mulher liberdade absoluta. De mim ella terá a mais completa.

— Mas, creá-me João. A experiencia que tenho é producto de leituras. Ellas me deram um espirito sagaz, um sentido objectivo, realista da vida. Sinto que sou uma mentalidade demais séria, verdadeiro contrasto de nossa

época. Posso dizer sem tomar, mesmo aconsellar; não ha amor sem egotismo. O clima é supplemento do amor...

— Não me sujeito a futilidades phantasistas. Onde ha amor deve haver confiança mutua. Seria de mastado repugnante o não accetarmos razões, andarmos de bees em loca, de porta em porta, ar assustado, coração apprehensivo temendo uma trahição. Ridicula, verdadeiramente ridiculo!

— E a noiva? A Zulmira está de accordo?

— De pleno accordo. Se assim não fosse eu não me casaria.

O tempo passava vertiginosamente. A noite já lá se foi. A chuva diminuiu bastante quando João Silva se despediu, não sem mais alguns conselhos. Meu Deus, que theorias! Modernismo louco...!

\*\*\*

Conheci Zulmira Muniz em uma festa em casa do ministro Lopes Campos. Estava distrahidamente ao jerrajo, embevecido na contemplação do soberbo jardim, illuminado pelo claro luar de uma noite primaveril. Sonhava. Revertia os annos passados. Que supplicio que foi o começo de minha carreira litteraria. As idéas abortavam. A pena não era fiel ao correr do pensamento. Não traduzia o que pensava. Não concretizava o ideal. Depois, uma por uma das mulheres que amei, em furtiva visão, se reproduziam na alca de cigretas. Meditava á vida quando levemente tocaram o meu hombro. Voltava, assustado. Dou com

**PETROLEO**  
CONTRA  
A CALVICIE  
**CABELOS FORTES, FLEXIVEIS,  
SEDOSOS E BRILHANTES**  
CONTRA A  
CASPA  
**ORIENTAL**

**ELIXIR DAS DAMAS**  
o Remedio das Senhoras

## ❁ CASAMENTO MODERNO ❁

*Fon Fon – 2 de junho de 1934.*

*C*hovia sem parar. Recostado displicentemente no divã verde-claro – ornamento rústico dum quarto de solteirão –, lia despreocupadamente as últimas notícias trazidas pelos jornais da tarde.

“Um assassinato horripilante em Botafogo. O marido enciumado desfecha vinte e sete golpes de navalha na esposa, prostrando-a morta”. “Descarrilhamento do noturno paulista. Vítimas inumeráveis”. “Uma moça de dezoito anos, depois de ingerir creolina, projeta-se de um quarto andar ao solo”.

Aquele estraçalhamento de vidas deixou-me enervado, indisposto para tudo. Produzir, escrever? Aquelas tristes novidades embruteceram-me o cérebro. Sair? Impossível com o tempo que fazia. Não me dispunha a abandonar a quietude do quarto. Talvez Eça de Queiroz me livrasse da triste monotonia do dia chuvoso. Olho, ao acaso, a minha modesta estante, ao lado da janela, iluminada opacamente com ressaibos de luz fraca. Tilinta o telefone. Oh, vida incômoda! Não se pode ao menos aproveitar um dia detestável? Levei enraivecido o fone ao ouvido.

– Alô! Pronto!

Voz masculina:

– É o Octávio Oliveira?

– Ele mesmo, sim.

– Fala o João Silva.

– Como? Já tão cedo? Quando chegaste da Europa?

– Sim, meu amigo. E cheio de novidades. Estou aqui em baixo na portaria à espera que me recebas.

– Vamos, sobe...

\*\*\*

– Então é sempre verdade?

João Silva coçou preguiçosamente o bigode loiro.

– Em Paris, o amor aparece facilmente. As mulheres perseguiram-me...

– Quem não deseja agarrar um milionário?

– A vida de solteiro aborrece-me. Uma morena cor de jambo, uma brasileira nata, torradinha pelo sol dos trópicos em terras francesas, foi a minha perdição. Ainda mais uma criaturinha ideal, sincera, além de tudo cordata. Apaixonei-me à primeira vista. Hoje, o amor domina impiedosamente a minh'alma.

– Quem acreditaria – aventurei – que casasses, com todas aquelas teorias absurdas...

– Absurdas?... Foi o nosso pacto de noivado. Quero casar-me a meu modo... Meu, não; à moderna. Usufruir dos bens e sossego que o casamento nos traz, sem me deixar agrilhoar por essas pieguices matrimoniais, que redundam em tragédias incríveis. Exijo de minha mulher liberdade absoluta. De mim, ela terá a mais completa.

– Mas, creia-me João. A experiência que tenho é produto de leituras. Elas me deram um espírito sagaz, um sentido objetivo, realista da vida. Sinto que sou uma mentalidade demais séria, verdadeiro contra-senso de nossa época. Posso dizer sem temor, mesmo aconselhar; não há amor sem egoísmo. O ciúme é suplemento do amor...

– Não me sujeito a futilidades fantasistas. Onde há amor deve haver confiança mútua. Seria demasiado repugnante o não aceitarmos razões, andarmos de beco em beco, de porta em porta, ar assustado, coração apreensivo temendo uma traição. Ridículo, verdadeiramente ridículo!

– E a noiva? A Zulmira está de acordo?

– De pleno acordo. Se assim não fosse, eu não me casaria.

O tempo passava vertiginosamente. A noite já ia em meio. A chuva diminuía bastante quando João Silva se despediu, não sem mais alguns conselhos. Meu Deus, que teorias! Modernismo louco...!

\*\*\*

Conheci Zulmira Muniz em uma festa em casa do ministro Lopez Campos. Estava distraidamente ao terraço, embevecido na contemplação do soberbo jardim, iluminado pelo claro luar de uma noite primaveril. Sonhava. Revivia os anos passados. Que suplício que foi o começo de minha carreira literária. As idéias abortavam. A pena não era fiel ao correr do pensamento. Não traduzia o que pensava. Não concretizava o ideal. Depois, uma por uma das mulheres que amei, em furtiva visão, se reproduziam na aléia de ciprestes. Meditava a vida quando levemente tocaram o meu ombro.

Volto-me, assustado. Dou com olhos em João Silva, dentro do seu impecável “smoking”, acompanhado dum jovem sorridente. Aproximei-me e veio a apresentação.

– Zulmira. O amigo de quem te falei: escritor Octávio Oliveira, um dos talentos da atual geração.

Protestei imperceptivelmente. O aparecimento de João, acompanhado da noiva, tão bela, tão linda, deixou-me perturbado.

– Muito prazer, senhorita. Já a conhecia pelas referências de João.

E ela, delicada, meiga, em voz suave, bastante sonora:

– Seria grande prazer para mim ler um dos seus livros. João o elogia tanto... e os jornais estão cheios de colaborações suas, páginas verdadeiramente admiráveis.

A voz da modéstia:

– Bondade sua, senhorita...

João Silva interveio:

– Vamos ao salão de danças. O ar aqui fora está um tanto frio.

Lancei um último olhar àquele jardim maravilhoso, onde conhecera a noiva do meu íntimo amigo João Silva.

\*\*\*

Passaram-se cinco meses. Foi uma carta anônima, bem urdida, miseravelmente terrível. Só mais tarde me inteirei do ocorrido. Estava na redação de “O Combate”, onde ficava horas a fio distraído em escrever a minha página literária. Contemplava o mundo. As hecatombes sociais niveladoras ou destruidoras da sociedade. Os entrechoques violentos das ideologias efêmeras. Os doutrinadores desfilavam sonambulicamente: Marx, Comte, Lenine, Rousseau, etc., quando um repórter, cortando a meada do meu pensamento, entrou, esbaforido:

– Arranjem-me lugar! Vamos... depressa! – gritou histericamente para o pessoal na redação. – Uma dupla tragédia em Botafogo!

E, dirigindo-se a um empregado:

– Vamos, depressa! Não me faça essa cara de pamonha! O caso é virgem; ainda mais um furo... um verdadeiro furo!

E, antegozando a delícia de sua vitória:

– Conhecido milionário tira a vida da esposa, tentando suicidar-se em seguida: Oôôô beleza! Primeira página...

– Quem foi o herói? – perguntei, medrosamente. Apesar da leitura diária das descrições babelescas das tragédias humanas, ainda não me acostumara a

receber notícias tristes sem apoquentar-me, sem sentir-me nervoso. Realmente, era um espírito atrasado para o século. Um contraste!

O repórter, arrusmando as tiras de papel, entrecortando suas frases com algumas árias de “Aida”:

– Curiosos, hein? Não podem imaginar quem seja o protagonista de hoje! Temos noticiário para uma semana, principalmente se quisermos explorar. É o capitalista João Silva, que há pouco fez uma viagem à Europa...

Não esperei que ele terminasse. Corri em estado de inconsciência para a rua. Tomei um automóvel e rumei para o “Pronto Socorro”. Em poucos minutos, estava ao lado de João. Delirava, estertorando-se em dor. Dera o tiro que desviara para a direita atingindo em cheio a região frontal. Parece que me reconheceu. Lágrimas rebeldes tentavam vencer-me.

– Sim, sim... – balbuciava, com voz desaparecida, bastante fraca. – Matei-a! Foi o nosso pacto de morte. Que absurdo!

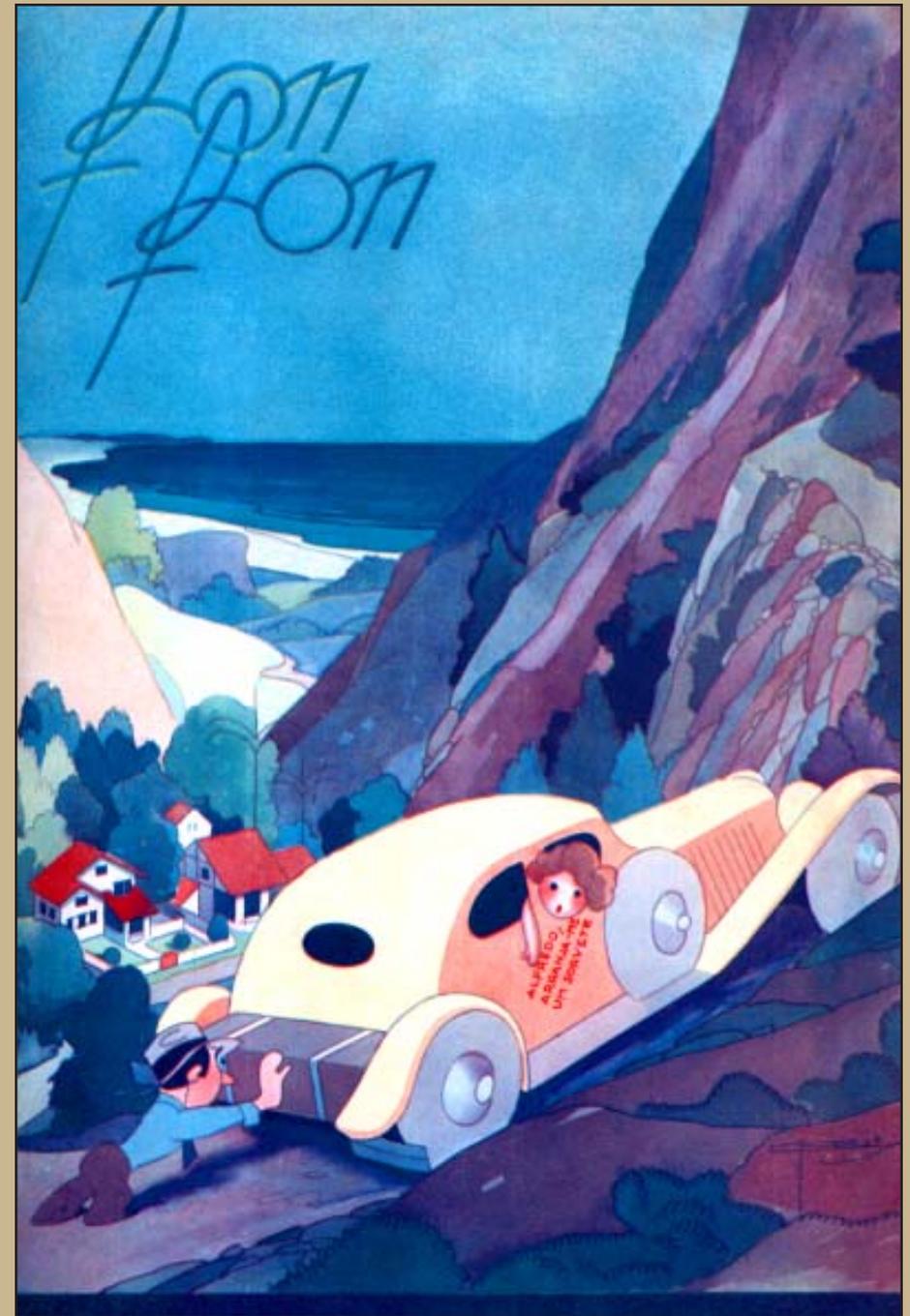
\*\*\*

Um ano depois, em plena primavera. A noite vinha caindo. As estrelas começavam a apontar na escuridão avermelhada pelos últimos raios solares. Oh! Estava condenado a lembrar-me sempre dum passado que queria esquecer. Um ano já?! Se não fosse aquela carta anônima, não mataria João a esposa inocente. Maldito modernismo! Só liberdade, liberdade e mais liberdade! Quando o mundo compreenderá a vida? Ciúme – suplemento do amor; amor – complemento da morte. Amor e morte. Vida? Só inquietações. Suicídios, assassinios, latrocínios, parricídios. Paz: mito da humanidade sedenta de sangue. E a voz de João soprava a meu ouvido, trazida pelo sibilar do vento, causando-me calafrios:

– Matei-a! Foi o nosso pacto de noivado... pacto de morte. Que absurdo!

O grito da garotada anunciando os vespertinos livrou-me do pesadelo do cismar:

– “O Globo”! “A Noite”. Suicídio de um jovem médico...



*Quinça Franco*

FON - FON

- 41 -

**NADA** mais resta do meu amor; nem a esperança que no passado minha alma iluminou, nem a imagem melancólica e serena do teu perfil de santa. Nem a bênção da luxuriante natureza, sedenta de inveja, ante a opulência do nosso querer. Nem aquelle jardimzinho em ruínas, lá para as bandas do sul, sufocado pela folhagem selvagem; ao longe, por colinas verdejantes, beijadas alegremente pelo sol; aquelle banco capenga apodrecido pelo tempo, ornado artisticamente de flores silvestres, cheias de urzes e abrolhos.

Os teus olhos, que outrora foram fascinação, o lume soberbo e irrefreável de minha vida, reflexos castos e peregrinos de paixão, fanal de minha vontade, o incenso de meus pensamentos, consolo de minha amargura, como lume, como fanal, extinguíram-se miseravelmente. Não possuem mais aquelle brilho de esplendor, de vida, de luz, de esperança, de alegria.

Teus lábios, ressequidos pelo calor dos meus beijos, são frios como a morte. Não mais aplacam a minha entontecedora ansia de posse. Como crepúsculo violento de estação hibernal, regêlam meu coração, anestesiam meus sentidos, quando outrora... foram o cálice sanguinolento, onde bebia o beijo do amor, enlevo da carícia, bebia a vida.

Teu corpo estéril, torçado como o de uma Vezus, o encanto de viver, que me consolava e acariava nos dias de azarosa angústia, já

## COMO É TRANSITÓRIO O AMOR!...

De Oliveira Franco Sobrinho



**COINCIDENCIA** — Ela. — Escuta! os passarinhos cantam, o riacho murmura...  
Ela. — Meus Deús! A propósito do riacho, agora tinhamo de que delves aberta a torneira da cozinha!...

**AZ DE OURO**

Os incomparáveis perfumes da elite:  
AGUA DE COLONIA  
LOÇÕES  
EXTRACTOS  
PO' DE ARROZ  
CREME  
BRILHANTINA etc.  
A' venda nas principaes casas.

não compôria a immen-  
sidade do meu ideal, a  
sotfregidão embraga-  
da da carne, a minha  
vontade de felicidade.

Como é transitório o amor!... Por que será que já não tenho aquelles inolvidaveis esperanças, guardas sineóras do meu espirito? Por que será que minha alma não mais ama o soffrer?

Infelís de quem busca na mulher o reino da felicidade. Suprema illusão, que dura a eternidade transitória do amor. Uma vida inteira de angustiante saudade.

Ah! éras tão bellas! Hoje destigurada pela velhice, sem arrimo da mocidade, sem alento da juventude, já não compôria a immenstade do meu ideal. Vives e clausuro da vida, deslembada, quiza, do passado de loucos praser, da delicia de amar.

Não idolatrei a mulher, e sim, a essência da mocidade: o amor. O bustão da velhice não compôria a illusão do amor.

Não comprehendendo, não se o a a e comprehendendo, amor sem perfeição, sem bellas.

E' como flores sem perfume, arvore sem folhas nem galhos, vida sem alma.

Esquecendo o passado, quig perdoar-te, mas não pude.

Quis odiar-te... e tambem não pude.

A lembrança dos dias venturosos que passamos pede clemencia...

As rugas do teu rosto, taciturno, sombrio, o meu respeito... a minha com. paixão...

Como é transitório o amor!...

## COMO É TRANSITÓRIO O AMOR!

Fon Fon - 12 de maio de 1934.



ada mais resta do meu amor; nem a esperança que no passado minha alma iluminou, nem a imagem melancólica e serena do teu perfil de santa. Nem a bênção da luxuriante natureza, sedenta de inveja ante a opulência do nosso querer. Nem aquele jardimzinho em ruínas, lá para as bandas do sul, sufocado pela folhagem selvagem; ao longe, por colinas verdejantes, beijadas alegremente pelo sol; aquele banco capenga apodrecido pelo tempo, ornado artisticamente de flores silvestres, cheias de urzes e abrolhos.

Os teus olhos, que outrora foram fascinação, o lume soberbo e irrefreável de minha vida, reflexos castos e peregrinos de paixão, fanal de minha vontade, o incenso de meus pensamentos, consolo de minha amargura, como lume, como fanal, extinguíram-se miseravelmente. Não possuem mais aquele brilho de esplendor, de vida, de luz, de esperança, de alegria.

Teus lábios, ressequidos pelo calor dos meus beijos, são frios como a morte. Não mais aplacam a minha entontecedora ansia de posse. Como crepúsculo violento de estação hibernal, regêlam meu coração, anestesiam meus sentidos, quando outrora... foram o cálice sanguinolento onde bebia o beijo do amor, enlevo da carícia, bebia a vida.

**SABONETE**  
**DORLY**  
PREÇO POR PREÇO  
É O MELHOR

**REGULADOR SIAN**  
COMBATE AS MOLESTIAS DO UTERO E OVARIOS.  
REQUERIDAS! DROGARIAS BRASILEIRAS  
PRA NA ANDARA 21 - RIO  
EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E FARMACIAS

Teu corpo esbelto, torneado como o de uma Vênus, o encanto de viver que me consolava e acariciava nos dias de amargosa angústia, já não comporta a imensidade do meu ideal, a sofreguidão embriagadora da carne, a minha vontade de felicidade.

Como é transitório o amor!... Por que será que já não tenho aquelas inolvidáveis esperanças, guardas sinceras do meu espírito? Por que será que minha alma não mais ama o sofrer?

Infeliz de quem busca na mulher o reino da felicidade. Suprema ilusão, que dura a eternidade transitória do amor. Uma vida inteira de angustiante saudade.

Ah! Eras tão bela! Hoje desfigurada pela velhice, sem arrimo da mocidade, sem alento da juventude, já não comportas a imensidade do meu ideal. Vives o claustro da vida, deslemburada, quiçá, do passado de louco prazer, da delícia de amar.

Não idolatrei a mulher, e sim a essência da mocidade: o amor.

O bastão da velhice não comporta a ilusão do amor.

Não compreendo, não posso compreender amor sem perfeição, sem beleza.

É como flores sem perfume, árvore sem folhas nem galhos, vida sem alma.

Esquecendo o passado, quis perdoar-te, mas não pude.

Quis odiar-te... e também não pude.

A lembrança dos dias venturosos que passamos pede clemência...

As rugas do teu rosto, taciturno, sombrio, o meu respeito... a minha paixão...

Como é transitório o amor!...



# MILAGRE DE S. JOÃO

Conto de OLIVEIRA FRADCO SOBRINHO

QUATRO horas da tarde.  
Na sala de visitas da família Castro Ramos, dois jovens, — Ruth, a filha mais velha do dr. Américo de Azevedo Castro Ramos, na exuberância dos seus dezenove annos e seu noivo, jornalista Alberto Martins, — sentados no sofá conversavam violentamente.

A moça retrucou, colérica:  
— Não admitto que você se intrometa na minha vida!...

— Mas, Ruth, não somos noivos?

— Sim, noivos, mas não casados. Espere para dar ordens depois do casamento. Por enquanto, está muito enganado; se pensa que lhe vou obedecer.

— Bem si é assim, nada mais me resta fazer senão retirar-me — falou suavemente o moço.

— Até logo. Pode ir.  
Alberto levantou-se desconcertado.

— Ruth, amo-a, amo-a de tal forma, que serei o mais desgraçado dos indivíduos se não me casar com você.

— Ah! basta de lamurias! Suas declarações são insuportáveis!...

— E' que... Eu quero dizer, — pronunciou, gaguejando, — o seu modo com o Octavio me causou raiva.

— Ciúmes? Ah! Ah! ah! — gargalhou, ironicamente, Ruth. — Ainda bem que são ciúmes.

E mudando abruptamente de tom:

— Você bem sabe que não airo ciúmes!

— Pode ser ciúmes ou o que você quiser. O facto é que como noivo fui offendido. E quem me offendeu foi a minha propria noiva. E' irrisorio. Que isso não aconteça depois do casamento.

— Nem sequer sei mesmo como ainda você tem coragem de falar em casamento! — balbuciou Ruth, com lagrimas fingidas nos olhos, — quando trata a sua noiva desta maneira brutal.

Alberto sorriu amarello.

— Então está tudo acabado? Olhe que só voltarei quando você implorar humilhada.

— Ainda pergunta?

Dirigindo-se zombeteira para d. Mariçota, esposa do dr. Castro Ramos:

— Mamãe eu e o Alberto desmanchámos o noivado.

— Que está dizendo, Ruth?! Que brincadeira é essa? — acudiu d. Mariçota, que entrava no momento abotetando-se na cadeira de balanço.

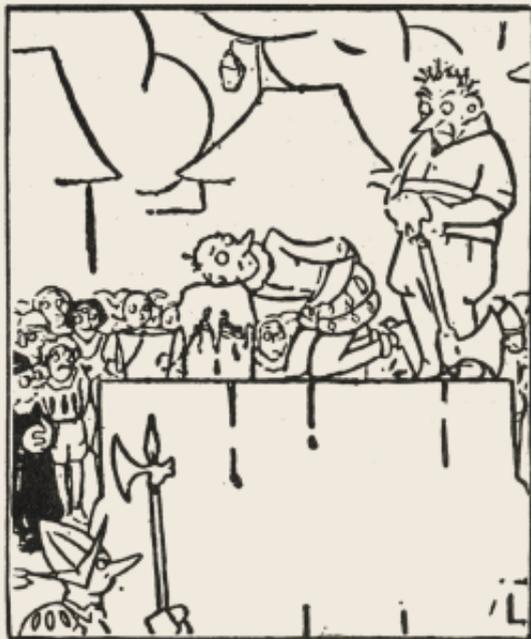
Deixando Alberto embaucado:

— Sim, mamãe: por incompatibilidade de genio...

\*\*\*

Estavamos em junho. Uma doce penumbra envolvia o gabinete de

(Continúa no pag. seguinte)



O carrasco. — Desculpe-me si lhe cusar muito mal, pois é a primeira vez que exerceo o officio.  
A victima. — Hei-se, veja que casualidade: tambem é a primeira vez que me cortam a cabeça.

PASTA DENTIFRICA

**Oriental**  
LIMPA  
REFRESCA  
PURIFICA

## ☪ MILAGRE DE SÃO JOÃO ☪

Fon Fon - 23 de junho de 1934.

Quatro horas da tarde.

Na sala de visitas da família Castro Ramos, dois jovens — Ruth, a filha mais velha do dr. Américo de Azevedo Castro Ramos, na exuberância dos seus dezenove annos, e seu noivo, jornalista Alberto Martins — sentados no sofá conversavam violentamente.

A moça retrucou, colérica:

— Não admito que você se intrometa na minha vida!...

— Mas, Ruth, não somos noivos?

— Sim, noivos, mas não casados. Espere para dar ordens depois do casamento.

Por enquanto, está muito enganado se pensa que lhe vou obedecer.

— Bem, se é assim, nada mais me resta fazer senão retirar-me — falou suavemente o moço.

— Até logo. Pode ir.

Alberto levantou-se desconcertado.

— Ruth, amo-a, amo-a de tal forma que serei o mais desgraçado dos indivíduos se não me casar com você.

— Ah! basta de lamurias! Suas declarações são insuportáveis!...

– É que... Eu quero dizer – pronunciou, gaguejando – o seu modo com o Octávio me causou raiva.

– Ciúmes? Ah! Ah! Ah! – gargalhou, ironicamente, Ruth. – Ainda bem que são ciúmes.

E mudando abruptamente de tom:

– Você bem sabe que não aturo ciúmes!

– Pode ser ciúmes ou o que você quiser. O fato é que como noivo fui ofendido. E quem me ofendeu foi a minha própria noiva. É irrisório. Que isso não aconteça depois do casamento.

– Nem sequer sei mesmo como ainda você tem coragem de falar em casamento! – balbuciou Ruth, com lágrimas fingidas nos olhos – quando trata a sua noiva desta maneira brutal.

Alberto sorriu amarelo.

– Então está tudo acabado? Olhe que só voltarei quando você implorar humilhada.

– Ainda pergunta?

Dirigindo-se zombeteira para d. Maricota, esposa do dr. Castro Ramos:

– Mamãe, eu e o Alberto desmanchamos o noivado.

– Que está dizendo, Ruth?! Que brincadeira é essa? – acudiu d. Maricota, que entrava no momento aboletando-se na cadeira de balanço.

Deixando Alberto embasbacado:

– Sim, mamãe: por incompatibilidade de gênio...

\*\*\*

Estávamos em junho. Uma doce penumbra envolvia o gabinete de Alberto Martins. Pensava. Ruth não lhe saía da cabeça. Quando se está apaixonado, vive-se com o cérebro cheio da mulher amada, e na retina, de minuto em minuto, se reproduz importunamente o perfil agradável que faz do mundo o paraíso dos felizes. Ah! Como é bom a gente amar e possuir o ente querido! E a emoção cruel

de viver para sempre longe de Ruth trouxe-lhe à memória aquelas palavras de Bastos Portella: “Triste. É triste, sim, um rompimento de amor. Ha sempre um que sofre mais e que não se acostuma ao isolamento em que fica. E esse que sofre mais é, certamente, aquele que ama com mais ardor e mais violência”.

Ruth precisava duma boa lição.

– Tenho certeza de que ela me ama – pensava Alberto. – É preciso que seja castigada... e bem castigada.

\*\*\*

O capricho de Ruth encontrou uma muralha no coração de Alberto, que, para se vingar da ex-noiva, entabulou namoro com a sua mais ardorosa rival, a Regina Mendes.

A moça ficou enfurecida. Largar dela e ficar preso na Regina era uma verdadeira afronta. Aquela lambisgóia da Avenida estava enganada. Nunca que havia de roubar-lhe Alberto. Ainda mais quem? A Regina Mendes! Ainda se fosse outra não havia importância. Como odiava aquele cabelinho torcido na testa, aqueles olhos, aqueles modos, aquela Regina! Em todos os lugares, só falavam neles, principalmente perto dela. Parecia até por gosto. Fazia força para não romper com tudo e com todos. No cinema, no teatro, no Prado, nos *dancings*, sempre juntos. Até o jornal do Vilela já falara em noivado entre os dois. Era de desesperar! Mas não perdia a esperança. Era também bonita, talvez mais do que Regina. Alberto não dizia sempre que ela era a única mulher no mundo? Mas esses homens dizem tanta coisa, tanta, que a gente até fica duvidando da sinceridade deles.

Vinte e quatro de junho. Dia de S. João.

– Admirando o luar? – aventurou Ruth ao se aproximar de Carlos, que do terraço da casa de fazenda de Edmundo Cordeiro perscrutava o céu cheio de estrelas, claro, bastante claro.

Alberto e Regina, por insinuação de Ruth, foram convidados, pelo capitalista Edmundo Cordeiro, a passar alguns dias na fazenda. Conhecedor

dos planos de Ruth, Alberto aceitou contente, insistindo na ida de Regina, que não apreciava muito o interior.

– Oh! É você? – disse Alberto, indiferente, sem ao menos olhar para a moça. – Admirei sempre as noites de S. João. Dão-me tantas recordações da meninice... Os balões, as fogueiras, as bombas, a algazarra da gurizada. E você, Ruth? Não gosta de S. João? Está tão quieta!

– Gosto, oh, muito! – balbuciou a moça, impressionada pela indiferença de Alberto. Será possível que não me ame mais? – pensou tristemente consigo.

– Até já, Ruth. Regina espera-me para dar uma volta pelo parque...

Os olhos de Ruth ficaram coalhados de lágrimas. Não era mais amada. Como fora leviana em romper com o noivo quando a culpa fora dela mesma e daquele imbecil do Octávio, sempre com brincadeiras tão bobas. Agora era tarde, bem tarde...

\*\*\*

“Meu querido Alberto. Sofro muito. Não posso continuar aqui na fazenda. Essa noite de S. João traz recordações terríveis. Faz-me lembrar o nosso amor. Adeus! Tomarei o noturno das 10 para casa. Irei embora e morrerei feliz. Espero que também seja feliz com a Regina. Da sua sempre Ruth.”

Alberto dobrou contente o bilhete deixado por Ruth. Vencera. Mandou aprontar um cavalo que o levasse até a estação. Estava certo: a lição fora dura. Agora podia reatar o seu noivado com Ruth, que amava mais do que nunca. Ela se tinha humilhado. Era o quanto bastava.

\*\*\*

O trem dava o primeiro sinal de partida quando Alberto, entrando precipitadamente, tomou lugar ao lado de Ruth. Sôfrego, abraçou-a, beijando-a freneticamente.

– E Regina?

– Só a você eu quero. Lembra-se quando eu disse ser o mais desgraçado dos indivíduos se não me casasse com você?

– Mas eu sou muito ciumenta, Alberto. Não gostei de ver você e a Regina daquele jeito.

– Oh! Querida! Foi mais um milagre de S. João. O ciúme é a prova sincera do amor.



# MULHERES...

De  
**OLIVEIRA  
FRANCO  
SOBRINHO**

— HA mulheres, neste mundo, dominadas pelo sentido tragico da vida — dizia o velho general Gomes Rosa, recostado disploentemente na rede fôda de tecido rustico, ao soltar a ultima batada de odoroso fumo tureco. — Apesar de conhecerem o fim hedonico que irão ter, não sentem forças para lutar contra o destino que lhes foi traçado. Vivem na oédia hamba da existencia, esperando sempre o epilogo inevitavel. São como que instrumentos de crimes, causadores inoffensivos de innumeras ruínas.

— Mas general, — intervi no momento em que uma rajada violenta do tuílo, ao aproximar-se, fizera estalar a porta do mocambo — essas mulheres fataes são producto da civilização. Ellas podem existir no Rio de Janeiro, em Paris, em Londres, em Berlim, mas nunca neste sertão abrupto, onde o vicio não tem guarida.

— Pelo contrario, meu caro — continuou o general: — essas mulheres não são fructos de uma civilização viciada, e sim da natureza. E' uma lei biologica que as domina. Por exemplo: neste sertão nasce o Ipê, vegetal selvagem, mas lindo e magostoso; outras plantas menos bellas nascem em plagas mais civilizadas. Que força incognita move tantos seres, se não a força suprema da lei da vida? Essas mulheres fataes, como dizeste, que trazem irmanado ao sez ser um vulcão em erupção, nada mais obedecem do que á força formidavel da hereditariedade. São especies quasi que indeterminadas de casos pathológicos. Apresentam um aspecto normal, mas, examinadas scientificamente, são anormais. De nada nos vale o froudalismo. A cura é impossivel. Admittamos que falhe a lei da hereditariedade. De facto, meu amigo, se falha a lei da heredi-

tariedade, vemos o surgir da lei atávica. Foi por isso que aconteceu Mendel não só o exame nos organismos paternos, mas o de todos os ancestraes. O mal pathologico deve ter uma causa de origem, mas essa causa não é nem

transitoria nem adquirida. E' congenita.

As palavras do general eram entrecortadas pelo zumbir harmonioso do tuílo de encontro ás paredes do retiro, situado no chapadão immenso dos campos guarapuavaes, no interior paranaense.

Ao lado, ao pé do fogão, meio destruído pelos annos, Bento Trancoso preparava o carubé, enquanto eu, machinalmente, estalava a banha para o torreamo.

Aquelle temporal nos pegara, tres kilometros adiante do rio Pi-guiry, em demanda da fazenda. Fomos obrigados a pedir hospedagem a Bento Trancoso no seu velho mocambo, que os tempos, aos poucos, ia impiedosamente destruindo.

As horas avançavam, parecendo envelhecer cada vez mais a temperatura, que aumentava.

— Vou lhes contar uma historia verdadeira em que eu fui um dos personagens — acrescentou Gomes Rosa. — Passa-se no Egypto.

...

Não estrague sua "toilette" livre-se do mau cheiro das axillas.



**PODOGYNE**

A excessiva transpiração das axillas, além do molesto cheiro característico, mancha os vestidos, inutilizando-os em pouco tempo. Hoje em dia ninguém mais precisa preocupar-se com isso. "Podogyne", formula scientifica americana, é um pó desodorante que tem a virtude de eliminar por completo o mau cheiro das axillas e de outras partes do corpo, bem como diminuir a excessiva transpiração, sem causar o minimo dano á saúde. "Podogyne" não contém ácidos e nem drogas perigosas que queimam a pelle, mancham e corrompem os vestidos, não causa ardor nem obstruem os póros.

**GARANTIA:** — "The Podogyne Inc" por intermedio de seus representantes no Brasil oferece como garantia a importancia de 1:000\$000 a quem provar que este producto não produz os effectos annunciados.

Concessionarios: **PIRANI & CIA.**  
Caixa 2453 — SAO PAULO

"Nomeado pelo governo brasileiro addido militar no consulado do Cairo, fui com extraordinaria alegria que recibi a noticia. Ha muito mostrava desejos de conhecer a terra misteriosa das pyramides magistraes e sublimas, principalmente investigar os velhos alfarrabios da civilização antiga. A curiosidade de moço — pois era nesse tempo capitão — me levava, em imaginação, ao tumulto de Kheops, ao palacio de Karnak, que diziam esconder em suas paredes os papyrus de Ramsés II.

"Aportado no Cairo, hospedei-me em companhia de um medico francez, egyptologo illustre, com

(Cont. no pag. seguinte)

**PO' DE ARROZ**  
**Lady**  
É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO

**LOCAO**  
**Frank Lloyd**  
PERFUME MODERNO,  
ACTIVO,  
PERSISTENTE 11\$

## ❁ MULHERES ❁

*Fon Fon – 14 de julho de 1934.*

– Há mulheres, neste mundo, dominadas pelo sentido trágico da vida – dizia o velho general Gomes Rosa, recostado displicentemente na rede fofa de tecido rústico, ao soltar a última baforada de odoroso fumo turco. – Apesar de conhecerem o fim hediondo que irão ter, não sentem forças para lutar contra o destino que lhes foi traçado. Vivem na corda bamba da existência, esperando sempre o epílogo inevitável. São como que instrumentos de crimes, causadores inofensivos de inúmeras ruínas.

– Mas general – intervim no momento em que uma rajada violenta do tufão, ao aproximar-se, fizera estalar a porta do mocambo – essas mulheres fatais são produto da civilização. Elas podem existir no Rio de Janeiro, em Paris, em Londres, em Berlim, mas nunca neste sertão abrupto, onde o vício não tem guarida.

– Pelo contrário, meu caro – continuou o general –, essas mulheres não são frutos de uma civilização viciada, e sim da natureza. É uma lei biológica que as domina. Por exemplo: neste sertão nasce o Ipê, vegetal selvagem, mas lindo e majestoso; outras plantas menos belas nascem em plagas mais civilizadas. Que força incógnita move tantos seres, senão a força suprema da lei da vida? Essas

mulheres fatais, como disseste, que trazem irmanado ao seu ser um vulcão em erupção, nada mais obedecem do que à força formidável da hereditariedade. São espécies quase que indeterminadas de casos patológicos. Apresentam um aspecto normal, mas, examinadas cientificamente, são anormais. De nada nos vale o freudalismo. A cura é impossível. Admitamos que falhe a lei da hereditariedade. De fato, meu amigo, se falha a lei da hereditariedade, vemos o surgir da lei atávica. Foi por isso que aconselhou Mendel não só o exame nos organismos paternos, mas o de todos os ancestrais. O mal patológico deve ter uma causa de origem, mas essa causa não é nem transitória nem adquirida. É congênita.

As palavras do general eram entrecortadas pelo zumbir harmonioso do tufão de encontro às paredes do retiro, situado no chapadeiro imenso dos campos guarapuavanos, no interior paranaense.

Ao lado, ao pé do fogão, meio destruído pelos anos, Bento Trancoso preparava o carubé, enquanto eu, maquinalmente, estalava a banha para o torresmo.

Aquele temporal nos pegara três quilômetros adiante do rio Piquiri, em demanda da fazenda. Fomos obrigados a pedir hospedagem a Bento Trancoso no seu velho mocambo, que os tempos, aos poucos, ia impiedosamente destruindo.

As horas avançavam, parecendo enraivecer cada vez mais a tempestade, que aumentava.

– Vou lhes contar uma história verídica em que eu fui um dos personagens – acrescentou Gomes Rosa. – Passa-se no Egito.

\*\*\*

“Nomeado pelo governo brasileiro adido militar no consulado do Cairo, foi com extraordinária alegria que recebi a notícia. Há muito mostrava desejos de conhecer a terra misteriosa das pirâmides magistrais e sublimes, principalmente investigar os velhos alfarrábios da civilização antiga. A curiosidade de moço – pois era nesse tempo capitão – me levava, em imaginação,

ao túmulo de Quéops, ao palácio de Karnak, que diziam esconder em suas paredes os papiros de Ramsés II.

“Aportado no Cairo, hospedei-me em companhia de um médico francês, egiptólogo ilustre, com quem, por mero acaso, travei conhecimento a bordo. *Monsieur* Paul Demain era um espírito verdadeiramente erudito, caráter sem máculas, possuidor dum belo físico, apesar dos seus cinquenta anos.

“Em *El-Kaireh* (Cairo) conhecemos no Palácio Hotel um casal – ele, já meio velho, ela, na idade deslumbrante da juventude – de Iskanderiéh (Alexandria), que estava na capital em viagem de recreio.

“Travamos conhecimento com o casal de Alexandria em excursão às pirâmides. Paul Demain era para a bela Yasmina todo gentilezas. Eu também não ficara indiferente àqueles olhos meditativos, alongados na imensidão do infinito. Yasmina era dessas mulheres de cândida e sofredora fisionomia, que nos comovem. Além dum corpo esbelto, busto altivo, perfil de egípcia, olhos aveludados, lábios carnosos, era de uma simpatia de magnetizar.

“As nossas primeiras palestras resvalaram para o passado do Egito. Assim revivemos as dinastias, a rainha Nitócris, Sesóstris, Thutmés III, religião, literatura, ciência, em que Paul Demain demonstrava grandes conhecimentos, falando com fluência de linguagem catequizadora.

“Yasmina ouvia a sua dissertação com sincera atenção. Seus olhos gravavam-se insistentemente em Paul Demain, causando-me calafrios de inveja.

Nossa amizade, apesar dos inúmeros afazeres do consulado, se tinha tornado duma intimidade agradabilíssima. Éramos uma só família. Só então, em passeio que fizemos pelo Nilo, enquanto em conversa com Ali falava do Brasil, do nosso majestoso Rio, é que notei Paul e Yasmina de mãos dadas. A nossa amizade não chegara a tanto. Logo no hotel me dirigi ao apartamento de Paul, e, sem preâmbulos, toquei no assunto. Sobressaltou-se deveras.

“– Bem, se queres saber, Yasmina é minha amante.

“Estarreci petrificado. Aquela revelação era assombrosa. Não compreendia como uma mulher com semblante de santa, fisionomia de uma sinceridade

superior, ternura de alma, pudesse entregar-se a um homem até pouco tempo desconhecido. Minha curiosidade levava-me a novas perguntas. Queria saber como começara a aventura com a bela Yasmina. E ele, calmamente, tirando do bolso um pequeno bronze em forma de mulher:

“– As egípcias, principalmente as que habitam o deserto, têm nesta mulher nua plasmada no bronze o convite para o amor. Yasmina deu-ma.

“– Mas Ali?...

“– Ali conhece o nosso amor.

“– E permite que sejas amante da mulher?

“– Sim, porque é um dominado. Está nas minhas condições. Se rompesse com Yasmina, romperia com a vida. Yasmina, meu amigo, é dessas mulheres indispensáveis ao corpo, que aniquilam o espírito. De nada valem estudo, cultura, força. Sou um pobre frágil boneco na mão de Yasmina.

“– E tu a amas? – aventurei, admirado, meio incrédulo.

“– Não a amo; quero-a.

Não pude conter o riso. Paul, enraivecido, atirou violentamente ao chão o exótico vaso milenário que inocentemente ornava a mesa do apartamento.

“– Tu não compreendes. Essa mulher tem não sei o que de diabólico. Sinto minha vida englobada na tragédia de Yasmina e Ali. Há qualquer coisa de mistério em Yasmina. Sou, como Ali, uma vítima da fatalidade.

“– Mas, se embarcasses para a França?...

“– Não posso. É demasiado tarde.

\*\*\*

“O calor sufocava. Não conseguia dormir, por mais força que fizesse. Procurei todos os expedientes. Contei de um a mil. Nada. A insônia me dominava. O Egito, com os seus mistérios do passado e do presente, começava a aborrecer-me. A conversa com Paul Demain não saía da memória. A figura de Yasmina se reproduzia de minuto a minuto na retina. Ali me aparecia como um sofredor. Nem cochilar conseguia. De tantas reviravoltas e diferentes posições que tomava

no leito, as roupas da cama estavam inteiramente confundidas. Com a cabeça a ziguezaguear de idéias confusas, levantei-me. Fui à janela. O luar numa noite no Cairo era magnificente. A lua derramava sobre a terra uma claridade imensa, alumando os jardins que circundavam o hotel. A rua estava deserta. Tudo quieto. Parecia ser eu o único sobrevivente daquela inesquecível noite insone. De repente, minha atenção embaralhada foi despertada com ruído de vozes e passos para o lado dos roseirais. Olhei. Distingui nebulosamente dois vultos entrelaçados. Parecia uma confabulação amorosa. Estava a rir de minha curiosidade medrosa, quando um estampido seco abalou o silêncio da noite. Um corpo tombou. Fiquei no momento eletrizado. Só minutos depois consegui voltar do susto. Toquei nervosamente o botão da campainha, cheio de pressentimentos. Não havia dúvida. Algo havia acontecido. Dei conhecimento ao *groom* do ocorrido e precipitei-me para o apartamento de Paul. Hesitei. A porta entreaberta dava-me medo. Estava só. O *groom* tinha ido avisar o gerente. Titubeei antes de empurrá-la. Enfim, um sentimento de repulsa ou medo deu-me coragem. Entrei. Escuridão completa. Tateei a parede, buscando o botão da luz. Pressuroso, calquei-o. Larguei um grito, aterrorizado. No canapé, em frente ao espelho, jazia ensanguentado, contorcendo-se em agonia, completamente nu, o corpo de Paul Demain. Seus olhos saltavam das órbitas. Golfadas de sangue saíam-lhe pela boca. Tinha um punhal egípcio cravado no peito, mais para o lado esquerdo. A fraqueza numa noite insone diante daquele horrível quadro fez com que eu desmaiasse. Foi o meu repouso forçado. Só à custa de muito éter consegui recuperar os sentidos. O dono do hotel lastimava esses fatos, que o desmoralizavam. A meu pedido, inteirou-me da tragédia. Ali havia desaparecido. A esposa tinha sido encontrada morta com um tiro na região parietal e várias escoriações, perto dos roseirais. Paul e Yasmina já tinham seguido para o necrotério antes do amanhecer. Era voz corrente que Ali tinha assassinado a esposa e Paul Demain. Aquele homem soubera livrar-se da força magnetizadora da mulher e vingar a honra ultrajada.

\*\*\*

“Eis aí, meu caro, uma mulher verdadeiramente fatal”.

– É horripilante”

– Sim, horripilante. Tanto Paul como Ali não podiam viver sem Yasmina.

Daí o ciúme do egípcio, que não fugiu diante do crime.

E o general, enquanto devorava o torresmo com carubé, falava:

– Yasmina era tão necessária a esses dois homens, suas vítimas, como qualquer órgão imprescindível ao corpo humano. Mulheres como Yasmina existem em grande número por esse mundo afora. Depois do enterro de Paul, fugi para o Brasil. Quando me lembro do Egito, vejo a Esfinge enlaçando no seu aspecto a tragédia daqueles três seres. A planície de Zizeth alagada com o sangue de Paul. O deserto aplacando sua sede no corpo de Yasmina.

A noite aproximava-se. O temporal, menos forte, ainda continuava...

– Já que não podemos seguir a nossa caminhada – falei – que Bento Trancoso nos delicie com uma canção enlanguescedora da tétrica tragédia de Yasmina.

– Tá bão, bamo esperecê. Daqui um bucado té mocambo desaba. Tamein esse egipso é marvado. Dá cada, muié...

Estávamos ainda rindo das palavras de Bento, quando a sua voz doce e serena, no tanger da viola, começou a entoar uma canção de amor...



# ROSINHA



A patrão. — Juarez, quando teve a campalicha, goste de ser atendido imediatamente? 2024 curado?  
A empregada. — Sim, senhor. Compreendo perfeitamente como preferes caprichos...

QUANDO o corpo de Rosinha passou pela rua principal da cidade, envolvido todo naquella exaltação tétrica de ouro e roxo, sustentado firmemente nas alças por mãos amigas, senti confranger-se-me o coração. Tanto triste. Momento triste. Eu não tive forças para conter o intenso nervosismo

nas alças por mãos amigas, senti confranger-se-me o coração. Tanto triste. Momento triste. Eu não tive forças para conter o intenso nervosismo

mo que me invadia a alma. Olhei rubisco em derredor. Ninguém. Estava só. Sozinho. Duas lágrimas traçoceiras desprenderam-se dos meus olhos ecos de tanto penar. Quem me visse soffrer daquella maneira não podia adivinhar ser eu o ransador da morte de Rosinha. O cortejo estava quasi a chegar no cemiterio. Deante. Monotono. Que tarde triste!

O amor, de vez em vez, gosta mesmo de boir com a gente. Que diabo! Promotor publico, soivo na capital que tinha eu de me metter a conquistar a Rosinha? Mas na verdade eu estava ebulindo pela cabocla. E não era para menos. Rosinha nada deixava a desejar. Bonita. Faccira. Olhos que eram mesmo uma tentação. E que fôrmas, meu Deus! Quem não havia de amar a Rosinha? Um dia, fiz a minha confissão. Aceitton, alegre. Eu era amido escano minha honra alguns jannais o foi. Não sei se fiquei alegre ou triste, mas uma sensação de prazer dominava-me todo. Oh! possuir a Rosinha! Era só o que pensava. A' medida que se passavam os dias, maior se tornava a minha ansia de posse. As semanas, os meses passaram cõleros. E eu.



*Alegria na Vida?*

Si com saúde, o para obter a conservação  
**TONICO  
PHYSIOLOGICO  
PENNA**  
o melhor reconstrutor  
Arnijo Penna & C.  
Rua de Ouranda, 57  
Rio de Janeiro

## A vendedora

(Cançõeta offerecida aos leitores de FON-FON).

Letra de F. Meur

Musica de A. Assunção

Seu florista, já se vê,  
Igualzinho ao de Paris;  
Temdo debôitas e corações  
E a fôrmasa flor de lys.  
O perfume destas flores  
Lembra — por ser delicia,  
Em nocturno de Chopin,  
Mas um cõ todo catetudo...

## ❁ ROSINHA ❁

*Fon Fon – 11 de agosto de 1934.*

Quando o corpo de Rosinha passou pela rua principal da cidade, envolvido todo naquele caixão tétrico de ouro e roxo, sustentado firmemente nas alças por mãos amigas, senti confranger-se-me o coração. Tarde triste. Momento triste. Eu não tive forças para conter o intenso nervosismo que me invadia a alma. Olhei cabisbaixo em derredor. Ninguém. Estava só. Sozinho. Duas lágrimas traiçoeiras desprenderam-se dos meus olhos secos de tanto penar. Quem me visse sofrer daquela maneira não podia adivinhar ser eu o causador da morte de Rosinha. O cortejo estava quase a chegar no cemitério. Dolente. Monótono. Que tarde triste!

\*\*\*

O amor, de vez em vez, gosta mesmo de bulir com a gente. Que diabo! Promotor público, noivo na capital, que tinha eu de me meter a conquistar a Rosinha? Mas na verdade eu estava caidinho pela cabocla. E não era para menos. Rosinha nada deixava a desejar. Bonita. Faceira. Olhos que eram mesmo uma tentação. E que formas, meu Deus! Quem não havia de amar a Rosinha? Um dia, fiz a minha confissão. Aceitou, alegre. Eu era amado como nunca homem

algun jamais o foi. Não sei se fiquei alegre ou triste, mas uma sensação de prazer dominava-me todo. Oh! Possuir a Rosinha! Era só o que pensava. À medida que se passavam os dias, maior se tornava a minha ânsia de posse. As semanas, os meses passavam céleres. E eu nada. Por duas vezes tinha transferido a data do nosso casamento. Entre um homem e uma mulher, entre duas pessoas que se amam, não sair casamento? Impossível. Era a dúvida atroz a me martirizar a vida. Amava Rosinha ou a Neusa?

Uma manhã, foi num domingo, logo após a missa, dei com Rosinha no meu quarto do hotel. Assustei-me deveras.

– Que é isso, Rosinha?

– Entre nós está tudo acabado... – foi a resposta que tive.

– Acabado? Não compreendo...

Ela apontou para a mesa. Para a carta da Neusa Araújo, minha noiva de Curitiba. Depois, olhou firme para mim. A cena foi curta, mas comovedora. Senti o mundo fugir-me. Senti deslocar-me para o vácuo da vida. Foi até a porta. Lançou-me novo olhar. Como eram belos os olhos de Rosinha quando chorava! Tinham um brilho esquisito. Seria o amor?

E foi aquela carta que a Rosinha lera a causadora de sua morte. Ou melhor, fui eu o motivo por que Rosinha se suicidara. Mas ninguém soube.

Anteontem, chovia sem parar, quando, com surpresa minha, vejo da janela do meu quarto d. Clotilde (mãe de Rosinha) correndo em direção do hotel. Desço a escada cheio de pressentimentos.

– Doutor... Doutor...

– Que aconteceu, d. Clotilde?

– A Rosinha, doutor, matou-se. Tomou potassa, doutor...

E depois, sob o olhar penalizado da população da cidade, levei eu o corpo de Rosinha para a eterna morada. Pobre criatura! Matou-se por mim. Deu tudo pelo amor!



**ESTE NUMERO PUBLICA:**

**TRABALHOS DE:**

Agrippino Grieco — Alfredo Romario Martins — Alberto Torres — Americo Machado de Mello — André Gide Azevedo Amaral — Anitta Philipovski — David Carneiro — Francisco Bertagnoli Junior — Hoche Pedra Pires — O. da Costa Strauch — Rosario F. Mansur Guerios —

**MATERIA DE REDAÇÃO:**

A Lição do Mestre — Humorismo — Pelo Bem do Brasil — Poesia — Teixeira Soares Cidade Integralista Cidade do Trabalho — Vida Social e Diversos

**SOBRE O MOMENTO BRASILEIRO FALAM:**

João Cecy Filho — Oliveira Franco Sobrinho — Pamphilo de Assumpção e Vieira de Alencar.

«Antes de Victor Hugo tramos infinitamente mais poetas de imagens, visões, emoções e ritmos».

ROBERTO F. GUSTI (de «La Prensa»)

«A unica idéa que o preocupava era a da redenção dos miseráveis. Foi a vontade da criação em atividade».

ARMANDO TAGLE (de «La Nación»)

**COMEMORANDO**

**O CINCOENTENARIO DA MÔRTE DE VICTOR HUGO**

Ainda que tarde não podemos deixar de vir com todo o nosso entusiasmo prestar o nosso testemunho de admiração ao grande gênio francês cujo cincoentenario de morte comemorou-se o ano passado em todos os centros cultos da velha Europa. Não fosse esse gesto Victor Hugo deixariamos

passar a data despercebida. A indiferença da imprensa brasileira, o pouco caso letrado, a ignorancia do primario mestre da literatura que nós, ainda que haos desse vulto soberbo, épica que por quasi um século do homem de todo, foi um symbolo. Symbolo grande casa dos misera aristocracia, visiam a mais vida. Victor Hugo foi ficou sendo um ponto de luz e o secreto passado. tação da intelligencia pela reacção anti-burguesa, da deo, um autentico vanguarda maltratados pela que se formara á luz da limo moderno. —x—x—



A indiferença da imprensa dos nossos homens de vo que tanto admira o contemporaneo, fez, com teste tarde, lembrarmos dessa extraordinaria figura seculo dirigia a intelligencia pívica. Victor Hugo de amor e dedicação a veis que, sob o jugo da triste e humilhante dao em marco. E como marco limite entre o nosso seculo Victor Hugo foi a libertadora, o paladino da exploração do pobre pelo guardelro dos ideais humanitarios do capitalismo idade media: o capita

«Não houve vida sem morte mais magnifica. Nem o tragico Musset, nem o ironico Anatole, nem o sarcastico Voltaire, nem o sentimental Balzac que conquistaram tanto a coraçao do mundo. Nem mesmo o sceptico Goethe agitou tanto, arrebatou tanto quanto Victor Hugo».

OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO (de «Pulchra Revue»)

«Pôde dizer-se que em vespéra das festas do cincoentenario de sua morte a gloria de Victor Hugo permanece intacta».

PIERRE DESCAYES (de «La Prensa»)

«Hugo era complicado, verboso e subtilissimo. Entre a grandiloquencia de Hugo e a subtilidade de Anatole admiramos esta e amamos a primeira».

CRISTOVAM DE CAMARGO (de «La Nación»)

❁ COMEMORANDO O CINQUENTENÁRIO ❁  
DA MORTE DE VICTOR HUGO

*Invicta, fevereiro de 1936.*

Ainda que tarde, não podemos deixar de vir com todo o nosso entusiasmo prestar o nosso testemunho de admiração ao grande gênio francês cujo cinquentenário de morte comemorou-se o ano passado em todos os centros cultos da velha Europa. Não fosse esse gênio Victor Hugo, deixaríamos passar a data despercebida. A indiferença da imprensa brasileira, o pouco caso dos nossos homens de letras, a ignorância do povo que tanto admira o maior mestre da literatura contemporânea fizeram com que nós, ainda que bastante tarde, lembrássemos-nos desse vulto soberbo, dessa extraordinária figura épica que por quase um século dirigiu a inteligência do homem de todos os povos. Victor Hugo foi um símbolo. Símbolo de amor e dedicação à grande causa dos miseráveis que, sob o jugo da aristocracia, viviam a mais triste e humilhante das vidas. Victor Hugo foi um marco. E como marco ficou sendo um ponto de limite entre o nosso século e o século passado. Victor Hugo foi a libertação da inteligência pela cultura, o paladino da reação antiburguesa, da exploração do pobre pelo rico, um autêntico vanguardeiro dos ideais humanos malbaratados pela ganância do capitalismo que se formara à luz da idade média; o capitalismo moderno.

*“Não houve vida nem morte mais magnífica. Nem o trágico Musset, nem o irônico Anatole, nem o sarcástico Voltaire, nem o sentimental Baudelaire conquistaram tanto o coração do mundo. Nem mesmo o céptico Goethe agitou tanto, arrebatou tanto quanto Victor Hugo”.*

670

# INVICTA

(REVISTA MENSAL)

Ano I - Ponta Grossa, Setembro de 1935 - Num. 3



REVISTA  
INVICTA  
1935

PITORESCA PAISAGEM DA CIDADE DE BLUMENAU

PREÇO: 2\$000

INVICTA

- 19 -

## HOMO SAPIENS!

(Para a «Invicta» — OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO)

O homem do nosso século depois de muito pensar no mundo e nas coisas do mundo, parece ter chegado a uma conclusão infinitamente pratica e praticamente aceitavel:—resolven não acreditar em mais nada e ser a realidade primaria de tudo quanto existe e a medida mathematica do conhecimento universal. Elle é o limite de tudo. Tudo é criação delle. Fora delle nada existe. Tudo é phantasia. Tudo é illusão. Tudo é mentira. Elle é a unica realidade e a razão para da existencia do cosmos. O resto é apparencia. Apparencia que transfigura. Apparencia que engana e perturba, mata e aniquilla.

E assim tambem, tem pensado o homem através das idades sem conseguir afastar-se um passo sequer do que elle chama illusão, do que elle denomina mentira. Sempre carrassado acredita poder com algum esforço penetrar o mysterio insondavel da vida e resolver o problema da morte. É um animal que procura. Um animal que procura o que não existe querendo apalpar o vacuo e querendo sentir o que ainda vai existir em tempos futuros.

Um vaidoso e convencido. Cheio de vaidade austera e cheio de convencimento besta. E no entanto, fraco e covarde, ante o primeiro imprevisito, ante o primeiro obstaculo, ante a primeira ameaça de reacção.

Desde Thales de Mileto, Heraclito, Anaxagora, Pythagoras, Protagoras, Socrates e os seus discipulos, até Kant, Hegel, Marx, Bergson, Dewey e Keyserling, o homem não tem pensado em outra coisa a não ser superpor-se ás forças cosmicas e dominar o todo infinito. A sciencia marcha para esse fim. A philosophia pensa ter attingido esse fim. A literatura e a arte acreditam ser instrumentos desse fim. As hypotheses abundam na sciencia. As obras de arte crescem. E a philosophia, convencida de sua razão, toma uma attitude de combate, ante a subordinação das forças mornes e espirituas ás forças materiaes, ante a marcha do pensamento universal substituindo o moralismo de Platão pelo utilitarismo de Oswald Spengler. A philosophia tem medo de morrer. A sciencia tem medo de vencer. A arte procura humanizar-se e voltar no seu antigo estado de vida.

Apesar disso o homem não muda. *Homo sapiens!* Continúa acreditando em si mesmo porque é mais facil do que acreditar em coisas que elle só percebe de longe. E quer renovar. E quer revolucionar. Eu não sei dar uma explicação mais logica dessa vontade irrefreavel mas, eu calculo, que todo o homem, nasce certo de ser inspirado e julga-se como inspirado capaz de fazer alguma coisa de-bom, destruindo o que outros já fizeram. *Homo sapiens!*

## WAGNER & COMP.

Compram e exportam em grande escala: Couros e Pelles de Caça, Crina animal, Cera e Mel de abelha, Madeiras, etc.

IMPORTADORES DOS RADIOS INTEROCEAN

Escritório: RUA BALDUINO TAQUES, 35 — CAIXA POSTAL. 128

Ponta Grossa

Deposito: R. Balduino Taques, 20  
Encl. Telegraphico: «WAGNER»

E. do Paraná

## ❧ HOMO SAPIENS ❧

*Invicta – 19 de setembro de 1935.*

O homem do nosso século, depois de muito pensar no mundo e nas coisas do mundo, parece ter chegado a uma conclusão infinitamente prática e praticamente aceitável: resolveu não acreditar em mais nada e ser a realidade primária de tudo quanto existe e a medida matemática do conhecimento universal. Ele é o limite de tudo. Tudo é criação dele. Fora dele nada existe. Tudo é fantasia. Tudo é ilusão. Tudo é mentira. Ele é a única realidade e a razão pura da existência do cosmos. O resto é aparência. Aparência que transfigura. Aparência que engana e perturba, mata e aniquila.

E assim também tem pensado o homem através das idades, sem conseguir afastar-se um passo sequer do que ele chama ilusão, do que ele denomina mentira. Sempre carrancudo, acredita poder com algum esforço penetrar o mistério insondável da vida e resolver o problema da morte. É um animal que procura. Um animal que procura o que não existe querendo apalpar o vácuo e querendo sentir o que ainda vai existir em tempos futuros.

Um vaidoso e convencido. Cheio de vaidade austera e cheio de convencimento besta. É, no entanto, fraco e covarde ante o primeiro imprevisto, ante o primeiro obstáculo, ante a primeira ameaça de reação.

Desde Thales de Mileto, Heráclito, Anaxágora, Pitágoras, Protágoras, Sócrates e os seus discípulos, até Kant, Hegel, Marx, Bergson, Dewey e Keyserling, o homem não tem pensado em outra coisa a não ser superpor-se às forças cósmicas e dominar o todo infinito. A ciência marcha para esse fim. A filosofia pensa ter atingido esse fim. A literatura e a arte acreditam ser instrumentos desse fim. As hipóteses abundam na ciência. As obras de arte crescem. E a filosofia, convencida de sua razão, toma uma atitude de combate ante a subordinação das forças morais e espirituais às forças materiais, ante a marcha do pensamento universal substituindo o moralismo de Platão pelo utilitarismo de Oswald Spengler. A filosofia tem medo de morrer. A ciência tem medo de vencer. A arte procura humanizar-se e voltar ao seu antigo estado de vida.

Apesar disso, o homem não muda. *Homo sapiens!* Continua acreditando em si mesmo porque é mais fácil do que acreditar em coisas que ele só percebe de longe. E quer renovar. E quer revolucionar. Eu não sei dar uma explicação mais lógica dessa vontade irrefreável, mas eu calculo que todo homem nasce certo de ser inspirado e julga-se como inspirado capaz de fazer alguma coisa de bom, destruindo o que outros já fizeram. *Homo sapiens!*



## SOBRE ARTE...

(OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO)

No empenho de animar a arte, o homem contemporâneo excedeu às próprias possibilidades da arte espontânea, irmanando-a com a natureza bárbara. Incitou-se na copia do mundo exterior abandonando uma longa tradição de espiritualização crescente. E transformou mesmo o tão falado sentimento de realidade.

O excesso naturalista reduziu o indivíduo a um simples interprete do meio ambiente. Querendo atingir as fórmulas perennes de um expressionismo livre, o artista do nosso tempo vive a inquietação resultante de um impressionismo vulgar, próximo aos limites do grotesco.

O cubismo e o futurismo, tentando somente traduzir cores e formas, não passaram de movimentos de superfície, de movimentos de primeiro plano, de movimentos de duvida, de desconfiança, de arrojio pueril, de falsa interpretação do mundo, de suicidio voluntario do homem artista matando friamente a sua vontade creadora.

O que se pensou ser expressionismo não passou de impressionismo. O que devia partir da consciencia do artista, partiu do absolutismo do mundo que nos envolve. E envez da arte preparar a victoria do homem sobre a natureza bruta, foi a natureza bruta que asfixiou a energia libertadora do espirito.

Actualmente, não existe uma arte moderna, não existe uma arte pura por assim dizer. Existem artistas.

Existem individuos senhores de uma arte toda personalissima dando expansão a uma ridicula liberdade de imaginação, dando expansão a uma ridicula liberdade de crear copiando...

O artista de hoje não se define em face da vida. Toma attitudes diferentes. Attitudes de momento. Attitudes de conveniencia. E a arte que ha de nascer do seculo XX, surgirá da insurreição do artista contra as tyrantias da realidade. Contra o naturalismo, o realismo, etc.

Acredito que a arte tenha os seus limites e que dentro destes limites é que ella naturalmente tem de viver. Faz-se mistér, portanto, que respeitemos as tradições do espirito e saibamos venerar e comprehender a propria liberdade para não abusarmos della.

O espirito é um fixador de momentos. E a arte é a união sagrada entre o eterno e o transitorio. Entre o eterno que é a idéa de Deus e do mundo e entre o transitorio que é o ser homem em constante transformação.

E é preciso ainda não esquecer que o artista é o materializador da alma de um povo e que todo povo tem elementos estaveis de vida, que o artista é um verdadeiro homem massa, que é mais dirigido que dirigente. Com uma unica differença do commum dos homens: sente mais.

(Trecho do ensaio "O Segredo da Psyche Brasileira", transcripto da da «Folha da Manhã» de S. Paulo).

Para as Festas

A CASA FAVORITA

(Filial) - à Rua 7 de Setembro, 81 - PONTA GROSSA

Acaba de receber um lindo sortimento de Calçados para senhoras, meniãs e creanças. — Certifiquem-se sem compromissos de compra.

## ❁ SOBRE ARTE ❁

*Invicta – novembro de 1935.*

*A*o empenho de animar a arte, o homem contemporâneo excedeu às próprias possibilidades da arte espontânea, irmanando-a com a natureza bárbara. Incitou-se na cópia do mundo exterior, abandonando uma longa tradição de espiritualização crescente. E transformou mesmo o tão falado sentimento de realidade.

O excesso naturalista reduziu o indivíduo a um simples intérprete do meio ambiente. Querendo atingir as formas perenes de um expressionismo livre, o artista do nosso tempo vive a inquietação resultante de um impressionismo vulgar, próximo aos limites do grotesco.

O cubismo e o futurismo, tentando somente traduzir cores e formas, não passaram de movimentos de superfície, de movimentos de primeiro plano, de movimentos de dúvida, de desconfiança, de arrojo pueril, de falsa interpretação do mundo, de suicídio voluntário do homem artista matando friamente a sua vontade criadora.

O que se pensou ser expressionismo não passou de impressionismo. O que devia partir da consciência do artista partiu do absolutismo do mundo que nos

envolve. E em vez de a arte preparar a vitória do homem sobre a natureza bruta, foi a natureza bruta que asfixiou a energia libertadora do espírito.

Atualmente, não existe uma arte moderna, não existe uma arte pura, por assim dizer. Existem artistas. Existem indivíduos senhores de uma arte toda personalíssima dando expansão a uma ridícula liberdade de imaginação, dando expansão a uma ridícula liberdade de criar copiando...

O artista de hoje não se define em face da vida. Toma atitudes diferentes. Atitudes de momento. Atitudes de conveniência. E a arte que há de nascer do século XX surgirá da insurreição do artista contra as tiranias da realidade. Contra o naturalismo, o realismo, etc.

Acredito que a arte tenha os seus limites e que dentro desses limites é que ela naturalmente tem de viver. Faz-se mister, portanto, que respeitemos as tradições do espírito e saibamos venerar e compreender a própria liberdade para não abusarmos dela.

O espírito é um fixador de momentos. E a arte é a união sagrada entre o eterno e o transitório. Entre o eterno que é a idéia de Deus e do mundo e entre o transitório que é o ser homem em constante transformação.

E é preciso ainda não esquecer que o artista é o materializador da alma de um povo e que todo povo tem elementos estáveis de vida, que o artista é um verdadeiro homem massa, que é mais dirigido que dirigente. Com uma única diferença do comum dos homens: sente mais.

# INVICTA

## NESTE NÚMERO COLABORAM :

Plínio Salgado — Romário Martins — Flávio F. Fontana — Oliveira Franco Sobrinho — Armando Simões de Castro — «Jupiassú» — Danilo Carneiro Ribeiro — Ernani Santiago de Oliveira — Adolpho de Oliveira Franco — Fernando Silva Valdés — Leonel Prado Martins — Tte. Aníbal Santos e Adhemar Guilhon Gonzaga

## MATÉRIA DE REDAÇÃO :

Apelo à Mocidade — David Carneiro, um grande historiador — Poesia — Revista Anauê — Cyro Sans Duro — «A Offensiva» — Diversos



## OSWALD SPENGLER e o

«Invicta», revista que acompanha a evolução do pensamento, compartilhando com o Centro Acadêmico de Direito do Paraná, na justa e alta homenagem à memória do grande filósofo alemão, Oswald Spengler, recentemente falecido na terra de Goethe, publica com grande satisfação as brilhantes orações proferidas ao microfone da P. R. B. 2, Rádio Club Paranaense, pelos talentosos acadêmicos, Ernani Santiago de Oliveira e Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. - - - São dois estudos profundos sobre a obra do ilustre morto, os quais demonstram cabalmente o valor intelectual dos dois jovens colaboradores de «Invicta», inteligências apuradas da geração que surge, síntese pensamental da nova mentalidade brasileira.

### Discurso do acadêmico Ernani Santiago de Oliveira :

O Centro Acadêmico de Direito vem prestar, hoje, por intermédio do microfone do Rádio Club Paranaense, uma homenagem de respeito e admiração em memória do grande pensador alemão OSWALD SPENGLER, recentemente falecido. Prestando essa homenagem o órgão representativo dos estudantes do curso jurídico nada mais faz do que interpretar o sentir da mocidade paranaense ante a lacônica notícia que há dias transmitiu-nos o telégrafo, anunciando o passamento do filósofo que viu no fastígio da civilização hodierna a decadência da cultura ocidental.

Com razão e sem pluralidade no conceito, afirma-se ser a influência da época a determinante das obras dos filósofos que a compreendem, explicam, ou interpretam, ou ainda, ousadamente, a justificam. Assim observamos a exaltação romântica de meados do século passado inspirando a filosofia nitzscheana, cheia de irreverência e a notável e saneadora reação espiritual de BERGSON, lato senso, verdadeira escola de idealismo. O tempo exigia Nitzsch e Bergson, dois antagonistas que se completam para a explicação do pensamento antes da guerra, cujo começo demarcou o fim de um ilado e cujo término anunciou o limiar de uma nova era.

Após o cataclisma de 1914, na sequência de fatos históricos, uma transição se operou, modificando completamente, ou melhor radicalmente, os desígnios da humanidade, provocando abalos sociais, convulsões de toda ordem, determinando, assim, uma nova estrutura político-social na vida das nações.

O extraordinário dinamismo de nossos dias, os notáveis surtos da tecnocracia fazem o homem moderno não mais compreender a inércia, nem mesmo como mera concepção mecânica para explicar a ideia de movimento, isto porque os dias correm cêleres, cheios de atividade, implicando na sua explicação

implicitamente a velocidade imposta pela máquina.

E é por isso que na mocidade de hoje, que vive a inquietude da hora presente, palpitando intensamente por ideais de renovação, as palavras do imortal Spengler fizeram eco de grande ressonância e tiveram carinhosa acolhida.

Spengler viveu, sentiu e compreendeu a nossa época, voltou-se ao pragmatismo de William James e aos homens da nova geração, aos quais se achava identificado por laços de ideais, aconselhou «se dedicarem à técnica ao invés de ao lirismo, à marinha ao invés de à pintura, à política ao invés de à lógica». E dedicando sua obra à juventude pertencente à mocidade, que agora, depois de sua morte e quando seu nome alcançou as glórias da posteridade, presta-lhe os mais significativos testemunhos de admiração.

A mocidade paranaense alia-se, também às manifestações de pesar pela morte do inolvidável pensador alemão e o Centro Acadêmico de Direito através das palavras do bacharelado Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, um dos mais ilustres representantes do Paraná moço, prestará o preito de sua homenagem, rendendo, assim, um culto de apreço ao talento, à cultura e ao gênio de OSWALD SPENGLER.

### Discurso do acadêmico M. de Oliveira Franco Sobrinho : SPENGLER E O MOMENTO UNIVERSAL

Oswaldo Spengler foi em vida um verdadeiro espírito crítico e o criador da filosofia histórica pura. Com Henri Bergson e Hermand Keyserling, com Bergson no vertice da pirâmide, Oswald Spengler, melhor do que ninguém, sistematizou uma originalíssima teoria sobre «culturas» em função de ciclos históricos autônomos. Esses três românticos da reação espiritualista do nosso

## ❁ SPENGLER E O MOMENTO UNIVERSAL ❁

*Invicta – junho de 1936*

 Oswald Spengler foi em vida um verdadeiro espírito crítico e o criador da filosofia histórica pura. Com Henri Bergson e Hermand Keyserling, com Bergson no vértice da pirâmide, Oswald Spengler, melhor do que ninguém, sistematizou uma originalíssima teoria sobre “culturas” em função de ciclos históricos autônomos. Esses três românticos da reação espiritualista do nosso tempo são marcos decisivos de transição no domínio do pensamento universal. Bergson sintetiza o primado do espírito. Keyserling dá fisionomia ao novo mundo que surge dos escombros da guerra de 1914. Spengler procura, apoiado em Bergson, não mostrar a preponderância dos valores espirituais eternos por sobre as instituições sociais, mas, ao contrário, dominado de profundo misticismo, em contato com a Alemanha descrente e esfacelada, procura explicar o sentido de nossa civilização e o destino de nossa cultura pelos fatos oferecidos pela história. Ele buscou na vida a explicação do universo sensível. Foi artista e filósofo; filósofo quando se isolou para ver de longe o drama secreto do homem moderno, e artista quando com sutileza mental traduziu a ânsia e o descontentamento das massas humilhadas e o fracasso político da velha Alemanha imperialista. Viveu e observou. Deu ação ao pensamento e fez do pensamento a força em ação.

Cultura e civilização não são termos opostos para o pensador morto. A mecanização e a tecnização deram à civilização forças quase invisíveis com que ela superou a cultura e excedeu-se a si mesma. Esse é um fenômeno característico dos tempos presentes. Jaques Maritain apoia Bergson nesse ponto. É preciso uma mística que dê equilíbrio a essas forças em choque. E daí a reação romântica que se eleva das baixas camadas da sociedade contemporânea, ameaçando subverter a ordem social atual e mudar o ritmo da vida e o roteiro da história do homem. “A máquina exige uma mística”. O equilíbrio está na harmonia entre o espírito inumano da máquina e o espírito humano de Deus. É preciso, mais uma vez, que a “coisa” divina, superpondo-se à paganização crescente e intensiva das coletividades, faça penetrar a idéia de Deus no aproveitamento das energias que a máquina nos traz e a aniquile, em favor da cultura, tal como a máquina aniquilou o homem. Ou há justa interpenetração entre evolução material e vida espiritual, ou os princípios tradicionais básicos que garantem a nossa existência provocam o esgotamento das massas humanas. Vivemos – pois não é outro o panorama do mundo – neste estado de dissociação integral que, positivando o rompimento entre “verdades” eternas e transitórias, marca o fim de uma cultura que se deixou dominar pelos vícios de uma civilização decadente.

A revolução social dos tempos modernos está no seu mais formidável apogeu. Os fenômenos políticos, ao lado de complexos fenômenos morais e espirituais, acabam por esgotar as energias do homem. Não houve civilização maior do que a nossa. No entanto, como todas as civilizações, essa que vivemos criou dentro de si mesma hordas selvagens que tudo avassalam e que tudo dominam. Oswald Spengler viveu em meio a esse descontrole. Aproximou-se cedo da história e não a negou tal como a fantasia de Paul Valery ao condená-la como a responsável por todos os males que ocorrem à sociedade. Poderia Spengler ter tirado na matemática física de Einstein, no filosofismo matemático de Bertrand Russel, no biologismo de Driesch, na retórica de Gasset, no geografismo de Ratzel, nas lamentações de Tagore, no otimismo do conde Keyserling, no antropologismo ou no economismo,

poderia Spengler tornar-se intelectualista ou anti-intelectualista à maneira de Bergson, fenomenologista à maneira de Husserl, voltar-se para os movimentos de superfície, para a vida exterior tal como Muller ou Rathenau, ser essencialmente atualista como Hermann Shell, metafísico protestante como Eucken e Max Scheler, mas preferiu ficar na história e desvendar na história a realização de uma nova cultura. Spengler é o prolongamento do espírito de Goethe e Nietzsche. Spengler é a aplicação política da filosofia totalitária de Bergson, Spengler é o autêntico intérprete em nossos dias do homem forte, do homem que se ultrapassou a si mesmo. “Vivemos uma época de fatalidade, época da história a mais grandiosa, não só da cultura fáustica da Europa ocidental com seu tremendo dinamismo, senão de toda a história universal. Mais grandiosa e mais terrível que as épocas de César e Napoleão”.

O enorme material histórico que trouxe Spengler para as nossas meditações não pode fazer abandonado sem um estudo acurado das novas verdades e das verdades até aqui irrelatadas. Em todos os quadrantes onde o homem se agita há uma visível luta contra as formas e os princípios de uma cultura que tenta, já sem forças, afirmar um mundo e por sua vez também se afirmar. “Toda cultura possui como todo ser vivo sua juventude, sua madureza e sua caducidade”. Vivemos o fim de uma cultura, portanto, segundo o pensamento Spengleriano, o fim de uma civilização. A cultura como fenômeno interior de vida não satisfaz plenamente a vontade de expansão do espírito moderno. A civilização como fenômeno exterior da vida, alcançada a plenitude da energia de uma cultura, desfaz-se enfraquecida ante os abalos furibundos das forças que surgem, revelando uma nova cultura e princípios outros de ordem, organização, estruturação íntima do organismo em face do meio. Desagrega-se toda a velha ordem, toda a unidade política do renascimento. A antiga cultura surge incapaz de manter uma civilização. “E em meio a tudo isso, e em meio a um mundo decadente que se dissolve lentamente, é nosso dever permanecer sem esperança de salvação no posto já perdido, tal qual aquele soldado romano

cujo esqueleto foi encontrado diante de uma porta de Pompéia após a explosão do Vesúvio”. Spengler nos aconselha a não reagir. Reagir, porém, é mudar de orientação, é mudar o sentido das coisas e a fisionomia da vida.

Nesse ponto, afastemo-nos do pensador alemão. A reação está no sangue que nos impele para a grande luta, que eleva o nosso espírito para as formidáveis conquistas, que alteia a nossa alma, expressão sublime de nossa espiritualidade, para a luta com a verdade e contra a verdade.

Esse é o ponto central do pensamento spengleriano. O nosso fim não permite maior divulgação dos aspetos da obra do filósofo da decadência. Como mestre, Spengler satisfaz a mocidade, satisfaz as necessidades intelectuais da juventude, porque Spengler dá explicação aos fenômenos concretizadores da formidável desordenação social em que vivemos. Ele nos ensina a contemplar o mundo e a crer na energia soberba do homem que se excede a si mesmo. Só por isso a nossa homenagem àquele que, em nossos dias, deu formas à filosofia da história é bastante expressiva. Cremos na obra de Spengler porque ela nos traz a vontade de luta e abre novos horizontes ao espírito jovem, cremos na obra de Spengler porque, para nós, geração sacrificada, ele deu esperanças procurando transformar a “vida em luz”.

# REVISTA NACIONAL

MENSARIO DE INTERCAMBIO LITERARIO E CULTURAL NO BRASIL

Diretor:  
**Afonso Costa**

## SUMARIO

Encontram-se neste fasciculo trabalhos de Anselmo Pires de Albuquerque (Baía), Antonio Lamego (E. do Rio), Bruno de Martino (E. do Rio), Carlos Xavier (Espírito Santo), Clovis Ramalhete (Espírito Santo), Eugenio Gomes (Baía), F. de Assis Barbosa (Rio), Iná Pacheco Secundino (Paraná), João C. de Freitas (Rio G. do Sul), Mario Linhares (Rio), Pedro Batista (Paraíba), Rafael Barbosa (Rio), Rodrigues de Carvalho (Pernambuco), Serafim França (Paraná), e as secções Bibliografia, Movimento literario nos Estados, Comentários, Pesquisas & Documentos, De 20 a 20 de cada mês.

RIO  
DE  
JANEIRO

FASCICULO 1  
TOMO 3  
N. 9

Junho de 1934

13, RUA  
CORREIA  
DUTRA

*Questão Social*  
Curi-ty, 7 de Junho de 1934



## A VERDADEIRA QUESTÃO SOCIAL

De Oliveira Franco Sobrinho

Paulo Valery, em admiravel pensamento, sentenciou: uma revolução faz em dois dias a obra de cem anos e perde em dois anos a obra de cinco séculos.

Uma simples e superficial visão do mundo moderno nos faz antever o nosso incerto futuro, o caos em que estamos atolados, a miséria que nos domina, o desequilíbrio patenteado em fórmulas falidas.

Cada fisionomia individual é a concretização, a assimilação surda do eu social, na absorção do eu isolado: o homem.

Nossa civilização distingue-se das demais por um simples característico: o domínio das massas a tudo avassalando. Imprimindo na sua fisionomia a virulência, o feitiço moral, social, a dutibilidade, a maleabilidade, a fulgorante totalidade de forças, a voracidade de domínio, de poderio, de que é somente capaz o homem massa, tão falado e comentado por Ortega y Gasset.

Chegamos á época das multidões furibundas, indecisas, onde cada principio resume uma necessidade, onde os super homens de Emerson e Nietzsche são fragmentos do conteúdo social, produto de variadas mentalidades, filhas retardatarias de Marx, Comte, Lenine, Rousseau, Saint Simon, Aquino, s. Agostinho e s. Tomás.

"A civilização europeia produziu automaticamente a rebelião das massas. O imperio que, sob a vida publica, exerce hoje a vulgaridade intelectual, é talvez o fator da presente situação. Pelo menos na historia da Europa, até esta data, nunca o vulgo tinha crido ter idéas sobre coisas. Possuía crenças, tradições, experiencias, hábitos mentais, porém não imaginava possuir opiniões teóricas sobre o que as coisas são ou devem ser (Gasset)". E' o mesmo que afirma Spengler, quando mostra existir um

## ❁ A VERDADEIRA QUESTÃO SOCIAL ❁

*Revista Nacional – junho de 1934.*

Paul Valéry, em admirável pensamento, sentenciou: uma revolução faz em dois dias a obra de cem anos e perde em dois anos a obra de cinco séculos.

Uma simples e superficial visão do mundo moderno nos faz antever o nosso incerto futuro, o caos em que estamos atolados, a miséria que nos domina, o desequilíbrio patenteado em formas falidas.

Cada fisionomia individual é a concretização, a assimilação surda do eu social, na absorção do eu isolado: o homem.

Nossa civilização distingue-se das demais por um simples característico: o domínio das massas a tudo avassalando, imprimindo na sua fisionomia a virulência, o feitio moral, social, a ductilidade, a maleabilidade, a fulgurante totalidade de forças, a voracidade de domínio, de poderio, de que é somente capaz o homem massa, tão falado e comentado por Ortega y Gasset.

Chegamos à época das multidões furibundas, indecisas, onde cada princípio resume uma necessidade, onde os super-homens de Emerson e Nietzsche são fragmentos do conteúdo social, produto de variadas mentalidades, filhas

retardatárias de Marx, Comte, Lenine, Rousseau, Saint Simon, Aquino, S. Agostinho e S. Tomás.

“A civilização européia produziu automaticamente a rebelião das massas. O império que, sob a vida pública, exerce hoje a vulgaridade intelectual é talvez o fator da presente situação. Pelo menos na história da Europa, até esta data, nunca o vulgo tinha crido ter idéias sobre coisas. Possuía crenças, tradições, experiências, hábitos mentais, porém não imaginava possuir opiniões teóricas sobre o que as coisas são ou devem ser (Gasset)”. É o mesmo que afirma Spengler, quando mostra existir um domínio misterioso, dando formas e características a um novo Direito e a uma nova ética.

\*\*\*

É a realidade. Malraux, em sua última obra *La condition humaine*, traça de maneira admirável o perfil do mundo moderno.

Livio Xavier, criticando o romancista francês, diz que em *La condition humaine* os personagens se integram e se fundem na revolução, agitam formas humanas como que tangidas pelas forças profundas da transformação social e sentem que em si próprias se insere a consciência da necessidade. E mais adiante: “As forças da revolução, uma vez desencadeadas, se abatem tão implacavelmente, esmagam e trituram tão inumanamente aquelas vidas individuais como as imagens do destino na tragédia grega, imprimindo na consciência do revolucionário uma lucidez alucinante”.

Greves. Morticínios. Assassínios. Depredações. Violações. Triste condição humana!

É a prova de que a revolução francesa foi um movimento ideal de reação social. Fez-nos mergulhar na anarquia de que fala Paul Valéry nas primeiras linhas deste ensaio. Destruiu a obra de cinco séculos, para que pudesse vencer e avançar uma centena ínfima de anos.

\*\*\*

Tornar consciente o choque das mentalidades de classe é o problema debatido na atualidade mundial. O liberalismo, usufruindo das verdades democráticas, acarretou violentamente a decadência do regime dominante no século passado, na instalação dominadora da atual crise política e vitória sempre crescente dos governos ditatoriais. Da metafísica de palavras passamos à metafísica de fatos. Do subjetivo ao objetivismo. Do idealismo utópico e da retórica vazia à fase angustiante em que a clareza é tudo e o idealismo é covardia. Somente a realidade, longe das sonhadoras fantasias, é a cúpula ambicionada.

Daí a quase univocidade da marcha da humanidade. A consciência individual alastra-se dessa forma ganhando universalidade.

\*\*\*

O Estado dos últimos séculos, dando ao indivíduo a mais ampla e irrestrita liberdade de se governar e ser parcela do governo coletivo, precipitou os acontecimentos.

A liberdade, acerrimamente discutida, nada mais é do que uma forma poética e romanceada de negação da realidade. “Deus não pôs escravos no mundo. Os homens é que forjaram nas fráguas de sua maldade as instituições de cativo” (Sampaio Dória). Alardeiam incessantemente, amedrontadoramente, os fanáticos defensores da liberal democracia.

A palavra liberdade foi o fogo atado à flama ignorante do povo de outras épocas, iludido com um futuro de poder e força em que cada um dispusesse de sua pessoa e individualidade, rompendo os elos com a coletividade.

“O século 18 viveu sob duas idéias políticas: acreditou que tudo estaria salvo se se afirmasse o princípio de que todo poder emana do povo e se se criasse um parlamento eleito diretamente pelo povo; acreditou também que, proclamando-se a república, forma necessária da democracia, se estabeleceria a liberdade sob bases indestrutíveis. A história contemporânea mostra evidentemente estes dois erros e que se há um governo arbitrário contra o qual

é mister tomar sérias providências é o governo popular, porque esse é o que tem maior tendência para crer-se onipotente. Ergueram-se os parlamentos contra a opressão dos reis, agora é necessário afirmar o direito intangível do indivíduo contra o despotismo dos parlamentos” (Leão Duguit) .

A palavra democracia, diz Bryce, é o produto da igualdade e liberdade, e este duplo caráter tão nobre tornou-se de certa forma inatingível, acima de quaisquer discussões. Cristalizou-se na ficção dogmática de um mito. De todos os princípios estatais, é o mais desequilibrado, antitécnico, anticientífico, pois se fundamenta em falsas bases: a soberania do povo.

Os anti-reformistas, conservadores e antievolucionistas, afirma Vilfredo Pareto, reconhecem que a democracia tende a tornar-se o regime de todos os povos civilizados. Qual, porém, a significação exata do termo democracia? É ainda mais indeterminado que o termo completamente indeterminado, religião.

Em resumo, a noção de democracia, tomada em si mesma, é uma noção formal e abstrata. Significa o governo do povo pelo povo.

“Esta expressão terá um sentido sério se não tomada na sua acepção moral” (E. Boutroux).

\*\*\*

Assim, o universo inteiro irá marchando em velozes passadas para a socialização e ao mesmo tempo imprimindo uma nova fase na história da civilização.

Rússia, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos. Na Rússia, o soviétismo. Na Itália, o fascio. Na Alemanha, o hitlerismo. Na Inglaterra, a socialização do trabalho e das indústrias. Na Espanha, uma constituição socializada. Nos Estados Unidos, a “National Recovery Administration “ .

\*\*\*

Essa instabilidade universal é produto do falseamento do ideal democrático. Como pode a democracia fundamentar-se na soberania do povo? Impossível. Vemos a inaptidão das massas no seu próprio governo. É inconsciente, irrefreável. Um governo, para ser forte e manter o equilíbrio necessário à estabilidade do Estado, terá que governar com a massa, reunir as forças dispersivas e orientá-las.

A liberdade deve ser relativa à época. O sentimento de liberdade não pode e não deve ser utilitarista. Só podemos compreender a liberdade social. O homem pensa com a coletividade, porque está sujeito à prepotência e à superioridade, mesmo às extravagâncias da massa.

O povo não precisa de quem o domine: precisa de quem o oriente, de quem lhe trace as diretrizes.

\*\*\*

Eis aí a verdadeira questão social. A democracia faliu e com ela o liberalismo. Esperemos e veremos dentro em breve a verdadeira trajetória do mundo. Serão levadas na voragem as incautas formas inadapáveis à hodiernidade. É angustiada, asfixiante a situação do mundo. Itália, América do Norte, Alemanha, Rússia, Inglaterra, já traçaram as suas diretrizes. Toparão com a realidade? Esperemos.



## INTRODUÇÃO AO ESTADO MODERNO

O homem, nos ensina Bagehot, tornou-se aos olhos da ciência uma antiguidade, porque, como nos afirma Tiberghien, nasceu para a sociedade.

É o organicismo social contra o individualismo dissolvente e aniquilador. A luta contra o indivíduo que se estabelece, desde os primórdios da vida humana, contrária ao individualismo e a favor de um sistema de cooperação, visando unicamente o futuro social.

Da sociedade, do grupalismo propulsor nasceu o Estado. É o que nos explica J. J. Rousseau, no **Contrato Social**, mostrando de maneira clara e precisa que os homens viviam nos primeiros tempos sem laços que os unissem, estranhos à menor noção de família, em lutas constantes uns com os outros, alimentando-se de frutos das árvores com que a pródiga natureza os dotou. Nesta vida paradisíaca, a atividade humana circunscrevia-se em limitada esfera. Logo, porém, com as primeiras necessidades, as primeiras luzes de razão, os primeiros sentimentos de solidariedade, apareceram no cérebro do homem daqueles tempos. Apareceu a família, com a família o Estado, tornando-se estabilidade, disciplina, coordenação de forças e acordo em função da sociedade. Estava o Estado fundamentado em fatos concretos da época. "Era a sociedade constituindo o elemento material do Estado, na convivência dos homens, dominada na ordem social pelo elemento atomístico e por um poder coercitivo que assegurava a existência mediante regras de Direito. Assim surge o Estado. Direito e Estado são termos que reciprocamente se integram, sendo o Estado um povo or-

## INTRODUÇÃO AO ESTADO MODERNO

*Revista Nacional - março de 1934.*

O homem, nos ensina Bagehot, tornou-se aos olhos da ciência uma antiguidade, porque, como nos afirma Tiberghien, nasceu para a sociedade.

É o organicismo social contra o individualismo dissolvente e aniquilador. A luta contra o indivíduo que se estabelece, desde os primórdios da vida humana, contrária ao individualismo e a favor de um sistema de cooperação, visando unicamente ao futuro social.

Da sociedade, do grupalismo propulsor nasceu o Estado. É o que nos explica J. J. Rousseau, no **Contrato Social**, mostrando de maneira clara e precisa que os homens viviam nos primeiros tempos sem laços que os unissem, estranhos à menor noção de família, em lutas constantes uns com os outros, alimentando-se de frutos das árvores com que a pródiga natureza os dotou. Nesta vida paradisíaca, a atividade humana circunscrevia-se em limitada esfera. Logo, porém, com as primeiras necessidades, as primeiras luzes de razão, os primeiros sentimentos de solidariedade apareceram no cérebro do homem daqueles tempos. Apareceu a família, com a família o Estado, tornando-se estabilidade, disciplina, coordenação de forças e acordo em função da sociedade. Estava o Estado fundamentado em fatos concretos da época. "Era a sociedade constituindo o elemento material do

Estado, na convivência dos homens, dominada na ordem social pelo elemento atomístico e por um poder coercitivo que assegurava a existência mediante regras de Direito. Assim surge o Estado. Direito e Estado são termos que reciprocamente se integram, sendo o Estado um povo organizado, para o prosseguimento dos seus interesses, sob um poder soberano (Otto Mayer)”.

Definir o que seja Estado é tarefa demais árdua para mim. Recorramos, portanto, à capacidade autorizada de Alcides Cruz, de Viveiros de Castro, de Bonfils, de Korkounov.

O primeiro diz que o Estado é uma associação humana, que em dado território existe, sob um poder político em forma de autoridade a se exercer coercitivamente; o segundo afirma que o Estado é o povo considerado como unidade jurídica de homens em determinada sede, para o bem comum e sob a mesma lei, ou um povo organizado legalmente nos limites de um território determinado; o terceiro acha que o Estado é uma reunião permanente e independente de homens, proprietários de certos territórios, associados sob uma autoridade comum, organizados com o fim de garantir a todos e a cada um o exercício de suas liberdades e o gozo dos seus direitos; Korkounov, publicista e sociólogo da velha Rússia, define o Estado como um agrupamento social dotado de um poder independente, que se exerce coercitivamente sobre homens livres.

Vemos nas definições dos juristas citados um duplo elemento: coletividade e poder, que caracterizam o Estado, porque o Estado não é, como pensavam os antigos, um organismo vivo nem uma entidade fictícia, e sim um organismo social.

“Órgão de direção e comando das forças sociais, resultante da ação e da intensidade dessas mesmas forças, o Estado é uma organização que se transforma e se adapta, ampliando ou restringindo as suas funções de acordo com as solicitações das novas tendências e dos novos fatores que modificam e agitam incessantemente a vida coletiva (Agamenon Magalhães)”. Do Estado depende

o futuro dos povos, e da sua organização, o equilíbrio necessário que deve existir entre as classes sociais para o completo acordo e coesão na coletividade. Como diz Ribot: O Estado é a sociedade, como resultado de observações e pesquisas científicas das realidades. Sempre existiu desde que o homem é homem e a sociabilidade uma verdade. O Estado supõe a sociedade, nela está enraizado e dela depende. “A noção de sociedade não é jurídica. Só a sociologia a pode dar. A de Estado é jurídica. Entre Estado e sociedade, a relação é de parte, de conteúdo para continente. A sociedade envolve e move os homens; os homens se movem, se bem que envolvidos pelo Estado. A sociedade vive, o Estado é mais finalista. Ainda que os seus fins mudem, ou tenha, ao mesmo tempo, fins diversos, o Estado é comunidade teleológica, que promove a satisfação dos interesses coletivos, totais ou parciais, sendo um dos métodos da vida e da evolução social. Como tal, ele possui, dentro da sociedade, os seus processos específicos de expansão e integração (Pontes de Miranda)”. Como organismo da sociedade, o Estado adapta-se às condições do meio-ambiente, no sentido de expansão e integração. Dessa adaptação nasce o princípio da evolução do Estado: É o *L'État c'est moi* de Luís 14; o *laissez faire, laissez passer*, de Vicente de Gournay; as diversas concepções, aparecidas com as grandes hecatombes, niveladoras do equilíbrio, prestes a romper-se por falta de acordo social; o surto de Marx em choque com a religião em procura de realidade; de s. Tomás de Aquino pela religião ganhando estabilidade; do comunismo; do fascismo; do socialismo de Estado. Hipertrofia do conservadorismo de formas e regimes. Vitória do Estado como fim, suplantando o Estado meio. Poder em luta (Jellinck). Luta pela unidade de ação e autoridade, na integração e equilíbrio social, em defesa da força do poder, defendendo a autoridade soberana dos conflitos degeneradores da sua capacidade, na modificação dos elementos da sua estrutura, para que se possa transformar e se adaptar a novas condições ou exigências de ordem coletiva (Agamenon Magalhães). O Estado, pois, como fato social ou fenômeno histórico, está sujeito a constante transformação

(Jellineck). É o Estado moderno. O Estado que, esboçando-se nos fatos de hoje, não é abstinente-liberal, nem impositivo-absolutista, mas o Estado integral, que sinfoniza todas as vozes sociais, coordena todas as forças, sem as absorver, e as incentiva sem permitir hipertrofias (Pontes de Miranda), compreendendo a queda do regime dos grandes capitais, em que o aproveitamento do lavrador difere “do aproveitamento do proprietário industrial apenas na forma”; em que o aproveitador é sempre o capital, e cada capitalista explora cada lavrador com a hipoteca e com a usura, pelo imposto cobrado pelo Estado (Marx). É a fortaleza social assediada por exércitos diferentes, que visam à necessidade de uma reforma, de um entendimento com os inimigos. Falanges vitoriosas escalando o reduto dos antigos princípios contra o desacordo marasmante (Jean Richard Bloch). É a socialização tão debatida por Marx. Socialização da produção conduzindo por todos os meios a propriedade ao poder da sociedade. É a questão social invadindo o mundo. É a impotência dos homens e dos regimes para atestar-se com a complexidade das questões. Vivendo o mundo num ritmo de catástrofe, cada dia um abismo se nos abrindo diante dos pés. O cataclismo é a normalidade. Homens e regimes rolam na voragem. O caos torna-se quotidiano (Gilberto Amado). E há ainda quem diga que a questão social no Brasil é “caso de polícia”. Então não possuímos um Estado? Povo? Religião? Necessidades? Estado sujeito às trepidações sociais? Ou somos um Estado utópico, imaginário, onde o ideal da perfeitabilidade chegou ao extremo, marchando a nossa civilização em pólo oposto às demais? Ou somos uma terra selvática, de povo botocudo, onde a perfeição está nos andrajos do seminudismo e as leis nas bolorentas formas do “olho por olho, dente por dente” do Talião? Que digam que não temos homens de espírito superior, aptos para as grandes reformas, que compreendam os grandes problemas e que possuam a confiança ilimitada do nosso povo. Que não temos um Lenine, um Hitler, um Mussolini. Mas não que a questão social no Brasil “é caso de polícia”. Como já disse, o que não temos é governo. Esse órgão essencial e garantidor do progresso e da estabilidade, que concretize as

características fundamentais do povo que governa. Durante quarenta anos, fomos donos de uma constituição inexistente para os poderes. Durante todo esse tempo, a nossa democracia de república presidencialista não conseguiu enraizar-se em nosso meio. Era a nossa questão social, todo esse meio século, o modo de como se havia de entronizar aquele regime no Brasil. A nossa constituição, como já disse alguém, era de aspectos e não de realidades. O idealismo são e patriótico com que foi feita a nossa constituição falhou completamente. A constituição brasileira, diz Mário Pinto Serva, é muito boa, mas tem tido tanta aplicação à vida do país quanto a filosofia de Kant ou o idealismo de Platão. República de oligarcas morais, intelectuais e materiais, foi o que nos deu a antiga constituição, em que os governos se deixavam arrastar pelas cômodas negociatas e pelas circunstâncias políticas do momento, onde a responsabilidade social e a opinião popular eram amordaçadas pelo legislativo, amordaçado pelo executivo, no cumprimento de vontades absurdas de ditadores constitucionais, eleitos pela vontade livre do povo e escolhidos pelos próceres da política dominante. O Estado, diz Pontes de Miranda, é uma técnica social, e as constituições, técnica jurídica do Estado. A nossa constituição copiada ou baseada na dos Estados Unidos, nação e Estado, sob todos os pontos de vista, mais adiantado que o Brasil, não podia ser aplicada ao nosso povo, a não ser por meio do mais extremo liberalismo ou por meio da força. É ainda Pontes de Miranda que nos ensina: todos os direitos constitucionais dependem dos tempos. São fatos profundamente relativos, como relativas as próprias relações a que se aplicam. Por isso, quando se faz uma constituição, é sempre preciso conhecê-la desde logo o tempo, o módulo geral, a altura em que respira, para podermos saber quais os direitos antigos que se deve consignar, quais os direitos que se asfixiaram e quais os novos direitos que urge sejam revelados. Toda constituição, como vemos, deve ser da época, sem desprezar a lição do passado, ou, como quer Tristão de Ataíde, reintegrando as leis do Estado na realidade da nação. O Estado deve nascer naturalmente e não ser construído artificialmente. O Estado

deve exprimir a realidade social local, e não amoldá-la arbitrariamente às ideologias efêmeras e alienígenas. É preciso, portanto, que as leis fundamentais do Estado brasileiro correspondam organicamente a toda a nacionalidade e não sejam apenas a expressão de oligarquias políticas ou agrupamentos sectários, sem expressão profunda e duradoura (Tristão). A nossa realidade é uma só. As verdades da raça, caracteres étnicos, o solo, as tradições. Seria ilusão querer implantar a Internacional no Brasil, colocar Carlos Marx no pedestal da república, substituir o lema positivista da nossa bandeira por um lema marxista. Não! Nada disso serve ao Brasil. Nem Marx nem Comte. Nem Lenine nem Mussolini. Nem Roma nem Moscou. Nem Hitler nem realidades de outras terras. Nem formas regeneradoras e reformadoras de outros povos. E sim uma realidade social-nacionalista-brasileira em função das autênticas realidades de nossa terra, num Estado social que plasme a nossa realidade em formas puramente nacionais, livre de estrangeirismos, num governo que compreenda o Brasil, onde o pensamento e a técnica dirijam o Estado ditando a reforma renovadora. O nosso problema, já o dizia Alberto Torres, é o problema nacional.

\* \* \*

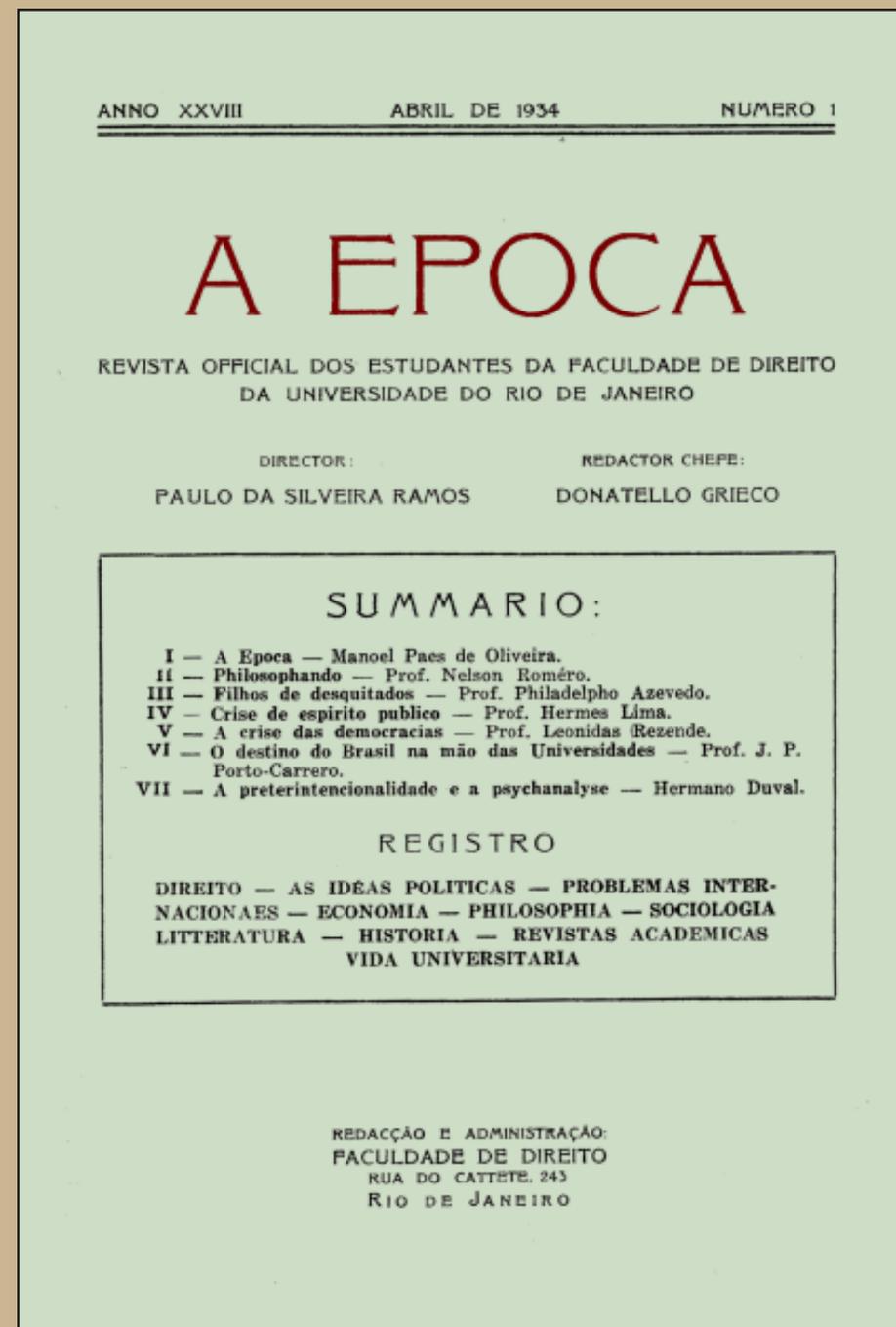
A crise dominadora da atual situação mundial faz antever, pela voz dos nossos pensadores, a situação do orbe terrestre, o terrível dilema para os Estados do século 20. Socialismo ou Comunismo (Pontes de Miranda); Reformar ou perecer (Tristão de Ataíde).

Socialismo ou Comunismo é o grito de morte do passado na vitória das novas formas dominadoras do equilíbrio social. São os caminhos a seguir pela sociedade moderna. É o nascimento de outro direito adaptado a novas necessidades, derrubando para sempre o grito alarmante de Glumpovicz: o Direito é a norma da desigualdade humana. É a nova justiça social com o reformar ou perecer. É o social substituindo o individual, o grupo ao cidadão (Adolfo Posada). Evolução do Estado no Socio-grupalismo, fundamentado nas

realidades do século, contra o atrofiamento por leis incompatíveis com a época em que vivemos. Não é possível que continuemos a ser regidos por princípios que só podem atrair a curiosidade histórico-arqueológica dos estudiosos do passado. A atualidade é Spengler, Keyserling, Ortega y Gasset. Spengler, com a sua **Decadência do Ocidente**, dando ao mundo os rumos do oriente. Uma nova realidade fundamentada na técnica de uma nova era puramente mecânica. Achando que o homem fez a máquina e que a máquina o está destruindo. “O Delírio e a queda do homem são maiores do que tudo quanto Ésquilo e Shakespeare jamais pensaram. A criação se subleva contra o criador. A máquina nos indica, constringindo, o caminho de sua trajetória. Em inúmeras formas, desde o atentado até o suicídio, passando pelas greves, inicia-se a sublevação das mãos contra o seu destino, contra a máquina, contra a vida organizada, afinal, contra tudo e contra todos, porque a massa não é mais do que a negação. A massa nega o conceito da organização. A massa não é algo que por si mesmo seja capaz de vida. E mais adiante: a máquina a vapor a tudo revoluciona, transformando dos pés à cabeça o quadro econômico do mundo. Até então, a natureza havia realizado alguns serviços; agora, escravizada, se submete ao jugo, e o seu trabalho é medido por cavalos de força. A ditadura do dinheiro progride e se acerca do ponto máximo. Só um poder consegue derrubar outro poder. Não há poder que possa opor-se ao dinheiro, senão o do sangue. Só o sangue superará e anulará o dinheiro. É a realidade spengleriana; Keyserling; a renovação da cultura e do organismo individual. Afirmando que só pode dirigir a sua época e a posteridade aquele que representa algo tão imediato a ela; Ortega y Gasset na substituição dos homens, das gerações, pela vitória da cultura moderna, diagnosticando uma nova vida que não tenha orientação básica no passado e sim no estudo das verdadeiras realidades. Gasset é o modernismo filosófico social, o primitivismo e a técnica, o mundo e a vida. Gasset assinala que o fato de mais relevância da atualidade européia é o poderio das massas na vida social, invadindo tudo e tudo dominando. Nesses três nomes está concretizada a

filosofia social hodierna. São os maiores e mais audazes pensadores do momento, estudiosos das necessidades do Estado moderno na hecatombe que começa a precipitar a civilização, sem forças e sem equilíbrio garantidor de sua estabilidade, na revolução a raiar nos mais escuros horizontes da coletividade.

Urge reformar. Transformar o mecanismo político-social. “Sempre que as formas envelhecem e que a ordem, seja religiosa, moral, jurídica ou econômica, se evidencia retrógrada, emperrada, ineficiente, impõe-se uma nova estrutura social (Pontes)”. Essa estrutura é a salvação da sociedade pela borrasca destruidora e libertadora. Urge a codificação de um novo direito, plasmador de novas formas, ratificadoras do equilíbrio dominador das forças: conservadoras, renovadoras e revolucionárias, para que as freqüentes crises a que está sujeita a humanidade não transforme em bacanal de sangue o conflito das ideologias partidárias na luta pelo poder e pela conquista da supremacia, na trajetória da evolução. Equilíbrio entre o passado e o presente, estabelecendo os elos com o futuro. Equilíbrio entre a elite e as massas, abarcando a vida social em toda a sua extensão, plasmando lentamente as aspirações sociais em realidades e os direitos sócio-individuais, autenticados em garantias emanadas do poder, no estabelecimento de leis novas, locais-sociais, que traduzam não somente as necessidades do Estado, mas também os anseios sanguinolentos das massas, em toda sua plenitude, fator poderoso da estabilidade e da garantia individual-social. Que o indivíduo seja uma conseqüência lógica da sociedade em que vive, e que o individualismo seja social e não exclusivista. Só assim poderá o Estado angariar o equilíbrio, tão escasso, quase inexistente nos tempos hodiernos. Faz-se premente um novo direito: o direito moderno.



Como se Leibnitz, como se Newton, creadores ambos do calculo differencial, ignorassem as quatro operações fundamentaes sobre os numeros inteiros...".

#### BIBLIOGRAPHIA

Raul de Siqueira Xavier — **ASPECTOS SOCIAES DA QUESTÃO DO TRABALHO** — Seja-nos permittido estudar serenamente a marcha da evolução humana, debaixo do prisma — trabalho. As revoluções, insurreições, os grandes cerebros, são os processos modificadores ou reformadores da trajetoria do universo. Desde que o mundo é conscio de sua existencia e os povos de sua finalidade social vivemos épocas de apreensões e incertezas, de verdadeiros cataclismos, entre-choques violentos da humanidade.

Nos grandes abalos a que está sujeita a sociedade, não impera — como quer Nitti — uma mediocridade difusa, não resurgem os prejuizos do passado, nem todas as descompassadas paixões que tanto contribuem para o desagregamento das sociedades que nos precederam, como também não actuam as forças de negação. Apenas ressurge, em todo o seu magnifico esplendor, uma nova mentalidade, uma nova geração não producto da revolução, mas de sagacidade, cultura e adaptação.

O contrario seria retroceder a marcha evolutiva da humanidade. E' o que nos mostra Berdiaeff: "A experiencia da historia e a nossa propria experiencia moral nos ensinam que as revoluções não podem ser disciplinadas senão por forças post-revolucionarias, por elementos distinctos dos que dominavam antes da revolução e dos que dominam durante a revolução". No mundo moderno já tivemos exemplos. É a verdade antevista pelos sociologos, que a dissertam e a commentam. E' o que também nos affirma Ortega y Gasset, na sua "Rebelião das Massas": "A revolução devora os seus proprios filhos". E todos esses movimentos, formas violentas de opinião, ou não, são producto vario da concepção do trabalho, porque a base do Direito dos povos está, nas forças productoras, na actividade economica dos individuos (Carlós Marx), são palavras eloquentes que avivam um novo estudo: "Aspectos Sociaes da questão do Trabalho".

## ☉ RAUL DE SIQUEIRA XAVIER ☉ ASPECTOS SOCIAIS DA QUESTÃO DO TRABALHO

*A Época - abril de 1934.*

 Seja-nos permitido estudar serenamente a marcha da evolução humana, debaixo do prisma — trabalho. As revoluções, insurreições, os grandes cerebros, são os processos modificadores ou reformadores da trajetória do universo. Desde que o mundo é cōnscio de sua existência e os povos de sua finalidade social, vivemos épocas de apreensões e incertezas, de verdadeiros cataclismos, entrechoques violentos da humanidade.

Nos grandes abalos a que está sujeita a sociedade, não impera — como quer Nitti — uma mediocridade difusa, não ressurgem os prejuizos do passado, nem todas as descompassadas paixões que tanto contribuem para o desagregamento das sociedades que nos precederam, como também não atuam as forças de negação. Apenas ressurge, em todo o seu magnífico esplendor, uma nova mentalidade, uma nova geração, não produto da revolução, mas de sagacidade, cultura e adaptação.

O contrario seria retroceder a marcha evolutiva da humanidade. É o que nos mostra Berdiaeff: "A experiência da história e a nossa própria experiência moral nos ensinam que as revoluções não podem ser disciplinadas senão por forças pós-revolucionárias, por elementos distinctos dos que dominam antes da

revolução e dos que dominavam durante a revolução”. No mundo moderno, já tivemos exemplos. É a verdade antevista pelos sociólogos, que a dissertam e a comentam. É o que também nos afirma Ortega Y Gasset, na sua “Rebelião das Massas”: “A revolução devora os seus próprios filhos”. E todos esses movimentos, formas violentas de opinião, ou não, são produto vário da concepção do trabalho, porque a base do Direito dos povos está nas forças produtoras, na atividade econômica dos indivíduos (Carlos Marx), são palavras eloqüentes que avivam um novo estudo: “Aspectos Sociais da questão do Trabalho”.

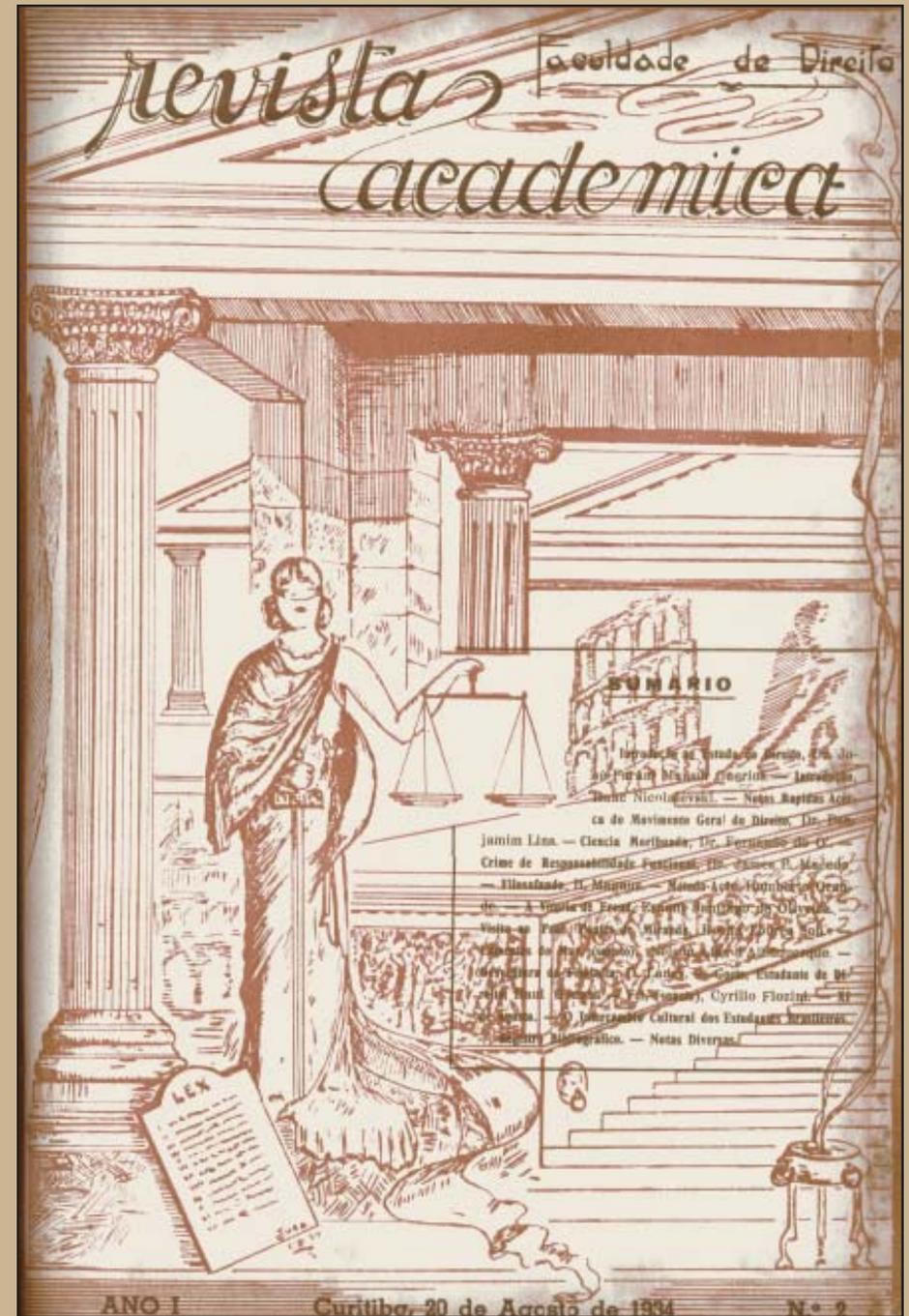
\* \* \*

Livro de grande alcance e utilidade escreveu o sr. Raul de Siqueira Xavier. “Aspectos Sociais da questão do Trabalho” é obra de um doutrinador de pulso, ensaísta de sociologia. Volve aos primórdios da sociedade. Estuda o conceito do trabalho desde Xenofonte até Aristóteles, passando por Hesíodo e Cícero. A noção judaica. Jeová condenando o homem desobediente e dando-lhe por castigo o trabalho. Depois, as teorias de S. Paulo, S. Agostinho, S. Bento. O advento vitorioso do protestantismo, com a insubmissão de Lutero. O trabalho na legislação brasileira. O negro sob os grilhões apoiando a economia nacional. A civilização capitalista opressora, estudando com proficiência o problema do salário justo e integral. As corporações estatais, o sindicalismo tão em voga no Estado corporativo.

\* \* \*

O autor soube compreender a situação periclitante do mundo moderno. As necessidades mais prementes da classe proletária. É um estudo da época, escrito com leveza de estilo, pureza de forma e grande conhecimento dos fenômenos sociais, além de grande segurança doutrinária.

Serve de lição aos espíritos céticos e irrefletidos, que não se amoldaram às necessidades sociais atuais, por rotineiro conservadorismo.



# A NOVA GERAÇÃO

De Oliveira Franco Sobrinho

*Continua ainda em estado sonambúlico a nossa literatura. Apesar do surgimento de novos elementos, de elementos moços, não tivemos o incremento que era de se esperar. Os nossos poucos órgãos de imprensa seguem mudos a sua trajetória. A mocidade sem incentivo, mesmo combatida, não possui as forças necessárias para a vitória. É de se dizer: pobre Paraná!*

*O espírito moço que tiver aspirações literárias ou de qualquer estudo científico, volve-se para o Rio de Janeiro. Lá encontra um pouco desse apoio necessário, mas sem base, é logo obrigado a desistir, pois sabemos do controle formidável que a imprensa carioca faz dos escritos vindos da província.*

*Essa crônica tem um único objetivo: fazer ver aos nossos órgãos de publicidade, que o futuro do Paraná, está unicamente na classe intelectual. Que é preciso a todo transe, mesmo com as maiores dificuldades, apoiar essa pleiade de jovens cultores da ciência e da literatura. Do contrário serão novas inteligências, asfixiadas pelo meio.*

*Basta já, o número ilimitado de gerações improdutivas. A que ora surge, com pouca confiança no futuro, e cheia de presentimentos, nasceu dos últimos extertores da cultura paranaense.*

*Com apoio vencerá, sem apoio será uma geração morta. É a verdade.*

## ❧ A NOVA GERAÇÃO ❧

Revista Acadêmica - 20 de agosto de 1934.

*C*ontinua ainda em estado sonambúlico a nossa literatura. Apesar do surgimento de novos elementos, de elementos moços, não tivemos o incremento que era de se esperar. Os nossos poucos órgãos de imprensa seguem mudos a sua trajetória. A mocidade sem incentivo, mesmo combatida, não possui as forças necessárias para a vitória. É de se dizer: pobre Paraná!

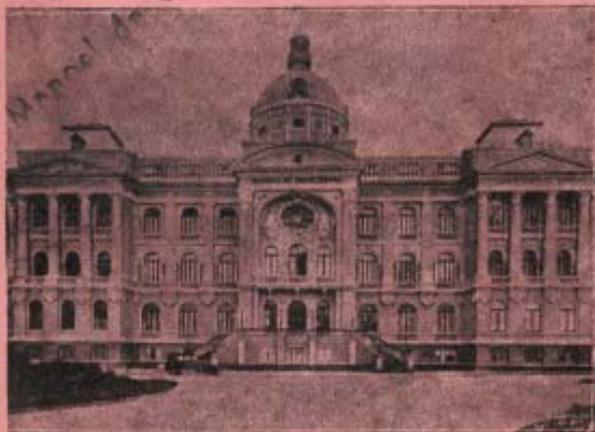
O espírito moço que tiver aspirações literárias ou de qualquer estudo científico volve-se para o Rio de Janeiro. Lá encontra um pouco desse apoio necessário, mas, sem base, é logo obrigado a desistir, pois sabemos do controle formidável que a imprensa carioca faz dos escritos vindos da província.

Esta crônica tem um único objetivo: fazer ver aos nossos órgãos de publicidade que o futuro do Paraná está unicamente na classe intelectual. Que é preciso a todo transe, mesmo com as maiores dificuldades, apoiar essa pleiade de jovens cultores da ciência e da literatura. Do contrário, serão novas inteligências asfixiadas pelo meio.

Basta já o número ilimitado de gerações improdutivas. A que ora surge, com pouca confiança no futuro, e cheia de presentimentos, nasceu dos últimos extertores da cultura paranaense.

Com apoio vencerá, sem apoio será uma geração morta. É a verdade.

REVISTA  
DO  
**Diretório Acadêmico de Direito**  
DO PARANÁ



UNIVERSIDADE DO PARANÁ

**COLABORAM NESTE NUMERO:**

Prof. Macedo Filho  
Prof. Vieira de Alencar  
Dr. David Carneiro

Acadêmicos de Direito:  
Oliveira Franco Sobr.

Adhemar G. Gonzaga  
Hirose Pimpão  
Srta. Iná Secundino  
Isaac S. Nicolaiévski  
Humberto Grande.

Oliveira Franco Artur

- 27 -

## O Caso Pontes Visgueiro

DE OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

Não me atraí o estudo crítico. Nem me podia atrair. Os escritores que pensam dedicar-se a esse ramo de literatura, são unicamente apreciadores. Aprovam e reprovam. Nada mais.

Defeito unicamente de nossa formação intelectual, tão evitada de presunções babelescas de grandesa, de pseudas superioridade mental.

No meio literário nacional — como bem dizia Machado de Assis — um dos maiores males de que padece a nossa literatura é a falta de crítica; é mistér, achava etc. que a análise corrija e anime a invenção, que os pontos de doutrina e história se investiguem, que as belezas se estudem, que os sinões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe para os altos destinos que a esperam.

Era uma das esperanças de Machado de Assis, essa aliás esteril. Vivemos o período embrionário de uma literatura em formação. Quais os nossos novelistas? romancistas? poetas e contistas? Não na acepção técnica do bem escrever, mas no saber concretisar a vida social. Onde o Balzac brasileiro? O Victor Hugo? O Dumas? O Dostoiewski? O Zola? O Musset? O Shakespeare?

Não nego as verdadeiras mentalidades que labutam nas letras brasileiras. Pois as pos-

suímos. Mas essas mentalidades ou não sabem escrever, não possuindo pendência para as letras, quando não são asfixiadas pelo meio. Possuimos cerebros superiores, que nada produzem ou produzem demasiado como Rui Barbosa, que perdeu toda uma vida e capacidade produtiva intelectual em trabalhos filológicos, cartas e artigos de jornal. Rui, não resta duvida, foi um espírito superior inexgotável. Melhor aproveitado o seu amor às letras, algo de valor teria produzido.

E' o característico do cenário literário nacional. Os que podem produzir, ou não produzem ou gastam-se em obras de pouco folego por bolorento comodismo. Os incapases de uma pagina, esses armazenam obras indigestas nas estantes das bibliotecas que são verdadeiros atentados á cultura nacional.

Ha ainda tambem os praticadores da estética literaria, os confusos e os que nos asoberbam com obras as mais variadas, de todos os generos, como tambem os copiladores. Nenhum deles vai ao amago do assunto. Vislumbram-o de visu.

Dai a mentira literaria que vivemos. Se possuimos um Pontes de Miranda, um Humberto de Campos, um Grieco, um Tristão de Athayde, (nos diferentes ramos da literatura) tambem possuimos as mais

## ❁ O CASO PONTES VISGUEIRO ❁

*Revista do Diretório Acadêmico de Direito – 13 de junho de 1934.*

*N*ão me atrai o estudo crítico. Nem me podia atrair. Os escritores que pensam dedicar-se a esse ramo de literatura são unicamente apreciadores. Aprovam e reprovam. Nada mais.

Defeito unicamente de nossa formação intelectual, tão eivada de presunções babelescas de grandeza, de pseudo superioridade mental.

No meio literário nacional – como bem dizia Machado de Assis –, um dos maiores males de que padece a nossa literatura é a falta de crítica; é mister, achava ele, que a análise corrija e anime a invenção, que os pontos de doutrina e história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa e se desenvolva e caminhe para os altos destinos que a esperam.

Era uma das esperanças de Machado de Assis, essa aliás estéril. Vivemos o período embrionário de uma literatura em formação. Quais os nossos romancistas? Poetas e contistas? Não na acepção técnica do bem escrever, mas no saber concretizar a vida social. Onde o Balzac brasileiro? O Victor Hugo? O Dumas? O Dostoiévski? O Zola? O Musset? O Shakespeare?

Não nego as verdadeiras mentalidades que labutam nas letras brasileiras. Pois as possuímos. Mas essas mentalidades ou não sabem escrever, não possuindo

pendência para as letras, quando não são asfixiadas pelo meio. Possuímos cérebros superiores, que nada produzem ou produzem demasiado, como Rui Barbosa, que perdeu toda uma vida e capacidade produtiva intelectual em trabalhos filológicos, cartas e artigos de jornal. Rui, não resta dúvida, foi um espírito superior inesgotável. Melhor aproveitado o seu amor às letras, algo de valor teria produzido.

É o característico do cenário literário nacional. Os que podem produzir ou não produzem, ou gastam-se em obras de pouco fôlego por bolorento comodismo. Os incapazes de uma página, esses armazenam obras indigestas nas estantes das bibliotecas que são verdadeiros atentados à cultura nacional.

Há ainda também os praticadores da estética literária, os confusos e os que nos assoberbam com obras as mais variadas, de todos os gêneros, como também os copiladores. Nenhum deles vai ao âmago do assunto. Vislumbram-no *de viso*.

Daí a mentira literária que vivemos. Se possuímos um Pontes de Miranda, um Humberto de Campos, um Grieco, um Tristão de Athayde (nos diferentes ramos da literatura), também possuímos as mais variadas mentalidades cujas obras servem ao mercado de propaganda. Também é defeito da ignorância de nosso povo. Setenta por cento analfabeto, tem de haver o domínio da mediocridade avassaladora.

Aparecem diariamente livros que mantêm a realidade. O espírito de tolerância foi além do limite. Ao invés de escrevermos (também sou possuído do mesmo mal dos medíocres), devemos estudar, penetrar nas realidades em função da sociedade, para que a geração que de nós advenha possua um sentimento de vida mais superior, mais realista. A exterioridade de cultura não contenta os espíritos elevados. A dissimulação deve ser afastada. A própria ficção, como os tratados de sociologia, medicina e direito, investiga sutil e penetrantemente a vida que vivemos, o tempo que passamos. Não é unicamente uma irrealidade, produto de imaginações fantasistas.

Que legará de grande a atual geração à posteridade? Ensaio e mais ensaios. Cientistas tradutores. Pedagogos rotineiros, filósofos confusos. Ainda bem que a geração novíssima, que ora surge, muito e muito promete produzir.

Estou certo de que, se não existe crítica, é porque não há que criticar. Quando aparece alguma produção de real valor, ou relativo, os srs. Grieco e Athayde, com assiduidade profissional, dizem coisas verdadeiras, bem meditadas.

Assim, recairia no mesmo pedante erro se quisesse, além de minhas forças, fazer estudo crítico. Apreciarei um fato e não uma obra: estudarei serena e sinceramente o crime do desembargador José Cândido Pontes Visgueiro.

**II** – Será impossível analisarmos o caso Pontes Visgueiro sem primeiro fazermos um retrospecto necessário de sua vida, anterior ao crime de que foi vítima Maria da Conceição.

Nasceu o desembargador José Cândido de Pontes Visgueiro em Alagoas, em 1811, na vila de Maceió, filho do lavrador Manoel do Nascimento Pontes e Adriana Maria Pontes.

Aos dezoito meses, como descreve Evaristo de Moraes, foi acometido de uma febre maligna que o impossibilitou de falar e ouvir até os cinco anos de idade. Tornou a ensurdecer aos quinze anos, perdendo cada vez mais, com o passar dos tempos, o sentido auditivo. Aos quarenta anos, sobreveio-lhe a surdez completa e definitiva.

Curso o seminário de Olinda, ingressando em 1830 na Academia de Direito da mesma cidade. Aí, quando ainda estudante, apaixonou-se ardentemente por uma formosa e atraente mulher, encontrando, em virtude desse amor, a oposição paterna, da qual resultou a sua transferência para a Academia de Direito de S. Paulo.

“Diz um crítico, de nome Carlos Pontes, que aguardava Visgueiro o momento de sua completa emancipação para desposar aquela a quem se ligara por um extraordinário afeto, talvez o único de sua vida. Bela e loureira, a amante não lhe correspondeu aos propósitos e durante a sua ausência conheceu novos e vários amores. Ele, decepcionado, fechado na sua amargura, conservou-se um inflexível celibatário. De uma vida sexual de exacerbada intensidade, amava o amor e pelo amor, sem repousar numa sólida afeição.

As mulheres se sucediam como formas efêmeras de um grande sonho que se dissipou. Na sofreguidão e inconstância de seus vários episódios amorosos, conhecia apenas o tédio da saciedade”.

Daquele amor de Olinda, amor sincero de jovem estudante, nascera-lhe uma filha, a quem dedicou a mais profunda afeição, reconhecendo-a como tal e casando-a mais tarde com o seu íntimo amigo desembargador Torreão. A essa menina empregou parte de sua vida. Desvelou-se em carinhos e dedicação, educando-a em colégios da corte, jamais se afastando dela, mesmo depois de casada. Era um pai exemplar ao extremo.

Ainda moço, estudante em S. Paulo, seus méritos foram reconhecidos, tendo sido eleito deputado provincial em sua terra, sendo mais tarde eleito deputado geral nas legislações sucessivas até 1845, quando foi nomeado juiz de Direito em Maceió. Como deputado geral, exerceu o seu mandato na regência interina do senador Pedro de Araújo Lima. Revelou-se ardoroso batalhador do povo, e sua ação na deputação geral foi das mais decisivas para a época, como dizem os anais da Câmara dos Deputados.

O sr. Evaristo de Moraes reproduz de maneira admirável a discussão sobre a questão da maioria de Pedro II, na qual Pontes Visgueiro salienta-se pela sua forte voz de orador, no exame sereno mas inflamado do assunto.

Devido a sua completa surdez e impossibilidade de acompanhar os debates da Câmara, resolveu o governo imperial o seu afastamento da deputação geral, propondo a sua nomeação para o lugar de fiscal do tribunal do comércio.

Assim, sua vida pública foi a mais exemplar possível.

Sua vida particular, até o momento em que resolveu perpetrar o crime contra Maria da Conceição, é um suplemento de sua vida política.

**III** – Dizem ser o desembargador Pontes Visgueiro um criminoso passional. O próprio criminalista brasileiro Evaristo de Moraes o classifica entre os criminosos dominados por paixão, tachando de erro judiciário a decisão do tribunal que condenou à prisão perpétua aquele magistrado.

Puro engano. Sob o ponto de vista das modernas teorias crimino-penais, o desembargador Pontes Visgüeiro não oferece os característicos do criminoso passional, nem também o seu delito apresenta uma interpretação científica do crime por paixão.

Vejam. Eusébio Gomes, professor da Universidade de La Plata, em sua obra “Paixão e Delito”, diz: nossa definição do delito passional concretiza os elementos do conceito corrente acerca desse fato. Atribuimos-lhe, antes de tudo, um caráter eminentemente desinteressado. Quando as circunstâncias que rodeiam o ato se opõem à suposição desse caráter, o delito deixa de ser passional. Não o é, tão pouco, quando sua etiologia não acusa a preponderância de uma paixão na determinação volitiva do agente. Finalmente, essa paixão deve ser de tal qualidade que não repudie a consciência coletiva. Em outros termos, a paixão deve ser social e não anti-social.

Ora, o crime de Pontes Visgüeiro repudiou a consciência pública, tamanha foi a hediondez do autor. O povo às portas da casa do Desembargador queria linchá-lo. Linchá-lo porque matara uma rapariga de costumes livres, cedo prostituída, cujo apelido era Mariquinhas devassa. O motivo da raiva do povo era o modo como o crime foi praticado. O preparo do caixão que mais tarde serviria de féretro à infeliz rapariga. A caixa de zinco a ser colocada dentro do caixão. O estراçalhamento do cadáver para que coubesse no invólucro mortuário de poucas dimensões. A atração de que foi vítima a rapariga à casa do desembargador, que lhe prometia presentes. Finalmente, a calma do desembargador, posterior ao crime, foi que enfureceu a população da capital maranhense.

Então onde se faz a análise da consciência pública? Creio eu que nas reações do populacho.

Pontes Visgüeiro não era um criminoso passional. Os seus atos de antes e depois do crime não revelam um emotivo, unicamente um anormal, anomalia essa agravada pelo estado senil do desembargador.

O próprio Ribot, no seu “Ensaio sobre as Paixões”, mostra que toda paixão, ainda que transitória, é uma ruptura da vida normal. Essa ruptura não houve

na vida de Visgüeiro, que logo à noite, após a perpetração do delito, foi a uma festa na casa do seu genro, nada deixando transparecer.

Enrico Ferri estudou admiravelmente em sua monografia “Os criminosos na Arte e na Literatura” os requisitos do passional: 1º a idéia fixa (essa possuía Visgüeiro); 2º perpetração do delito em estado de quase inconsciência, no qual o criminoso não possa avaliar os seus atos; 3º arrependimento do ato praticado. O 2º requisito podemos encontrar em parte no desembargador, mas o 3º é inexistente. O fato de ele chorar compulsivamente pedindo o auxílio de um amigo, isso antes do crime, não é prova cabal de arrependimento, sim de vontade criminosa.

Vejam o que dizem diversos criminalistas acerca do delinqüente passional e da paixão.

Bulhões Pedreira diz: “O delinqüente passional geralmente participa dos atributos de normalidade, no que se relaciona com o tipo antropológico. É de regra um adaptado, reflete a sociedade que o julga, e que por isso mesmo o absorve”.

Heuyer encontrou em todos os passionais dois elementos: os sinais de uma constituição emotiva e o desequilíbrio do simpático.

Vamos ao amor e à paixão.

Tepedino, em sua obra “Amor e Sexo”, assevera: “desde que o homem é homem, o amor vem sempre perturbando a vida dos grandes emotivos. A história fornece legiões de exemplos. As noites de insônia, as fadigas, as depressões nervosas. O cântigo dos cântigos, ao lado da suavidade do amor, pinta o inferno do crime. É sempre a dolorosa alternativa que a um faz feliz e a outro aniquila todo o ser! O emotivo, com a sua hipersensibilidade, com o seu diapasão sensorial afinadíssimo, sofre todas as conseqüências, todos os abalos, que trazem sensações que nem sempre são agradáveis. Em toda volúpia há sempre um ressaibo de dor”...

A paixão é uma veemente profunda emoção, que se apodera das forças da alma. O elemento emoção, angústia, é o núcleo da questão (Clarenbault).

“Cumpro, porém, não esquecer que a mulher tem sempre um fascínio irresistível de amor e de paixão sobre o homem. Quem se mostra forte hoje sucumbe amanhã. Depende dela, a mulher. Quem governa o mundo é a mulher, e quem disser o contrário mente. Resistência? Fortaleza? Lindo verbalismo! Ante uma mulher formosa, inteligente, sedutora, nenhum homem pode considerar-se invencível. Os exemplos esmaltam as páginas da história. Eva, Judith, Salomé, Helena de Tróia, Marquesa dos Santos, Cleópatra (Tepedino)”.

Podemos distinguir duas espécies de paixão: as intelectuais e as físicas, ambas podendo pender para o lado patológico.

As primeiras – as intelectuais – são em geral as mais violentas e raras, na maioria das vezes dominando os homens de estudo. As segundas, as quais podemos chamar também fisiológicas, revelam profunda desorganização das faculdades mentais, muitas vezes produto de anomalias cerebrais, ou, como quer Renda: o indivíduo age em estado de inconsciência, não sabe o que está fazendo, é um autômato arrastado a extrema violência sem consciência do que faz.

Maurício Fleury classifica as paixões em cinco categorias: 1.º) a do álcool; 2.º) a do ópio; 3.º) a da cocaína; 4.º) a do fumo; 5.º) a do amor.

O dr. Debierre, autor do mecanismo psico-fisiológico da atividade mental, acha que há um momento de paixão cega que arrasta o homem de caráter ardente, exaltado; a razão perde o seu domínio por um instante, é incapaz de dominar o desejo violento, a necessidade imperiosa.

Proal, na sua bem documentada monografia “Os suicídios e os crimes passionais”, mostra a necessidade da intervenção médica para que possamos avaliar a responsabilidade dos criminosos por paixão, porque na maioria das vezes, principalmente no indivíduo emotivo, se faz útil o exame psicopatológico, porque nem sempre o amor é fisiológico e normal, não raras vezes é anormal e patológico.

Litré acha ser o amor o princípio de todas as aberrações. Dele com a paixão nasce a alienação mental, também as anomalias fisiológicas e sexuais.

Letourneau afirma que a loucura é irmão gêmea da paixão.

Ribot compara os indivíduos profundamente apaixonados a doentes, considera-os uns desequilibrados, uns loucos em formação.

Desde a Antiguidade, com Kant, Platão e Aristóteles, que se vêm distinguindo as paixões dos demais estados afetivos, dando o lugar que lhe compete na vida psíquica, assim descrevem inúmeros psicólogos e mestres no assunto.

Quillot, em seu livro “As prisões e os prisioneiros de Paris”, opina que se a paixão escusasse o crime, não haveria mais criminoso, porque, a não ser um louco, ninguém comete crime senão para satisfazer paixão.

Assim, como vimos, segundo Fleury, creio eu fundamentado em Voltaire, o amor é a mais forte das paixões.

Raverta, o grande escritor italiano, diz que, apesar de revolver muitos e muitos livros, não conseguiu encontrar todavia uma definição correta do amor.

“A arte de amar tem três características: a voluptuosidade, a ternura e o ideal. Segundo o temperamento dos escritores, uns acham existir supremacia na voluptuosidade, outros no ideal, outros ainda na ternura (Escipion Sighéle)”.

O mesmo escritor acima citado, analisando “a mulher e o amor na obra de Ellen Key”, acha que, na maioria das vezes, o amor nasce na alma de uma mulher, para passar depois aos sentidos; o inverso do que acontece no homem, onde o amor nasce nos sentidos, para depois passar para a alma.

“As paixões, como as fortes emoções, são às vezes expressões de um estado psíquico mórbido. As modificações físicas profundas, conquanto transitórias, oriundas da emoção, justificam a hipótese de que às vezes excluem, no todo ou em parte, a capacidade de entender ou de querer (Rinaldo Pelegrine – tratado de medicina legal)”.

Vejam os que diz Antonio Campoy Ibañez: “O vulgo só vê o inferno mental quando ele grita sem causa, gesticula sem razão, fala sem coerência, enfurece sem motivos. Portanto, o vulgo divide os homens em dois grupos: em normais e loucos. Mas no campo da psiquiatria vemos os normais, os anormais e os dementes.

É necessário ir todavia mais além, ampliar a classificação. O anormal puro é quase uma realidade na vida atual. É preciso aceitar a sua existência, mas se faz necessário também estabelecer a diferença com muitos anormais, visivelmente íntegros no sentido psíquico, ainda que cientificamente não o sejam. E, assim, a classificação mais em harmonia com a experiência e com a realidade deve ser:

- 1.º) o normal;
- 2.º) o anormal científico, visivelmente normal;
- 3.º) o anormal puro;
- 4.º) o enfermo mental franco.

Como se vê, essa classificação compreende o dia extremamente claro sem nuvens que toldem a sua clareza, até a noite mais escura, passando também pelo crepúsculo”.

“Às vezes, a cegueira da paixão desconhece que a natureza tem leis. Outras vezes, a sede do infinito leva o homem ao desejo inaudito de possuir a mulher como se possuísse a terra, e esse desejo o conduz a assassinar o objeto do seu amor para ver se consegue acalmar a insaciável aspiração voluptuosa que causou o prazer. À semelhança daquele indivíduo de “La Bête Humaine” de Zola que depois de gozar a sua querida a apunhala e a degola, como querendo beber o seu sangue, o seu coração (Gonzalez-Blanco)”.

Eis aí em poucos traços o que seja a paixão e o amor. O desembargador Pontes Visgueiro concretiza o criminoso louco. O Hamlet da tragédia Shakespereana, de que fala Ferri: “a sua loucura lúcida é das que escapam aos observadores superficiais, porque não provocam delírios furiosos ou incoerentes. O quadro dos sintomas psicopatológicos em Hamlet é o mais característico possível. A sua alucinação quando julga ver e ouvir falar a sombra de seu pai é uma prova decisiva de alienação mental”. Assim Pontes Visgueiros, no querer atrair Maria da Conceição à sua casa para presentear-la, quando o podia fazer em outra qualquer parte. Parece, como diz Lasègne, um capricho, mas é estigma muito freqüente nos alienados e corresponde maravilhosamente aos dados da ciência positiva.

Pontes Visgueiro pertence à categoria dos anormais científicos visivelmente normais da classificação de Antonio Ibañez.

Visgueiro, desde os dezoito meses, como diz a sua história, era um anormal. A surdimudez até os cinco anos e a surdez completa depois dos quinze é a prova.

Dizer que os pais de Pontes Visgueiro eram sãos e que portanto o filho era também é contrariar as leis da hereditariedade, principalmente as leis de Mendel. Estou certo de que, se examinarmos os ascendentes de Pontes Visgueiro, havemos de encontrar um caso patológico.

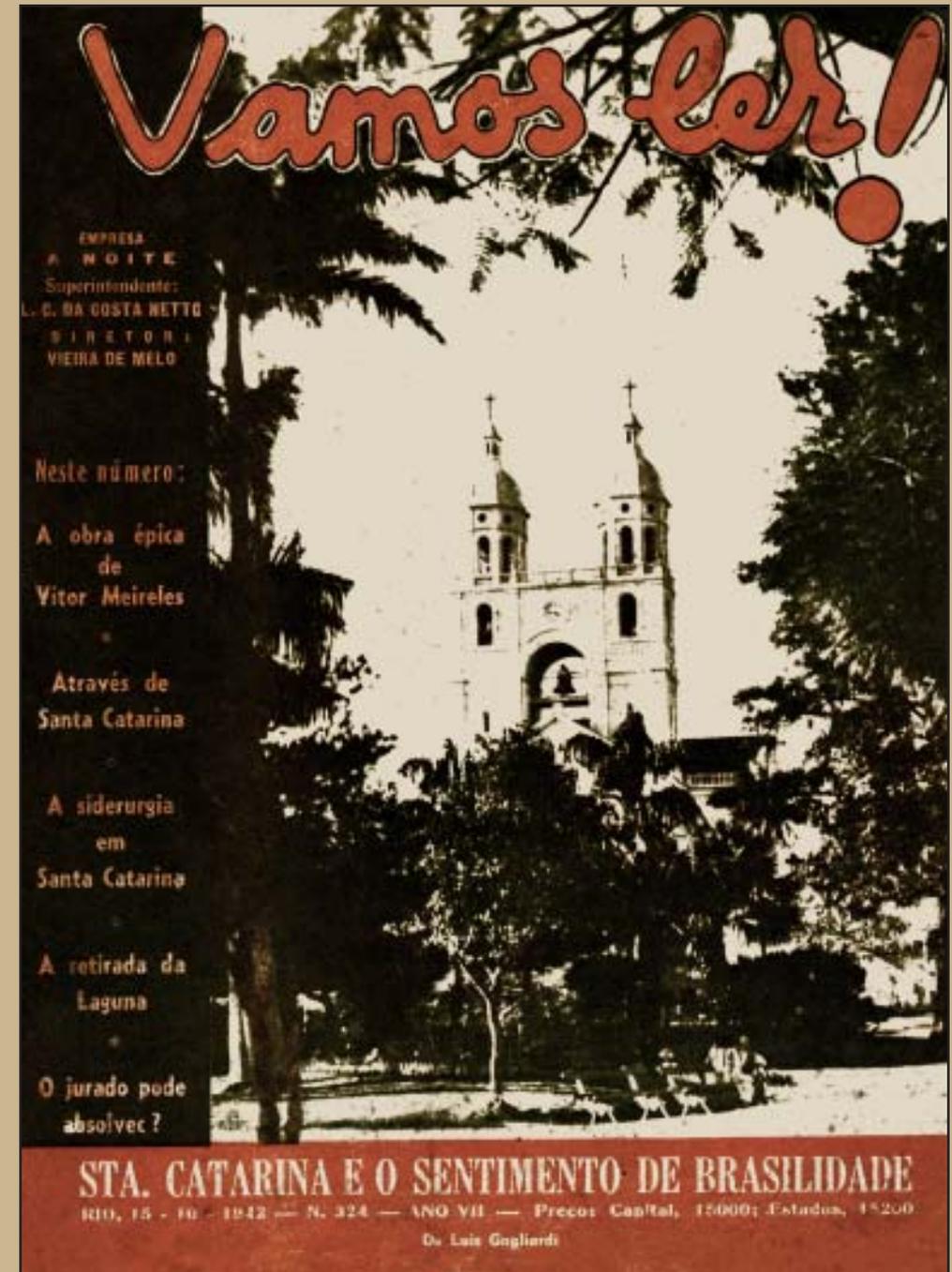
Dizer também que a condenação de Pontes Visgueiro à prisão perpétua foi um erro judiciário também é engano. Está provado que o desembargador Visgueiro era o tipo patente do criminoso louco, ora, hoje, com a evolução da ciência crimino-penal, seria um erro judiciário condenarmos a Pontes Visgueiro, mas no século passado, em que se deu o crime, não. Onde os hospitais médico-legais para o recolhimento do delinqüente louco? Onde as casas de saúde necessárias à cura de um estado psico-patológico? E o regime penitenciário adotado modernamente? Era, porém, necessário que Pontes Visgueiro, autor de um crime tão bem urdido, fosse afastado do convívio social, somente com a prisão perpétua ou a pena capital. Seria um erro no século XX condenarmos um Pontes Visgueiro, mas nunca no século XIX, quando a Escola Penal Positiva ainda não pensava raiar nos escuros horizontes da ciência brasileira.

“Em relação à causa, o fator hereditário desempenha um grande papel. São freqüentemente descendentes de psicopatas ou de nevropatas que já trazem consigo o cunho da miopragia nervosa. Foi o que Kraepelin em 80% dos casos de sua clínica em Heipelberg encontrou, unicamente a predisposição hereditária (Roxo, pag. 384).

Schule, Graft-Ebing, Braepelin, Weigand e Afrânio Peixoto dizem que no intervalo das crises se verificam diminuições de energia psíquica, bem como o aumento de irritabilidade, da emotividade e de atos impulsivos.

Gordon, no “American Journal of Sanity” de Abril de 1918, diz que, a despeito da aparente lucidez e perfeito raciocínio nos períodos intervalares, há sempre desvios fundamentais da mentalidade, irritabilidade mórbida e distúrbios na força do raciocínio, na vida objetiva e no sentimento de moralidade (pag. 338).

Assim é o caso Pontes Visgüeiro, que só na velhice foi possuído desse desvio, pode-se dizer, de proveniência hereditária, obscurecendo o seu raciocínio, dando-lhe certo grau de irritabilidade mórbida e um sentimento de moralidade contrário à ética.





# O FENÔMENO "SANTA CATARINA"

De Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

(Especial para VAMOS LER!)

Antes do imigrante estrangeiro já o nacional adquiriu a existência dos valores econômicos naquela região sulina, desde que a penetração se fez pela Ilha de Santa Catarina, ou por Laguna.

Estava centrado no futuro Estado de Santa Catarina o mesmo destino da Província do Paraná ou então do Estado de São Paulo. Seria apenas ponto de passagem de tropas que desceriam ao norte ou à Metrópole. Por outro lado, o núcleo de população no Prata. O progresso, tanto do Paraná como de Santa Catarina, debata-se constantemente no desenvolvimento das províncias do centro e do Rio Grande do Sul.

Não fosse a rigor indelével do tempo antigo, o desenvolvimento do sul seria fato monstruoso. Os serviços prestados contra os castelhanos pelo povoado Francisco Dias Velho, atacam a aliá dos brasileiros, em manter a todo o custo a unidade geográfica do futuro Império. Da sagrada-cruz Francisco Dias Velho estenderia a conhecida Pedro Torques, quando se referia à Ilha de Santa Catarina: "Santa Ilha fez a capitulação por defender real coroa, impedindo aos castelhanos de estabelecerem-se nas costas da sel, e escaparam os índios que infestavam o sertão". E esse ato não só de estremo desenvolvimento em 1589.

A luta que se travou não seria considerada nunca uma luta sem objetivos. As correntes emigrantes perceberam desde o início que a conquista seria viável com o domínio das beas da terra. E depois de São Paulo veio a Santa Catarina, receber os influxos mais densos de sangue estrangeiro.

Quem percorrer os assós históricos do Estado de Cruz e Souza verificará que foi bastante considerável o número de navegações.

## A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia, só é feita quem quer. Esta é a verdade. Os crentes prooveiros para a pele se ampeçoem dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfazé ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para subtrair, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme absorve como a cutis ganha ton ar de naturalidade e frescador à vista.

A pele que não respira renovo e torna-se horrivelmente opaca. O Creme de Alfazé permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os poros, os manchas, as impurezas e a tendência para a pigmentação.

O vivo, o brilho de uma pele viva e pode voltar a inspirar com o uso do Creme de Alfazé "Brillante".

Experimente-o.

gadores de nacionalidades variadas que a visitaram e desembarcaram no continente. É de crer que se fizesse, daquela pequena falda de arca litúrgica, um ponto certo de reabastecimento. Quer ao sentido da Ilha da Prata como um rote para os Mares do Sul, tanto franceses como espanhóis, ingleses como russos, faziam ponto de passagem em Santa Catarina, com o propósito de não se desviar do curso a seguir, mesmo quando permitiam um estorno a costa brasileira.

Essa, a sua maior significação. Nunca houve circunstância imprevista de expulsação. O homem, ali, tentava-se digas de sua enfeite e de sua luzuara. Atacado o solo com a ponta aliada do arado, pntoando rebatidos variados através do planalto ou instalando máquinas na sua área incoñida de construção fabril, — a catarinense fez surgir do chão desenvolvimento, uma civilização que mais tarde, invencia de se integrar na cultura brasileira.

Os problemas políticos que lá se faziam, criou esta longe de exercer a força política que exercia Luzerna e colinas. Encostado ao mar, o Brasil, não obstante o artificialismo de uma paisagem estranha ao meio. Permanece aquela mesma tradição de luta contra o inimigo invasor. E os tentativos, como nos a história, não foram poucos. Tamay afirma que a primeira intenção do governo espanhol se Atlântico comparia no Porto de São Francisco do Sul.

Baldados os esforços estrangeiros. Impetuosos todos os investidos. Os levantamentos já se haviam aguçado a insurreição da terra: Manoel Preto, Luis Dias Leme, Francisco Illesco e Fossado Camargo.

Perdes a lutar a impressão das evoluções históricas. Tudo tem de pensar e sentia desconfortavelmente quando os acastela atravessava a fronteira sul do Paraná. Muitos observação não me enganava: bene antes o nativo ficava na terra o novo vilarejo do homem do Brasil. Na realidade que vai de Jetrylle a Blumenau, há o maior exemplo de estiope que se possa conhecer: esse estiope nativo a demonstração de repóla. Abandonado de repente completamente distanciado, o brasileiro justifica-se pela força hereditária de sua amor ao que já se queira sua pátria: o Brasil dos seus avós.

O sangue brasileiro dos tempos primeiros não se contentaria facilmente com a Ilha de "terra grossa muito boa", na expressão feita de Gabriel Soares de Sousa, quando lançou o seu "Tratado Descritivo do Brasil de 1587". Impulsos muito mais a subida serena e o domínio absoluto do planalto. Impulsos muito mais a integração de vastas regiões de terras abandonadas no "todo nacional", que se reabsteria no espírito de luta do homem que venceu a terra desconhecida, o labrego.

# ☞ O FENÔMENO "SANTA CATARINA" ☞

Vamos Ler - 15 de outubro de 1942.

**P**ercorri Santa Catarina por três vezes diferentes. Em todas elas, fui levado a observar aspectos interessantíssimos da sua formação econômica e social. Para o viajante menos curioso, estou certo, fugiram as originalidades de observação. No entanto, sempre foi meu hábito anotar os dados mais impressionantes, para no momento oportuno traduzir com mais fidelidade a expressão do pensamento.

Não se conhece Santa Catarina pelo simples manuseio de livros ou com a leitura de reportagens retrospectivas e impressionistas. Será necessário senti-la na aproximação visual, vivê-la nos seus problemas mais íntimos, observá-la nas suas afinidades de trabalho com a terra.

Nego a afirmação de que apenas o braço estrangeiro tenha sido propulsor do seu extraordinário progresso agrário. Ali, para quem percorra o Vale do Itajaí, o seu sentido de norte para leste, verá que, pela sua própria conformação geográfica, essa zona oferece campo propício ao desenvolvimento econômico.

Não obstante, não bastariam só as comunicações naturais para a realidade da conquista do planalto. Seriam necessárias estradas de franca penetração e de acesso livre e rápido às regiões de mais difícil povoamento. A inteligência do

homem catarinense aqui se revelou em todo o seu sentimento de compreensão dos problemas da terra.

O que quer dizer: o homem soube ser digno do meio. Para o observador superficial, e que viesse do litoral para o interior, seria de admirar a facilidade de domínio do planalto. E viria então aquela dúvida de Gonçalves de Aguiar ao conhecer Santa Catarina. Indagando se existiam minas que favorecessem o interesse aventureiro, obteve imediatamente a resposta negativa. Afirmava a crônica “que por algumas paragens em alguns ribeirinhos pintava ouro, mas não era coisa de que se pudesse fazer caso”. A ilha de Santa Catarina e o continente fronteiro impressionavam pela exuberância de suas terras e pela feracidade do solo virgem.

Antes do imigrante estrangeiro, já o nacional adquirira a evidência dos valores condensados naquela região sulina, desde que a penetração se fizesse pela ilha de Santa Catarina ou por Laguna.

Estava reservado ao futuro Estado de Santa Catarina o mesmo destino da Província do Paraná ou então 5.<sup>a</sup> Comarca de São Paulo. Seria apenas ponto de passagem de tropas que demandavam ao norte ou à Metrópole. Por outro lado, caminho de passagem ao Prata. O progresso, tanto do Paraná como de Santa Catarina, achava-se comprometido ao desenvolvimento das províncias do centro e do Rio Grande do Sul.

Não fosse o vigor indefinível do braço nativo, o desmembramento do sul seria fato consumado. Os serviços prestados contra os castelhanos pelo povoador Francisco Dias Velho atestam o afã dos nacionais em manter a todo o custo a unidade geográfica do futuro império. Do capitão-mor Francisco Dias Velho, escrevia o conhecido Pedro Tacques, quando se referia à ilha de Santa Catarina: “Nesta ilha fez o capitão-mor povoador Francisco Dias Velho muitos serviços à real coroa, impedindo aos castelhanos de estabelecerem-se nas costas do sul, e conquistou os índios que infestavam o sertão”. E esses atos não são de ontem. Transcorreram em 1689.

A luta que se travava não seria considerada nunca uma luta sem objetivos. As correntes emigrantes perceberam desde o início que a conquista seria viável com o domínio dos bens da terra. E depois de São Paulo coube a Santa Catarina receber os influxos mais densos do sangue estrangeiro.

Quem percorrer os anais históricos do Estado de Cruz e Souza verificará que foi bastante considerável o número de navegadores de nacionalidades variadas que a visitaram e desembarcaram no continente. É de crer que se fizesse daquela pequena faixa de orla litorânea um ponto certo de reabastecimento. Quer no sentido do Rio da Prata como em rota para os Mares do Sul, tanto franceses como espanhóis, ingleses como russos faziam ponto de passagem em Santa Catarina, com a preocupação de não se desviarem do rumo a seguir, mesmo quando pensavam em contornar a costa brasileira.

Essa, a sua maior significação. Nunca houve vicissitude impossível de superar-se. O homem, ali, tornou-se digno do seu esforço e da sua bravura. Atacando o solo com a ponta afiada do arado, pastoreando rebanhos variados através do planalto ou instalando máquinas na sua ânsia incontida de construção fabril, o catarinense fez surgir do chão desconhecido uma civilização que, mais tarde, haveria de se integrar na cultura brasileira.

Os problemas políticos que lá se hajam criado estão longe de exceder a força telúrica que envolve homens e coisas. Encontrei motivos sentimentais que me fizeram acreditar no Brasil, não obstante o artificialismo de uma paisagem estranha ao meio. Permanece aquela mesma tradição de luta contra o inimigo invasor. E as tentativas, conta-nos a história, não foram poucas. Taunay afirma que a primeira intenção do governo espanhol no Atlântico começaria no Porto de São Francisco do Sul.

Baldados os esforços estranhos. Improdúctas todas as investidas. Os bandeirantes já se haviam apossado audaciosamente da terra: Manoel Preto, Luiz Dias Leme, Francisco Bueno e Fernando Camargo.

Perdoe o leitor a imprecisão das evocações históricas. Tudo isso eu pensava e sentia desordenadamente quando me acontecia atravessar a fronteira sul do

Paraná. Minha observação não me enganava: bem antes o nativo fincara na terra o marco milenar do homem do Brasil. Na rodovia que vai de Joinville a Blumenau, há o maior exemplo de esforço que se possa conceber: esse esforço merece a denominação de epopéia. Abraçando dois mundos completamente distanciados, o brasileiro juntou-se pela força irresistível do seu amor ao que já era quase uma pátria: o Brasil dos nossos avós.

O sangue brasileiro dos nossos primeiros não se contentaria facilmente com a ilha de “terra grossa muito boa”, na expressão feliz de Gabriel Soares de Souza, quando lançou o seu “Tratado Descritivo do Brasil de 1587”. Impunha muito mais: a subida serrana e o domínio absoluto do planalto. Impunha muito mais: a integração de vastas regiões de terras abandonadas no “todo nacional”, que se robustecia no espírito de luta do homem que vencera a terra desconhecida e bárbara.



# O amor de Carlos

Carlos Rodrigues era um desses tipos rústicos do sertão brasileiro. Alto, espaduído, ligeiramente pálido, de uma palidez serena, traços finos, possuidor de uma sensibilidade sutil, espírito bastante confuso em questões de amor. Não compreendia o amor que não trouxesse em seu bojo o ciúme. Nisso estava com Tolstoi (desconhecido para ele). Noivo de Clarissa, a cabocla de olhos verdes, a moça mais bela daquelas paragens, sentia um ciúme doido quando dela se aproximava qualquer pessoa que fosse. Ansiava pelo dia do casamento, para tê-la somente para si. Ser possuidor daqueles olhos, daquele corpo, daquela bocca mimosa e daquele todo arrebatador. Fremia sempre, palpitando de amor, quando dela se aproximava. Quando, ao som da viola, entoava canções lânguidas, sentia uma atração irresistível para uma grande vida, para uma vida intensa. Suas modinhas e quadras, inspiradas por Clarissa, corriam de bocca em bocca. E só assim sentia-se libertado das pesadas cadeias da ignorância. Inspiração do amor... O que lhe doía n'alma, era não compreender porque Clarissa não sentia ciúmes delle, Carlos. Seria o amor das mulheres diferente do amor dos homens? Tudo pôde ser.

— Mas então, Clarissa, quando uma moça se aproxima de mim, tu não sentes nada, nada mesmo? Então tu não me amas!?

— Oh! Carlos! ea te amo bastante, muito, muito — protestava a moça, enroscando os braços em volta do pescoço do rapaz.

O doutor Euzébio Villa Nova era o odio concentrado de Carlos. O diabo do medico sempre o perseguia, com aquellas horrorosas palavras de que Carlos precisava era de Freud. Já odiava de verdade aquelle tal Freud desconhecido e aquelle complexo Oedipo não realçado que o medico dizia existir dentro delle. — Um dia ainda perco a cabeça — pensava — o arrebeuto com os miolos desse doutor. Só porque eu sou e me chamam de doente. Onde já se viu isso? Mas Clarissa, sempre lhe dizia:

— Calma, calma, meu Carlos; o doutor Euzébio só quer o nosso bem. E' amigo da casa. Se elle disse que estás doente, é porque estás mesmo.

— O que ee preciso, Clarissa, é de uma benzedura contra esses invejosos. Eu já ando desconfiado que o doutor Euzébio gosta de ti e está a atrapalhar a gente.

Clarissa concordou silenciosamente com a cabeça.

— Só porque gosto de ti me chamam doente da cabeça e muitas coisas pelas mãos. Povo miseravel! Como se o meu amor estivesse na cabeça! O que eu sinto, Clarissa, quando te vejo, é uma dor aguda pelo coração todo, mas uma dor bastante boa, bastante mesmo. Outras vezes, parece que estou me sufocando. Uma bola sobre o peito pelo corpo.

Clarissa concordava; o amor é uma coisa impossível de se explicar.

— Esse homem, o Carlos, é hysterico, meu amigo. Certos sentimentos perigosos que nós temos reatados, elle não contém. Vela só o grande perigo! E' um psychopatha em começo. Mais tarde ou mais cedo, elle sofrerá as consequências da doença.

Juca Ribeiro — pae de Clarissa — não comprehendia nada. Só viu que sua filha estava em perigo.

No dia seguinte, a brissima manhã de verão, o medico, doutor Euzébio Villa Nova, foi encontrado morto, no terraço de sua casa. Carlos confessou o crime, dizendo ter sido offendido pelo medico na véspera, que dissora tantas coisas delle, tantas, que o pae de Clarissa desmanchiara o noivado. Fôra tomar satisfações e elle repetia

*Cláudia Franco Sobrinho*

## BELLEZA NATURAL QUE PÓDE POSSUIR TODA MULHER



Vilma Barik "Metro - Goldwyn - Mayer"

Nenhuma mulher quer mostrar ao rosto aveludado pelas rugas, espinhas e outros defeitos. E' preciso evitar isso e a mulher moderna é a primeira a concordar. Os cosmeticos de qualidade inferior obstruem os póros e amarram a tez. Mas existe uma substancia absolutamente necessaria para a cutis e toda mulher já se compromettera nisso: a cera metrolized, que reúne em si todos os elementos essenciaes para lograr e conservar sua belleza. Applique-a diariamente ao seu rosto, collo, braços e mãos, ajudando assim a natureza no seu processo de escamação e permitindo exhibir a nova e formosa tez que toda mulher possui encoberta. Faça este tratamento durante dez dias e ficará V. S. encantada com a melhora que se operará em sua cutis.

**Destrua o pelo superfluo.** As mulheres a quem pertata a presença de penugem no rosto, collo, braços ou pernas, podem fazel-a desaparecer promptamente, applicando as partes affectadas uma pasta feita com pólar. Porcais não irrita, deixa a cutis macia.

**O encanto juvenil.** V. S. poderá ostentar faces de um rosto natural e atractivo, com a simples applicação de um pouco de carminol em pó. Carminol dá ao rosto um aspecto juvenil e permanece adherido mais tempo que o rouge commum.

**O atractivo das cabellas** pôde obter-se fazendo a lavagem da cabeça com stallax, shampoo delicadamente perfumado, que produzirá a ondulação, o brilho e a suavidade das cabellas.

**Os cravos acilam o rosto.** Dissolvendo uma tablete de styrnil rosado em uma chicara de agua quente, dará um efficacissima solução para instantanea extirpação dos cravos. A' venda em todas as boas pharmacies, drogarias e perfumarias, em toda a parte.

## Apprehensivo

Que surpresa terci, alma querida, Quando, no dia que se faz presente, Fitar teus olhos desordenadamente E, nelles, ver o que te vai na vida...

Com que tristeza e com que magua ingente Registrarei minha ilustre perda! Se, desprezando a quem se deu guarida, Ao meu amor fugires facilmente!

Apprehensivo estou... Raafos eu traia, Porque da intriga o miseravel lenho Arrojaran-me a face resequida...

Apprehensivo estou! E, com tetrara, Prevejo se extinguir minha Ventura, Vejo a consumação de minha vida!...

Luciê Terra

degradadamente as offensas. Então puxou da faca e matou friamente o miseravel. Era homem de beio.

O jury absolveu Carlos como inoconsciente. Hoje está recolhido ao hospicio de Curitiba, por ter amado em demasia. Se libero, não sei. Só posso dizer que o amor é a mais perigosa das doenças.

OLIVEIRA FRANCO SOBRINHO

*8 - Dezembro - 1934*

# ☞ O AMOR DE CARLOS ☞

Jornal das Moças - 6 de dezembro de 1934.



Carlos Rodrigues era um desses tipos rústicos do sertão brasileiro. Alto, espaduído, ligeiramente pálido, de uma palidez serena, traços finos, possuidor de uma sensibilidade sutil, espírito bastante confuso em questões de amor. Não compreendia o amor que não trouxesse em seu bojo o ciúme. Nisso estava com Tolstoi (desconhecido para ele). Noivo de Clarissa, a cabocla de olhos verdes, a moça mais bela daquelas paragens, sentia um ciúme doido quando dela se aproximava qualquer pessoa que fosse. Ansiava pelo dia do casamento, para tê-la somente para si. Ser possuidor daqueles olhos, daquele corpo, daquela boca mimosa e daquele todo arrebatador. Fremia sempre, palpitando de amor, quando dela se aproximava. Quando, ao som da viola, entoava canções lânguidas, sentia uma atração irresistível para uma grande vida, para uma vida intensa. Suas modinhas e quadras, inspiradas por Clarissa, corriam de bocca em bocca. E só assim sentia-se libertado das pesadas cadeias da ignorância. Inspiração do amor... O que lhe doía n'alma era não compreender porque Clarissa não sentia ciúmes delle, Carlos. Seria o amor das mulheres diferente do amor dos homens? Tudo pode ser.

— Mas então, Clarissa, quando uma moça se aproxima de mim, tu não sentes nada, nada mesmo? Então tu não me amas!?

– Oh! Carlos! Eu te amo bastante, muito, muito – protestava a moça, enroscando os braços em volta do pescoço do rapaz.

O doutor Euzébio Villa Nova era o ódio concentrado de Carlos. O diabo do médico sempre o perseguia, com aquelas horrorosas palavras de que Carlos precisava era de Freud. Já odiava de verdade aquele tal Freud desconhecido e aquele complexo de Édipo não recalcado que o médico dizia existir dentro dele. – Um dia ainda perco a cabeça – pensava – e arrebento com os miolos desse doutor. Só porque eu amo e me chamam de doente. Onde já se viu isso? Mas Clarissa sempre lhe dizia:

– Calma, calma, meu Carlos; o doutor Euzébio só quer o nosso bem. É amigo da casa. Se ele disse que estás doente, é porque estás mesmo.

– O que eu preciso, Clarissa, é de uma benzedura contra esses invejosos. Eu já ando desconfiado que o doutor Euzébio gosta de ti e está a atrapalhar a gente.

Clarissa concordou silenciosamente com a cabeça.

– Só porque gosto de ti me chamam doente da cabeça e muitas coisas feias mais. Povo miserável! Como se o meu amor estivesse na cabeça! O que eu sinto, Clarissa, quando te vejo, é uma dor aguda pelo coração todo, mas uma dor bastante boa, bastante mesmo. Outras vezes, parece que estou me sufocando. Uma bola sobe e desce pelo corpo.

Clarissa concordava; o amor é uma coisa impossível de se explicar.

– Esse homem, o Carlos, é histérico, meu amigo. Certos sentimentos perigosos que nós temos recalcados, ele não contém. Veja só o grande perigo! É um psicopata em começo. Mais tarde ou mais cedo, ele sofrerá as conseqüências da doença.

Juca Ribeiro – pai de Clarissa – não compreendeu nada. Só viu que sua filha estava em perigo.

No dia seguinte, alvíssima manhã de verão, o médico, doutor Euzébio Villa Nova, foi encontrado morto, no terraço de sua casa. Carlos confessou o

crime, dizendo ter sido ofendido pelo médico na véspera, que dissera tantas coisas dele, tantas, que o pai de Clarissa desmanchava o noivado. Fora tomar satisfações e ele repetira descaradamente as ofensas. Então puxou da faca e matou friamente o miserável. Era homem de brio.

O júri absolveu Carlos como inconsciente. Hoje está recolhido ao hospício de Curitiba, por ter amado em demasia. Se louco, não sei. Só posso dizer que o amor é a mais perigosa das doenças.

# CORREIO *dos* FERROVIARIOS

da Rede de Viação Paraná-Sta. Catarina

FASCICULO 6.<sup>o</sup> — II ANO — MARÇO DE 1935

## CINCOENTENARIO

da

## Estrada de Ferro do Paraná



Medalha Comemorativa

*Oliveira Franco Sobrinho*

CORREIO DOS FERROVIARIOS

— 235 —

## O destino do nosso mundo

Para o «Correio dos Ferroviarios» — Oliveira Franco Sobrinho

Uma civilização tem a mesma fragilidade que uma vida. . .

PAUL VALÉRY

Civilização é um estado extremo a que chega uma espécie superior de homem. É um remate. . .

OSWALDO SPENGLER

Creio que assistiremos no fim de um século, ao fim de uma cultura e de uma civilização. . .

ANDRÉ GIDE

Aquele que observar, com a máxima das serenidades o panorama político do universo não pôde deixar de ficar embasbacado, verdadeiramente assustado e admirado, ante a marcha desordenada dos acontecimentos.

Cada época da historia possui o seu ritmo de vida. A normalidade da vida está na obediencia integral a este ritmo.

Se a idade classica caracterizou-se especialmente por uma evolução suave, gradativa, lenta e viveu centenas de anos para bem compreender os ensinamentos realísticos de Sócrates, de Platão e de Aristoteles; se a idade media trouxe consigo um surto renovador revolucionario, trouxe o renascimento da arte com Leonardo da Vinci, da politica com Machiavel; se assim, todos os tempos se tem caracterizado por fatos importantes da vida coletiva, a nossa época, o tempo em que vivemos, não tem nem o ritmo cultural da idade grega nem o ritmo renascentista da idade media: é simplesmente uma época tragica de confusões fantasticas, de descontroles na politica, de lutas terriveis dentro do campo científico, inovações absurdas no terreno da arte.

Fala-se tanto em civilização. Uns culpam a nossa civilização como a causadora de todos os males sociais, outros identificam civilização com progresso, e outros ainda, defendem a nossa civilização como a detentora maxima de todas as conquistas sociais, politicas, economicas, etc.

Mas, que é civilização? Um moderno conceito sociológico, do qual são, adeptos intransigentes, Oswaldo Spengler o representante maximo da moderna cultura social-alemã, Paul Valéry, o maior escritor da França moderna e seu compatriota André Gide e ainda o alemão Hermann Keyserling, o americano Lotrop Stoddard, diz (esse moderno conceito) que a vida de uma civilização pôde ser comparada á vida de um homem. O que quer dizer, que

como o homem, as civilizações nascem, vivem envelhecem e morrem, não podem absolutamente fugir ao ciclo obrigatorio da existencia humana; o nascimento traz consigo a vida; a vida supõe necessariamente o envelhecimento e a morte.

Da mesma forma que as civilizações, surgem as culturas. Uma vez surgida para a vida uma nova civilização surge logicamente uma nova cultura em relação ao grau de desenvolvimento da civilização. A civilização caminha paralela com a cultura, seguindo as diretrizes da cultura, que segue por sua vez, o desenvolvimento intelectual do homem.

Este é o mecanismo sistematizado pela moderna filosofia e que obedece ao sentido realista da historia. Por isso, as concepções liberaes-democraticas de um Rousseau, que pensava construir uma doutrina eterna para um mundo eterno, e as concepções de Marx, que pensava da mesma forma que Rousseau, construir uma doutrina eterna para um mundo eterno, são falsas. Jean Jacques Rousseau viveu muito antes da revolução franceza num ambiente em tudo aristocratico onde a aristocracia norteava os destinos do mundo e pensou então que a harmonia da vida estava na utopica igualdade natural uma vez que todos os homens nasceram iguaes e livres, mas nao se lembrou, que esse mundo aristocratico que examinava com o brilhantismo do seu talento poderia, de um dia para outro, ser abalado pelo advento de uma revolução renovadora. Assim tambem Marx, que vivendo após os descabidos formidaveis produzidos pela revolução franceza, pensou que a realidade social, seria uma perpetua luta de classes e não se lembrou, que da mesma forma, de um dia para outro, uma revolução qualquer poderia modificar o panorama da vida universal.

Na hora atual, os mesmos problemas que preocuparam os homens do seculo

## ❁ O DESTINO DO NOSSO MUNDO ❁

*Correio dos Ferroviários – março de 1935.*

Aquele que observar com a máxima das serenidades o panorama político do universo não pode deixar de ficar embasbacado, verdadeiramente assustado e admirado, ante a marcha desordenada dos acontecimentos.

Cada época da história possui o seu ritmo de vida. A normalidade da vida está na obediência integral a este ritmo.

Se a idade clássica caracterizou-se especialmente por uma evolução suave, gradativa, lenta, e viveu centenas de anos para bem compreender os ensinamentos realísticos de Sócrates, de Platão e de Aristóteles; se a idade média trouxe consigo um surto renovador revolucionário, trouxe o renascimento da arte com Leonardo da Vinci, da política com Machiavel; se, assim, todos os tempos se têm caracterizado por fatos importantes da vida coletiva, a nossa época, o tempo em que vivemos, não tem nem o ritmo cultural da idade grega nem o ritmo renascentista da idade média: é simplesmente uma época trágica de confusões fantásticas, de descontroles na política, de lutas terríveis dentro do campo científico, inovações absurdas no terreno da arte.

Fala-se tanto em civilização. Uns culpam a nossa civilização como a causadora de todos os males sociais, outros identificam civilização com progresso, e outros,

ainda, defendem a nossa civilização como a detentora máxima de todas as conquistas sociais, políticas, econômicas, etc.

Mas que é civilização? Um moderno conceito sociológico, do qual são adeptos intransigentes Oswaldo Spengler, o representante máximo da moderna cultura social-alemã, Paul Valéry, o maior escritor na França moderna, e seu compatriota André Gide e ainda o alemão Hermann Keyserling. O americano Lotrop Stoddard diz (esse moderno conceito) que a vida de uma civilização pode ser comparada à vida de um homem. O que quer dizer que, como o homem, as civilizações nascem, vivem, envelhecem e morrem, não podem absolutamente fugir ao ciclo obrigatório da existência humana: o nascimento traz consigo a vida; a vida supõe necessariamente o envelhecimento e a morte.

Da mesma forma que as civilizações, surgem as culturas. Uma vez surgida para a vida uma nova civilização, surge logicamente uma nova cultura em relação ao grau de desenvolvimento da civilização. A civilização caminha paralela com a cultura, seguindo as diretrizes da cultura, que segue, por sua vez, o desenvolvimento intelectual do homem.

Esse é o mecanismo sistematizado pela moderna filosofia e que obedece ao sentido realista da história. Por isso, as concepções liberais-democráticas de um Rousseau, que pensava construir uma doutrina eterna para um mundo eterno, e as concepções de Marx, que pensava, da mesma forma que Rousseau, construir uma doutrina eterna para um mundo eterno, são falsas. Jean Jacques Rousseau viveu muito antes da revolução francesa, num ambiente em tudo aristocrático em que a aristocracia norteava os destinos do mundo, e pensou então que a harmonia da vida estava na utópica igualdade natural, uma vez que todos os homens nasceram iguais e livres, mas não se lembrou que esse mundo aristocrático que examinava com o brilhantismo do seu talento poderia, de um dia para outro, ser abalado pelo advento de uma revolução renovadora. Assim também Marx, que, vivendo após os descalabros formidáveis produzidos pela revolução francesa, pensou que a realidade social seria uma perpétua luta de

classes e não se lembrou que, da mesma forma, de um dia para outro, uma revolução qualquer poderia modificar o panorama da vida universal.

Na hora atual, os mesmos problemas que preocuparam os homens do século passado nos preocupam com a mesma intensidade inquietante e angustiante. Qual é o destino reservado ao nosso mundo? Marchamos para o comunismo ou para o fascismo? No fundo, tanto o fascismo como o comunismo são fenômenos quase que iguais, de reação integral contra a displicência da liberal democracia, contra o predomínio de um mundo velho, de um cadáver já apodrecido na direção do nosso novo mundo.

Algo nos diz que tudo está por se renovar. Vamos viver, não o mundo fantástico descrito pelos fariseus hediondos da revolução, mas o verdadeiro mundo para o qual nos impelem os acontecimentos da vida diária. Einstein, Freud, Ratzel e Lapouge são o ponto final da nossa evolução científica; Spengler o ponto final de nossa evolução filosófica, o cubismo, com todas as suas formas loucas e indecentes bem dignas da concepção baixa de arte dos Aretinos modernos, o fim de uma concepção selvagem de arte.

O século XX será o laboratório de onde sairão triunfantes a nova ciência, a nova arte e a nova política.

Marchamos diretamente para a unidade das coisas: veremos a unidade política, a unidade religiosa, a unidade cultural, em oposição a essas variações desordenadas do pensamento político. Cada indivíduo será um operário na construção solene do novo edifício da nova civilização, viveremos todos num só mundo e não teremos, como acontece agora, cada um um mundo à parte.

Este é o nosso destino: a marcha do universo para a unidade integral.

## ❧ CRONOLOGIA ❧

- 1916 - Manoel de Oliveira Franco Sobrinho nasce, em Curitiba, no dia 11 de janeiro
- 1933 - Aos 17 anos, começa a carreira de escritor colaborando para vários jornais e revistas, atividade que mantém durante toda a vida. Filia-se ao Círculo de Estudos Bandeirantes. É nomeado Secretário e posteriormente Presidente do Diretório Acadêmico de Direito, futuro Centro Acadêmico Hugo Simas - CAHS
- 1936 - Forma-se na Faculdade de Direito do Paraná. Escreve a tese “Concessão de Serviços Públicos em Direito Administrativo”
- 1938 - Torna-se Doutor em Direito e é nomeado docente livre de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Paraná e segue a carreira do magistério até a aposentadoria
- 1939 - Torna-se Professor de Sociologia do Ginásio Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná.
- 1941 - Nomeado diretor da sucursal da Empresa Editora “A Noite” no Paraná.
- 1943 - Assume a Cátedra de Direito Administrativo da Faculdade de Direito do Paraná. Empossado como membro da Câmara dos Contribuintes e do Conselho Técnico de Economia e Finanças do Estado do Paraná

- 1946 - Designado Procurador-Geral do Estado
- 1947 - Nomeado Procurador-Regional da Justiça Eleitoral do Paraná
- 1950 - Nomeado Presidente da Caixa Econômica Federal do Paraná
- 1954 - Eleito deputado federal para a legislatura 1955-1959
- 1955 - Eleito membro do Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná
- 1955 - Nomeado Secretário de Estado dos Negócios do Governo do Paraná. Designado para presidir a Comissão de Redação da Câmara dos Deputados
- 1956 - Eleito por jornalistas e diplomado pela Câmara dos Deputados como um dos vinte melhores parlamentares do país
- 1958 - Eleito deputado federal para a legislatura 1959-1963
- 1959 - Representante parlamentar do Brasil na 4ª Reunião do Conselho Interamericano de Jurisconsultos, em Santiago do Chile
- 1960 - Representante do Brasil na Assembléia Mundial da Saúde em Genebra, Suíça. No mesmo ano, participa da 6ª Sessão da Conferência da Unesco em Paris, França
- 1961 - Como representante do Brasil, é designado para compor a 5ª Comissão de orçamento durante a XVI Assembléia Geral das Nações Unidas, realizada em Nova Iorque
- 1962-Suplente de Deputado Federal
- 1964 - Diretor Interino da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná
- 1964 - Presidente do Instituto Nacional do Mate
- 1966 - Eleito para a Academia Paranaense de Letras, na cadeira nº13, cujo patrono é Generoso Marques dos Santos, e o primeiro ocupante o professor Enéas Marques dos Santos
- 1967 - Nomeado o primeiro Juiz Federal para o Estado do Paraná
- 1970 - Diretor do Instituto de Ciências Sociais e Direito Comparado da Universidade Federal do Paraná

- 1971 - Diretor Interino da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná
- 1972 - Nomeado Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná
- 1974 - Participa como representante do Brasil em Buenos Aires, da Reunião dos países latino-americanos sobre economia, problemas jurídicos e políticos, relativos a empresas públicas e multinacionais
- 1975 - Aclamado como presidente do Instituto Brasileiro de Direito Administrativo, criado durante o 1º Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, realizado em Curitiba
- 1977 - Professor Honorário da Facultad de Ciencias Jurídicas e Sociales de la Universidad de Mendoza, Argentina, e Professor Honorário da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, no Peru. Membro correspondente da Asociación Argentina de Derecho Administrativo
- 1978 - Recebe o título de Vulto Emérito de Curitiba
- 1982 - Conselheiro consultivo do Instituto Internacional de Derecho Administrativo Latino em Montevideú, no Uruguai
- 1985 - Recebe o título de Professor Honorário do Colégio Mayor de Nuestra Señora Del Rosário, em Bogotá, Colômbia. Agraciado pelo Tribunal Superior do Trabalho com a Comenda de Grande Oficial da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho
- 1986 - Diretor do Setor de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Paraná
- 1990 - Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná
- 1993 - Nomeado pelo Presidente Itamar Franco para participar da Comissão de Revisão Constitucional
- 1997 - Presidente de Honra do 1º Congresso Sul- Americano de Direito Administrativo, em Foz do Iguaçu, no Paraná. No mesmo ano, é Presidente de Honra do XI Congresso Brasileiro de Direito Administrativo, em Vitória, Espírito Santo

- 1998 - Presidente de Honra do XII Congresso Brasileiro e II Congresso Sul-americano de Direito Administrativo, em Foz do Iguaçu, no Paraná
- 2000 - Recebe o título de Membro Honorário da Academia Brasileira de Letras Jurídicas
- 2002 - Falece, em Curitiba, em 17 de julho
- 2002 - O Foro da Justiça Federal da Seção Judiciária do Paraná, recebe seu nome
- 2003 - O Fórum Eleitoral de Umuarama recebe seu nome
- 2004 - A Editora Fórum lança o livro Direito Administrativo Contemporâneo - Estudos em Memória ao Professor Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

❧ BIBLIOGRAFIA ❧

- Concessão de Serviços Públicos em Direito Administrativo.* Curitiba: João Haupt, 1936.
- Do conceito do contracto administrativo.* Curitiba: Livraria Mundial, 1937.
- Noção Social de Autarquia.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.
- Noção Jurídica de Autarquia.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.
- Autarquias administrativas.* São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939.
- Os serviços de utilidade pública.* Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1940.
- Caxias e o destino do Brasil.* Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1942.
- Desapropriação por utilidade pública.* Curitiba: João Haupt & Cia., 1942.
- O problema da municipalização dos serviços públicos.* Curitiba: João Haupt & Cia., 1942.
- Afirmações na prática do Direito Internacional.* Rio de Janeiro: DASP, 1960.
- Defesa do direito adquirido.* Curitiba: Lítero Técnica, 1963.
- Reflexões sobre o Direito Internacional Político.* Curitiba: Imprensa da UFPR, 1963.
- O homem na comunidade política internacional.* Curitiba: Imprensa da UFPR, 1964.
- Ensaio sobre a mecânica política do Estado.* Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Justiça, 1965.

*Município e municipalização*. Brasília: DASP, 1966.

*Estudos de Direito Público*. Brasília: Serviço de Documentação do Ministério da Justiça, 1966.

*Política, Estado, Constituição*. Curitiba: [datilografado], 1968.

*Subversão e contra subversão*. Curitiba: Conselho de Pesquisas da UFPR, 1969.

*História breve do constitucionalismo no Brasil*. Curitiba: Editora da UFPR, 1969.

*A prova no processo administrativo*. Curitiba: Editora da UFPR, 1971.

*Introdução do Direito Processual Administrativo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1971.

*Fundações e Empresas Públicas*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1972.

*A prova administrativa*. São Paulo: Saraiva, 1973.

*Desapropriação*. São Paulo: Saraiva, 1973.

*O controle da moralidade administrativa*. São Paulo: Saraiva, 1974.

*Comentários à reforma administrativa federal*. São Paulo: Saraiva, 1975.

*Manual dos municípios*. São Paulo: Resenha Universitária, 1975.

*Empresas públicas no Brasil*. São Paulo: Resenha Universitária, 1975.

*Do mandado de segurança nas desapropriações*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.

*Da competência administrativa*. São Paulo: Resenha Universitária, 1977.

*Desapropriação*. São Paulo: Resenha Universitária, 1977.

*Da desistência nas desapropriações. Jurisprudência Brasileira – Desapropriação*. Curitiba: Juruá, 1978.

*Curso de Direito Administrativo*. São Paulo: Saraiva, 1979.

*Direito Administrativo aplicado e comparado*. São Paulo: Resenha Universitária, 1979.

*Atos administrativos*. São Paulo: Saraiva, 1980.

*Contratos administrativos*. São Paulo: Saraiva, 1981.

*Ensaio sobre a teoria do órgão*. Curitiba: Editora da UFPR, 1981.

*Matéria expropriatória*. Curitiba: Editora da UFPR, 1982.

*Obrigações administrativas*. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

*Regimes Políticos*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

*Parlamentarismo – Presidencialismo*. Curitiba: Editora da UFPR, 1985.

*Desapropriação*. São Paulo: Saraiva, 1989.

*O Princípio Constitucional da Moralidade Administrativa*. Curitiba: Gênese, 1993.

*Da competência constitucional administrativa*. Curitiba: Gênese, 1995.

*Desapropriação*. São Paulo: Saraiva, 1996.

#### Livros editados pelo Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

*O Magistrado – Registro da Homenagem prestada pela Justiça Federal*, Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2003.

*O Cidadão - Coletânea de Crônicas de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho*, Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2004.

*O Literato Precoce – Coletânea de Artigos Literários de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho publicados em jornais*, Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, 2004.

---

Esta obra foi composta por Taperouge Editorial Designs ([design@taperouge.com](mailto:design@taperouge.com)) em Garamond e Garamond Light Condensed, e impressa pela Oficina do Impresso em off-set para o Instituto Manoel de Oliveira Franco Sobrinho em agosto 2005.





